

Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

O *Shabat* e a Conservação do
Judaísmo.
O Sétimo Dia Faz Renascer a
Quintessência e a Partícula
Elementar do Universo

Dissertação de Mestrado de:
Aleksandra Lavor Serbim Umbelino,
tendo como orientadora
a Prof^a. Dr^a. Tânia N. Kaufman.

*Este trabalho foi escrito por sete mãos:
As minhas, as da minha orientadora,
as dos meus interlocutores e a
mão de Deus por sobre as demais.*



DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à memória do meu avô, Lódino Felipe Serbim, que apesar de não tê-lo conhecido pessoalmente, tive o prazer de redescobrir bem mais de seu universo por meio do estudo daquilo que ele me deixou de mais valioso o *Shabat*.

<p style="font-size: small;">Não é válido o retrato que não tiver o carimbo do Instituto</p> <p style="font-size: small;">F. D. Série V-4344 Seção V-4042</p>		<p style="text-align: right;">SERVIÇO DE REG. ... NGEIROS</p> <p>Admitido no território nacional em caráter <u>permanente</u> <small>(permanente ou temporário)</small></p> <p>com permanência <u>legal</u> nos termos do art. <u>13º</u> do dec. n. 3.010, de 20 de Agosto de 1938.</p> <p>Data do desembarque <u>Junho 1939</u></p> <p>Embarcação <u>Recife</u></p> <p>Porto <u>Recife</u></p> <p>Passaporte n. _____ expedido em _____ <small>(cidade) (data)</small></p> <p>Visado pela autoridade consular brasileira em _____ sob n. _____ no ano _____</p> <p>Macéió, <u>21</u> de outubro de 19<u>39</u></p> <p style="text-align: right;"><i>J. Augusto</i> CHefe DO SERVIÇO</p>
<p>POLEGAR DIREITO</p> 		<p style="font-size: x-large; transform: rotate(-90deg);">Lódino F. Serbim</p> <p style="font-size: x-small; transform: rotate(-90deg);">ASSINATURA DO PORTADOR</p>

<p>REGISTRO N. <u>09089</u></p> <p>Esta carteira de identidade pertence a <u>Lódino F. Serbim</u></p> <p>Natural de <u>Personabiva</u></p> <p>Nascimento <u>19 de Outubro de 1886</u></p> <p>Filiação <u>Felipe Serbim e de Maria Serbim</u></p> <p>Côr. <u>Branco</u></p> <p>Nacionalidade <u>Brasil</u></p> <p>Macéió, <u>17 de Outubro</u> de 19<u>39</u></p> <p style="text-align: right;">DIRETOR</p>	<p style="text-align: center;">- 1 -</p> <p>REGISTRO N. <u>134</u></p> <p>Nome <u>Lódino F. Serbim</u></p> <p>Observações <u>Os selos que estavam sobre a presente carteira, no valor de dez mil e duzentos reais (R\$ 20.000) de rebam a partir da presente expedição ao Secretário do Interior, Com. Negócios e Saúde, requerendo o competente registro, conforme determinação regulamentar, interna, da repartição. Não apresentem passaporte, usando das prerrogativas que lhe confere o § 1º do art. 150º do decreto-lei n.º 306 de 20 de agosto de 1938.</u></p>
--	--

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, professora e amiga, Tânia Kaufman, que me deu a oportunidade de aprender sobre toda a beleza do Shabat, do judaísmo, e da arte de reviver. Juntamente agradeço a importante colaboração de todos que fazem parte do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco (AHJPE); a todos da comunidade judaica do Recife, que carinhosamente abriram suas portas (direta ou indiretamente) para mim, e em particular ao Sr. Mário Feller, o primeiro que me concedeu o seu precioso tempo para me ajudar nesta busca de conhecimento; Agradeço em especial à Congregação Israelita de Pernambuco (antigo Grupo Renascer), personalizada na figura do seu idealizador, o saudoso Sr. Isaac Schachnik, que me recebeu e disponibilizou toda sua sabedoria, com simplicidade e generosidade. O Sr. Isaac Schachnik apesar de não estar mais presente fisicamente entre nós, desde 30 de março de 2003, estará sempre presente na memória social e cultural da comunidade por ter feito “renascer” o *Shabat* no coração das novas gerações. Sem dúvida renascerá a cada *Shabat*, nas luzes das velas acesas, em cada geração, como no mito da *fênix*.

Quero agradecer também aos meus colegas de turma e meus professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da UFPE, que juntos colaboraram para o enriquecimento da minha aprendizagem. Um agradecimento especial aos professores do Departamento de Química Fundamental da UFPE, Antônio Carlos Pavão e Ribamar Santos, ao meu primo e aluno do mesmo departamento, Lódino Serbim, que pacientemente se prestaram a ajudar na construção de uma ponte entre a Antropologia e a Química.

Agradeço a todos os meus interlocutores que se prestaram a abrir suas vidas para que eu pudesse compreender como o *Shabat* faz parte de suas identidades. E também àqueles que mesmo sem tomar conhecimento puderam colaborar com a construção desta pesquisa, graças às entrevistas que deram anteriormente ao AHJPE. Destaco o agradecimento pelo apoio, carinho e compreensão de todos os meus familiares, em especial minha mãe e minha tia.

E, finalizo com o agradecimento para Aquele sem o qual nada seria possível de ser realizado. Falo do meu Deus, pela força e inspiração em Sua obra e natureza. O Deus de meus pais, de meus avós. O Deus único de Abraão, Isaac e Jacó.

“Na minha casa sempre fomos bastante religiosos, sempre observamos o Shabat, sempre, sempre... Porque é o dia mais importante da semana, do ano. É o dia mais importante do calendário judaico é o Shabat, porque é o dia em que Deus tendo terminado de criar o mundo, tendo terminado essa invasão de matéria, criou água, terra, céus, astros, estrelas, minerais, vegetais, o homem, então Ele parou e fez esse intervalo que é o Shabat. Um dia totalmente dedicado ao espírito... Ele é o momento em que nós aproveitamos para estar todos reunidos para vivenciar a religião e inclusive fazer outras coisas que não são propriamente religiosas... A maior meta é essa, voltar a congregar... O Grupo Renascer ocupa o papel de não deixar morrer o judaísmo”. Sr. Isaac Schachnik / Fevereiro 2003.

ÍNDICE ANÁLITICO

	Página
DEDICATÓRIA	03
AGRADECIMENTOS	04
RESUMO	07
ABSTRACT	09
APRESENTAÇÃO	11
PRIMEIRA PARTE - A Que Se Propôs a Pesquisa	13
Capítulo Um: A Escolha do Tema.....	14
Capítulo Dois: Introdução.....	17
Capítulo Três: Como foi Realizada a Pesquisa.....	20
SEGUNDA PARTE - Definição do Objeto de Pesquisa	24
Capítulo Quatro: O Que é o <i>Shabat</i>	25
Capítulo Cinco: Simbolismo do <i>Shabat</i>	34
TERCEIRA PARTE - Uma Breve Etno-história	39
Capítulo Seis: O <i>Shabat</i> na História do Mundo.....	40
Capítulo Sete: O <i>Shabat</i> na História de Pernambuco.....	42
QUARTA PARTE - Renascer É Preciso	50
Capítulo Oito: A Trajetória de Uma Religiosidade.....	51
Capítulo Nove: Um <i>Shabat</i> que Faz Renascer.....	60
QUINTA PARTE - Descobrimo A Pedra Filosofal	66
Capítulo Dez: Uma Etnografia da Alquimia ou Uma Alquimia Etnográfica?..	67
Capítulo Onze: O Primeiro Elemento - O Fogo.....	86
Capítulo Doze: O Segundo Elemento - A Água.....	98
Capítulo Treze: O Terceiro Elemento - A Terra.....	107
Capítulo Quatorze: O Quarto Elemento - O Ar.....	117
Capítulo Quinze: O Quinto Elemento - O <i>Shabat</i>	123
SEXTA PARTE - Descobrimo A Tabela Judaica Periódica	137
Capítulo Dezesseis: Modernidade - Mudança x Continuidade.....	138
SÉTIMA PARTE - Repousando em Nossas Impressões Finais	159
Capítulo Dezessete: (Con) templando a Criação.....	160
BIBLIOGRAFIA	162
ANEXOS	170

RESUMO

Este estudo trata do ritual judaico do *Shabat*, visto aqui como um rito de passagem do momento profano para o sagrado. *Shabat*, que em hebraico significa repouso, é o período correspondente ao sétimo dia, o sábado. Como no calendário judaico o dia se inicia no final da tarde, o *Shabat* tem seu início no pôr do sol da sexta-feira, indo até o pôr do sol do sábado. Por ser um ritual milenar, é mostrada a sua origem, sua descrição, o espaço que ele ocupa no ciclo semanal judaico, a sua vivência ao longo de todo esse tempo de existência, e de que forma ele colabora para a manutenção do próprio povo e cultura judaica.

É analisado como esta tradição ainda pode servir de referência de identidade, apesar de todas as mudanças sócio-culturais ocorridas através do tempo, seja pelas diásporas ou pelas necessidades de transformações e adaptações existentes na sociedade moderna. Para isso o estudo tem na etno-história em elemento fundamental para as análises feitas, o que faz desta uma pesquisa de cunho diacrônico e sincrônico.

Como o foco é o *Shabat* na atual comunidade judaica do Recife, para a construção desta etnografia é buscado o espaço que esse rito ocupa em Pernambuco, desde o período quinhentista, época dos cristãos-novos e cripto-judeus em meio à inquisição, passando pela posterior formação da primeira comunidade judaica de Pernambuco, no século XVII, até emergir a segunda (atual) comunidade. Assim é possível compreender a dinâmica do *Shabat*, com seus resquícios de interculturalidade da sociedade local e sua vivência na comunidade judaica. Foi

escolhido o Grupo Renascer (atualmente denominado de Congregação Israelita de Pernambuco - CIPE), para a realização do estudo sincrônico.

A idéia central reside na afirmação de que, apesar do *Shabat* se apresentar na atual comunidade de forma tênue, dando uma possível percepção de sua fragmentação devido às mudanças sócio-culturais, ele continua com a mesma força que sempre fez dele um rito de integração do povo e perpetuação dos valores judaicos. A sua mudança é tida como um fenômeno necessário para que ele permaneça. Deste modo, a compreensão do objeto é construída a partir dessa dialética entre mudança X continuidade. Os conceitos principais trabalhados são os de: identidade, tradição e memória social.

Todo o âmbito da pesquisa é feito a partir do olhar da antropologia simbólica e do imaginário, sendo utilizados também os seguintes instrumentos da antropologia complexidade: a migração de conceitos e a metáfora. Através desses instrumentos é construída uma ponte entre os fenômenos antropológicos em questão com a história e leis da química. Deste modo, o escrever metafórico e os conceitos utilizados gerarão em torno do universo alquímico, especificamente os quatro elementos (fogo, água, terra e ar), a busca pelo quinto elemento (ou Quintessência), e o desenvolvimento da química moderna, destacando a Lei da Preservação da Matéria (de Lavoisier) para mostrar que embora a expressão da tradição do *Shabat* tenha se transformado, este ritual continua servindo como elemento fundamental para a conservação do judaísmo.

ABSTRACT

This study deals with the Jewish ritual of the Sabbath here seen as a passing ritual from the profane to the sacred. Sabbath, which in Hebrew means to cease, corresponds to the seventh day, the Saturday. Since in the Jewish calendar the day begins in the end of the afternoon, the Sabbath has its start in the Friday's sunset, during until the Saturday's sunset. Because it is a millenary ritual, its origin is shown, its description, the place it takes in the weekly Jewish cycle, its living through all this existence time, and the way it collaborates to the maintenance of the very Jewish people and culture.

It is analyzed how this tradition can still serve as identity reference, in despite of all social-cultural changes occurred throughout the time, by the several dispersions or by the necessity of transformations and adaptations existing in the modern society. For this purpose this study has in ethnic-history a fundamental element to the analysis done, what make of this research of synchronic and diachronic orientation.

Since the focus is the *Sabbath* in the present Jewish community in Recife, in behalf of the construction of this ethnography it is searched the place it ritual takes in Pernambuco since the sixteenth century period, time of the New-Christians and crypt-Jews among the Inquisition, passing through the later formation of the first Jewish community in Pernambuco, in the seventeenth century, until the rise of the second (the present) community. This way it is possible to understand *Sabbath's* dynamic, with its cultural intercourse in the local society and its living in the Jewish community. It was chosen the Grupo Renascer (presently denominaded Congregaçã

Israelita de Pernambuco – CIPE / *Jewish Pernambuco Congregation*) to the synchronic study realization.

The main idea resides in the assertion that, although the *Sabbath* presents itself weakly in the present community, giving a possible perception of its fragmentation because of the social-cultural changes, it continues with the same prominence that made of it a rite for the people integration and immortalization of the Jewish values. Its change is taken as a necessary phenomena for its permanence. This way, the comprehension of the object is built from this dialectics between changing vs. Continuance. The main concepts deleted with are: identity, tradition and social memory.

All the research precinct is done from the symbolic anthropology view and the imaginary, being used also the following instruments of the anthropology of complexity: concepts migration and metaphor. Through these instruments it is built a bridge of the anthropological phenomena in question with the chemistry history and laws. This way, the metaphorical writing and the used concepts will generate around the alchemic universe specifically the four elements (fire, water, earth and air), the search for the fifth element (or Quintessence), and the development of modern chemistry, giving prominence to the Substance Preservation Law (Lavoisier) to show that although the expression of the *Sabbath* tradition has been transformed, this ritual continues to serve as fundamental element to the maintenance of Judaism.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo revelar, à luz das ciências antropológicas, o ritual judaico do *Shabat*, buscando entender seu significado e como este ritual religioso pode ser um importante referencial de formação e manutenção da identidade grupal.

Para isso será apresentado todo o caminho percorrido pela pesquisadora para realização deste estudo, que contou com a valiosa colaboração de todos os interlocutores, os quais ao longo dos anos de pesquisa prestaram-se a dar as informações imprescindíveis para uma compreensão clara do objeto de estudo, e que, juntamente com os teóricos ouvidos e a orientação recebida, foi possível somar dados para a construção desta etnografia.

Estudar o fenômeno do *Shabat* abriu as portas para o estudo da Congregação Israelita de Pernambuco (o Grupo Renascer), que pelo seu nome já se pode reconhecer sua proposta: resgatar os valores culturais-religiosos do judaísmo através de suas vivências. Desse modo foi possível a inserção no contexto ritualístico atual, além de também nos condução para uma contextualização sócio-histórica, o que faz deste um estudo sincrônico e diacrônico.

Entender como as interfaces da identidade judaica pode ser refletida na vivência do *Shabat* faz deste trabalho uma fonte de saber comprometida por trazer à tona ações, contradições e adaptações de uma cultura milenar. Judaísmo é aqui a representação plena de pessoas que compartilham atos, onde se tem como pano de fundo as mudanças sócio-culturais. E a compreensão da identidade se dará entre os

atos contínuos — que se voltam para a preservação de uma tradição — e os não-contínuos — referentes àqueles ameaçadores da tradição.

E, nesta tensão entre ruptura e continuidade, descobre-se um grupo que renasce continuamente. Para explicar sua trajetória não-linear foi preciso usar desde “poções” e ideais alquímicos até leis e conceitos científicos da química moderna.

Procurou-se aqui entender um universo macro através do olhar do micro. Desta feita, o judaísmo será visto como um enorme laboratório, o qual em meio às reações adversas elaborou uma medida para sua conservação.

Renascer é assim o símbolo máximo de uma luta que se trava semanalmente, tendo como sobrevivente o *Shabat*.

PRIMEIRA PARTE - A QUE SE PROPÔS A PESQUISA

CAPÍTULO UM:

A ESCOLHA DO TEMA

Há cerca de dois anos e meio foram iniciados estes estudos sobre o *Shabat* dentro da academia. Entretanto, ele sempre fez parte do meu cotidiano. Desde criança pude vivenciar o *Shabat* em todo seu aspecto ritualístico-religioso, pois cresci dentro de uma religião que tem como um dos seus principais pilares a guarda do sábado - a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Recuando um pouco no tempo, antes mesmo de nascer, houve um personagem familiar que fez com que toda sua família aprendesse a respeitar e guardar o sábado. Refiro-me aqui ao meu avô materno Lódino Felipe Serbim: estrangeiro, vindo da Bessarábia, Ucrânia, em junho de 1912, como um passageiro refugiado e escondido em um navio onde a maioria era de origem judaica, ocasião em que ele fez alguns amigos. Dentre eles se destaca o Sr. Moisés Mutchnick, pessoa com quem meu avô passava a maior parte do tempo, seu amigo até o seu falecimento.

Só depois do falecimento do meu avô alguns tios maternos comentaram o fato de que ele era judeu. Dizia-se que ele tinha costumes de um judeu, mas o principal costume que chamava a atenção era de sua rigurosidade para com o *Shabat*. Tudo tinha que estar pronto para receber o *Shabat*, não permitindo que ninguém sequer tomasse mais banho depois de passado o pôr do sol da sexta-feira.

Já velho, ele se abraçou à religião Adventista do Sétimo Dia, onde foi por Alagoas e Pernambuco um eminente líder religioso, tendo fundado várias igrejas. Supõe-se assim que ele tenha vivido um dilema em sua identidade religiosa, sendo

judeu na esfera mais secreta, e cristão Adventista do Sétimo Dia na esfera mais pública. E era o *Shabat* o ponto de intersecção dessas duas identidades, o que permitiu que ele se sentisse integrado entre os não judeus, mas mantivesse os seus costumes judaicos. Numa espécie de cripto-judaísmo do século XX.

Apesar de ter sido um grande industrial e comerciante, a verdadeira herança que ele deixou para os seus descendentes foi o *Shabat*, estando fortemente presente hoje até sua quarta geração. Esta idéia de herança reforça a teoria defendida por alguns autores que afirmavam ser os costumes e tradições um “Patrimônio Sócio-histórico” de um povo, mantendo e fazendo renascer a identidade de um grupo que, no caso dos judeus, passou por diversas adversidades em meio a perseguições, diásporas, e mudanças sócio-culturais.

Todas essas informações foram o chão do caminho que me levou a buscar entender a força da tradição do *Shabat*. Inquietações de cunho pessoal nos lançam numa vida acadêmica, onde temos um compromisso mais amplo: lançar mão da ciência para responder questões de uma dimensão não mais pessoal e sim social.

Outra personalidade mui cara neste caminho foi o Sr^o Mário Feller, judeu de origem romena, convertido para a religião Adventista do Sétimo Dia e um grande amigo e estudioso sobre religião. Novamente aqui estaria presente um conflito maior de identidade, não fosse o *Shabat* como elemento de unificação de culturas distintas. Com ele tive a grande oportunidade de começar a entender como se dá a construção/manutenção dessa identidade judaica, em meio às diferenças culturais.

E finalmente, ao conhecer a minha orientadora, a Prof^a. Dr^a Tânia N. Kaufman, tive a oportunidade de conhecer e pertencer, como pesquisadora, ao GIEJ - Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Judaísmo, do Programa de Pós-Graduação

em Antropologia da UFPE. Assim, desde maio de 2000 pude iniciar, sob a coordenação da mesma, uma série de estudos que iam aprofundando os nossos conhecimentos a respeito do objeto da pesquisa. E, embora seja este objeto muito familiar, pelo convívio com a tradição da guarda do Sábado desde a infância pude conhecê-lo dentro de um outro contexto - o da comunidade judaica. Agora é *Shabat* e existe todo um corpo de rituais mais incorporados, fazendo deste um grande espetáculo aos olhos e à alma.

A minha entrada no mestrado, em março de 2001, oficializou estes estudos, dando-lhes um caráter etnográfico, o que irá constituir para a sociedade acadêmica uma fonte de informações sobre o assunto, ainda não estudada até então. Compartilhar, através desta dissertação, o que conhecemos sobre o *Shabat* e a identidade cultural de um grupo é o fim último, sabendo que deste compartilhar nascerão novos questionamentos, que resultarão em outros desdobramentos desse estudo, sendo este lançado a todos os que assim desejarem.

CAPÍTULO DOIS:

INTRODUÇÃO

Todas as inquietações individuais de explicar o que é esse dia sagrado uniu-se a uma necessidade de introduzir, no universo acadêmico, pesquisas que se voltassem para entender tal fenômeno cultural. Já que não havia dentro da antropologia nenhuma produção científica que vislumbrasse a compreensão deste objeto de estudo, a presente pesquisa se propõe a fazê-lo desde a sua origem, discorrendo sobre a formação de sua ritualística, sua importância para a sociedade mais ampla, como ele está inserido dentro do judaísmo e de que modo ele pode servir de referencial de identidade, evitando que a cultura judaica se fragmente.

Inicialmente a investigação pretendeu apresentar o que de fato é a tradição do *Shabat*, como ela se apresenta e qual o seu significado para a comunidade judaica do Recife, por meio da descrição de seus ritos e estudo de seus mitos e símbolos.

A sua problemática central gira em torno do fato de que: existe uma fragmentação da prática do *Shabat* na comunidade judaica do Recife, o que se reflete na sua forma de sua expressão, e num possível enfraquecimento da identidade desta comunidade.

Diante do exposto, o projeto de pesquisa buscou responder sobre:

- O significado e a dinâmica do *Shabat* na vida dos que formam a comunidade judaica no Recife;
- Até que ponto o *Shabat* pode (ainda) servir de referencial de identidade judaica;
- Por que o Grupo Renascer, formado em 1996 com uma proposta de revitalizar a consciência religiosa judaica, com participação predominante de pessoas

convertidas ao judaísmo, está resgatando a vivência do *Shabat* com maior intensidade do que o restante da comunidade;

- Como o *Shabat*, pela sua simplicidade, pode servir como uma estrutura fundamental para a conservação do judaísmo.

Constitui uma preocupação mostrar neste trabalho em que dimensões este rito proporciona uma maior coesão da identidade judaica do grupo que forma a atual comunidade, o que demonstra a idéia principal a ser defendida nesta pesquisa, que é: apesar das mudanças sociais e das diversas diásporas pelas quais passou o povo judeu, o *Shabat* continuou servindo como uma âncora e um referencial da identidade judaica, mesmo de forma alterada ou latente neste grupo e na sociedade.

Para este estudo foram trabalhados os conceitos de identidade, tradição e memória social. A análise etnográfica foi feita utilizando-se do contexto e das terminologias da história da química (desde a alquimia à química moderna) para analisar o ritual do *Shabat* na conservação do judaísmo.

Tal fato reflete-se em valores interpretativos particulares ao contato do grupo e repercute na institucionalização de tradições, que por sua vez tornam-se essenciais à cultura, inspirando os ensinamentos formais e informais das gerações antecedentes. Deste modo, ao tomar parte não só na formação do indivíduo, como também na consolidação do grupo, torna-se um modelo coletivo de coesão grupal.

O estudo tradição segue dentro do contexto ruptura X continuidade, analisando como as mudanças sócio-culturais podem interferir na manutenção desta tradição, e como esta tradição pode ser atualizada e reinventada.

A compreensão do presente objeto de estudo se dará pelo viés da antropologia do imaginário e simbolismo, que permite trabalhar todo o universo

mítico¹ do *Shabat* explorando seus signos, símbolos e significados mais profundamente internalizados e arraigados na sociedade.

A antropologia da complexidade também se unirá nessa construção de um saber, buscado por meio de seus instrumentos: a migração de conceitos e a metáfora. Pela migração de conceitos surgem as metáforas, mas, segundo Morin, é preciso criá-las sabendo que são metáforas. Grandemente defendida e utilizada por autores da antropologia simbólica e da complexidade, a linguagem metafórica é capaz de descrever e explicar os fenômenos estudados a partir de coisas do cotidiano de todos, usadas para substituir uma linguagem de domínio mais particular.

A vasta obra de Bachelard a respeito dos elementos da natureza será utilizada na construção dessas metáforas, quando se faz uso da descrição cinco elementos da natureza² para explicar a trajetória do povo judeu e o *Shabat*. Dentro do contexto do desenvolvimento e das descobertas da alquimia, o *Shabat* será descrito como um próprio ritual alquímico, devido aos seus ideais se dirigirem em paralelo aos ideais pregados por essa ciência milenar - a busca de Deus, a felicidade, a cura dos males, a vida eterna.

Já mais adiante, tanto com o avanço dos métodos científicos da química como da constituição do povo judeu na modernidade, o *Shabat* aparece no contexto dessa química moderna, para explicar através de suas leis científicas como esse rito se faz presente na conservação de uma cultura e de um povo, mesmo em meio às mudanças sócio-culturais.

¹Mítico no sentido de ser uma verdade sagrada, conforme a definição de mito para a antropologia.

²O fogo, a água, a terra, o ar e acrescentando o quinto elemento como sendo

CAPÍTULO TRÊS:

COMO FOI REALIZADA A PESQUISA

Inicialmente a metodologia se preocupou em investigar o que era o *Shabat*, para tal buscou informações em livros religiosos e revistas da área, entrevistas com líderes religiosos, membros da comunidade e sites na internet. Isto foi importante pois pôde identificar a vivência do *Shabat* em sua versão mais tradicional, para então poder compreender como se encontra essa vivência hoje.

Partindo do pressuposto de que para se entender a dinâmica do *Shabat* na comunidade judaica do Recife atualmente seria necessário entender o espaço que ele ocupou ao longo da história do povo judeu, tanto em Pernambuco, quanto no mundo, a metodologia desta pesquisa se localiza em duas dimensões distintas, porém complementares, que são: a instância diacrônica e a sincrônica.

Na primeira buscou-se localizar todas as fontes que contivessem dados referentes à vivência do *Shabat* pelo povo judeu, além da visão que a sociedade da época tinha deste ritual. Juntamente com o Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco e o Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Judaísmo do PPGA da UFPE, foi possível obter informações de autores que descreveram o cotidiano da vida social pernambucana, desde a época quinhentista, passando pela presença dos holandeses, quando se formou oficialmente a primeira comunidade judaica de Pernambuco, até a chegada dos imigrantes no início do século XX, que formaram a segunda comunidade.

aqui o *Shabat*.

Pesquisando em livros raros, mapas, quadros de pintores da época colonial, foi possível construir a imagem dos judeus e dos cristãos-novos no Brasil quinhentista, retratando o papel que estes representaram na sociedade, seus comportamentos, os relacionamentos sócio-culturais e as expressões de suas crenças e seus ritos, em especial o do *Shabat*. Houve também visitas aos engenhos do interior de Pernambuco que foram de propriedade dos judeus e cristão-novos. Um dos mais conhecidos e de maior importância foi o Engenho Camaragibe.

Já para retratar o século XVII, quando se estabelece a primeira comunidade judaica em Pernambuco, houve maior facilidade em se encontrar os dados referentes para mostrar a organização social e a expressão cultural dos judeus. Historiadores, arqueólogos e antropólogos interessados neste cenário serviram de fontes para extrair as informações necessárias, em forma de compilações.

Complementando o olhar etno-histórico, além das consultas aos livros da época, houve entrevistas com especialistas e visitas aos museus e instituições culturais que conservam tais dados em arquivos, como a Fundarpe, o Instituto Histórico Geográfico e Arqueológico de Pernambuco, o Arquivo Público de Pernambuco, a Biblioteca Estadual de Pernambuco, a Casa de Leitura Portuguesa, Biblioteca Nacional (RJ), Arquivo Histórico Nacional (RJ), entre outros.

Para circunscrever o cenário social e cultural do início do século XX, a procura foi simplificada pela existência dos dados contidos no Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, que relatam através de entrevistas com os imigrantes e suas gerações descendentes, fotos, livros e objetos da época, o clima necessário para a leitura da construção da atual comunidade judaica em Recife. Foram escolhidas

aleatoriamente algumas dessas entrevistas, e ao serem ouvidas, ia-se transcrevendo os fatos relevantes à pesquisa.

De posse dessas informações, deu-se início ao trabalho de campo propriamente dito, já na dimensão sincrônica. Foram realizadas diversas observações participantes com a Congregação Israelita de Pernambuco (o Grupo Renascer), durante as cerimônias do *Cabalat Shabat*. Houve participação em vários eventos da comunidade judaica, seja de natureza cultural ou religiosa. Teve-se a oportunidade da realização de uma observação participante de uma cerimônia de *Cabalat Shabat*, na residência de uma família pertencente à comunidade. Foram registrados alguns momentos significativos para a pesquisa através da captação de imagem por fotografias. E para concluir os dados foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas com membros da comunidade judaica do Recife e, especificamente os membros da Congregação Israelita de Pernambuco. A estruturação das perguntas variava de acordo com cada entrevistado, dependendo de sua situação como membro da comunidade, porém buscou-se em todas as entrevistas saber a história de vida familiar, a participação dentro da comunidade, e, como era a percepção, o papel do *Shabat* em suas vidas.

Para a montagem da presente descrição etnográfica escolhi fazê-la através do uso dos instrumentos da antropologia da complexidade: a metáfora e a migração de conceitos. Segundo Morin (1990) *“A história das ciências é feita de migração de conceitos, ou seja, literalmente de metáforas. O conceito de trabalho, de origem antro-po-sociológica, tornou-se um conceito físico... A ciência estaria totalmente engarrafada se os conceitos não migrassem clandestinamente. Mendelbrot dizia que*

as grandes descobertas são o fruto de erros no transfert dos conceitos de um campo para outro.” PP. 169-170.

E a migração de conceitos vem à tona com a união da linguagem de outra ciência - a alquimia e a química, trazendo o sentido de seus termos e métodos para explicar os eventos antropológicos estudados nesta pesquisa.

Escrever os capítulos que se utilizam dos termos da química só foi possível com alguns conhecimentos prévios desta outra área científica, o que veio através da leitura de obras sobre o assunto, entrevistas e consultas com profissionais da área, levantamento bibliográfico básico e pesquisas em sites especializados. Esse “tecer junto”, é o que Morin (1990), defende como sendo o caminho para se atingir uma trans-universalidade através da trans-disciplinaridade.

Essa visão universal não diminui o valor da subjetividade das narrações, pelo contrário, será a subjetividade que dará a dimensão da trans-universalidade, já que segundo Morin (1990) o todo está na parte e a parte está no todo.

Ainda sobre a busca pela compreensão da subjetividade, segundo Durand essa está imanente ao simbólico e ao imaginário, sua relação com estes últimos é clara. Diz ele sobre a construção das narrativas nos sistemas simbólicos: *“um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa”*. (1997, PP. 62).

SEGUNDA PARTE - DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

CAPÍTULO QUATRO:

O QUE É O *SHABAT*

A *TORAH* E SEU SIGNIFICADO NO JUDAÍSMO

Não se pode falar do Shabat sem ter um prévio conhecimento do que é a *Torah*. A *Torah* contém em princípio o Decálogo, os Dez Mandamentos, ou seja, as leis que regem e norteiam a religião judaica. Porém, seu sentido vai além do conjunto das disposições religiosas, ou do Antigo Testamento. Ela inclui também o modo de ser e de se fazer judeu, dentro de seus aspectos culturais, rituais e morais. Segundo Azria (2000), ela não foi dada apenas para a geração do Sinai, sua validade e sentido são inesgotáveis.

Alguns importantes princípios envolvem a relação entre a *Torah* e os Judeus³:

1. Ela surge como um código de ética universal, doado a toda humanidade pelos israelitas, um povo separado do mundo, mas que está no mundo. E esta é a grande herança deixada por eles, sendo grande motivo de honra para os judeus;
2. Ela deu aos judeus a força e a vontade que precisavam para se fazerem existir;
3. A *Torah* se remete à fidelidade a Deus, a qual está intimamente ligada nas representações do imaginário judaico;

³Retirado de Azria (2000).

4. Ela propõe a santidade à imagem de Deus, que é o ideal máximo procurado pelo judeu, e este é um caminho traçado através da observância das Suas Leis.

5. A existência dos símbolos dela retirados (como a Arca Sagrada, os *Tefilim*, o *Tsitsit*), dá força à unidade ritualística, que recorda a todo o tempo o contrato que fizeram com seu Deus.

Será a idéia deste contrato com Deus, feito através de Moisés e seu povo - os israelitas - que norteará as representações a respeito do *Shabat*. Porém, mais do que um contrato, os mandamentos da Torah estão muito enraizados no dia-a-dia de cada judeu, vindo a se materializar como um ser vivo, membro da família, como demonstra a seguinte declaração:

“E eu todas as vezes que eu ia dormir eu tinha que falar boa noite em idish - a guite nacht - eu dizia a guite nacht papai, a guite nacht mamãe, a guite nacht Sônia minha irmã, a guite nacht Rubem, e a guite nacht Torah! Pra mim era vivo! Não falava, mas me dizia, me tocava, e são esses fatos da infância que você leva a vida inteira.”
L.T. (Judeu, filho de imigrante do início do século XX).

ORIGEM E IMPORTÂNCIA DO SHABAT

O *Shabat* é um dos mais antigos rituais do judaísmo, atravessando cerca de cinco milênios. De grande valor religioso e cultural, o *Shabat* é especial por ser um dia de consagração e guarda. Ele é o único ritual do judaísmo inserido nos Dez Mandamentos (na *Torah*), sendo o quarto Mandamento Divino, onde se lê o seguinte:

“Lembra-te do dia do Shabat (Sábado) para consagrá-Lo. Seis dias trabalharás e farás todas as tuas obras. Mas o dia sétimo é Shabat para o Eterno, teu Deus; tu não farás nenhum trabalho, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que mora nas tuas cidades. Pois, em seis dias fez Deus os céus e a terra, o mar e tudo que neles há; e repousou (cessou sua obra) no dia sétimo. Por isso abençoou o Eterno o dia do Shabat, e o consagrou.” Êxodo 20:8-12

Deste modo, ele consiste num rito que separa o momento sagrado do profano. Seu início dá-se no instante em que o sol se põe na sexta-feira e é marcado com a celebração da cerimônia do *Cabalat Shabat* (em hebraico = recebimento do sábado). No período do shabat há uma quebra das atividades do cotidiano (consideradas profanas⁴), e se valoriza muito o convívio social, onde a família, os amigos e a comunidade em geral devem estar em maior interação, já que há uma filosofia que incorre na seguinte premissa: durante a semana o homem deve investir na relação com os objetos e durante o *Shabat* deve investir na relação com os outros homens.

⁴Existem 39 *melachot* proibidas (de coisas que não se devem fazer no *Shabat*), geralmente ainda seguidas pelos ortodoxos. São elas: transportar, queimar, extinguir, fazer acabamento, escrever, apagar, cozinhar, lavar, costurar, rasgar, amarrar, desamarrar, moldar, arar, plantar, segar, colher, debulhar, joeirar, escolher, peneirar, moer, amassar, pentear, fiar, tingir, fazer ponto em série, urdir trama, tecer, desembaraçar, construir, demolir, pegar em armadilha, cortar, abater, esfolar, curtir o couro, amaciar o couro e marcar.

A sua importância para a humanidade advém da idéia de que ele trouxe a inovação no modo de ver o tempo, e a própria existência humana. É o *Shabat* que cria a noção de fim de semana, dando ao homem um dia de descanso, rompendo com a noção de vivência do tempo anteriormente conhecida. *“Nenhuma sociedade da Antiguidade anterior aos judeus teve um dia de descanso. O Deus que fez o universo e descansou ordena que façamos o mesmo, nos convocando a uma restauração semanal de oração, estudo e recreação (ou re-criação)”*. Cahill (1999:156).

Na opinião de Malogolowkin (1998), o *Shabat* inspirou a criação dos outros dias sagrados nas demais religiões, como a sexta-feira para o islamismo e o domingo para o catolicismo.

Mas nem sempre essa *mitzvá*⁵ foi bem compreendida. Talvez justamente pela sua posição de romper com o estabelecido pelo poder religioso hegemônico. Lipiner (1969), expressa a importância desse ritual como elemento que fez com que muitos judeus e cristão-novos (cripto-judeus) fossem perseguidos pela igreja católica. *“Na mais remota tradição judaica o sábado, como dia destinado à regeneração física e espiritual do homem, ocupa um lugar de grande destaque. A prescrição do repouso sabático erigiu-se num dos mandamentos do próprio Decálogo. Não admira, pois, que a observância desse preceito constitui um dos costumes heréticos mais visados nas denúncias e confissões”*. PP 70.

Goldberg & Rayner (1989), também trabalham a idéia inovadora do *Shabat* para a humanidade, no sentido de beneficiar os homens e até mesmo os animais, já

⁵Mandamento.

que no *Shabat* nenhuma criatura deve trabalhar, todos eram poupados. Segundo esses autores, o *Shabat* contribuiu grandemente para a abolição da escravatura na Europa, já que sua premissa valoriza e reside no fato de procurar humanizar ao máximo as relações entre os homens.

“E é um dia revolucionário, porque quando os judeus estabeleceram que no sábado não se trabalhava, é fácil você imaginar a revolução que deve ter causado no mundo naquela época, nem os animais trabalham no sábado, então você imagine os escravos dos outros povos, que não tinham nem um dia de descanso o ano inteiro, e eram obrigados a trabalhar a exaustão completa, e vem um povo e diz que meus escravos não, os meus tem um dia livre, o dia do Shabat que não precisam trabalhar”.I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX)

AS VINTE E CINCO HORAS DO *SHABAT* E SEUS SÍMBOLOS MATERIAIS:

É dito que o *Shabat* é o único dia que possui vinte e cinco horas. A sua hora adicional é devido ao fato de que existe, cerca de uma hora antes, uma preparação para a sua entrada.

A Preparação:

Cerca de mais ou menos uma hora antes do pôr do sol, deve-se já estar com tudo pronto para o recebimento do *Shabat*. É aconselhável desligar-se das coisas da semana (profanas) e entrar no clima sagrado. Todo judeu e toda judia devem

alegrar-se com a chegada do *Shabat*. Pratarias e candelabros são polidos até reluzir, lençóis limpos são estendidos nas camas e a mesa é coberta por uma toalha branca recém-lavada, que ali permanecerá por toda a duração desse dia santificado. Em honra ao ilustre hóspede, todos se banham e vestem suas melhores roupas de *Shabat*.

A Cerimônia do *Cabalat Shabat* - O Recebimento do *Shabat*:

1. O acendimento das velas do *Shabat* - São usadas duas velas para receber o *Shabat*, que significam “*Zachor*” (Recordar) e “*Shamor*” (Observar). Elas podem ser acesas um pouco antes do pôr do sol, e geralmente por mulheres. Após acendê-las, faz as bênçãos sobre elas. Mas, depois de acesas, já é *Shabat*. As velas significam a honra e a alegria do *Shabat*. Elas iluminam a mesa onde é servida a refeição, dando um ar de dignidade à cerimônia.

2. A santificação do vinho - *Kidush* é a oração de santificação, recitada sobre o vinho, antes da refeição. Se não houver vinho, pode recitá-la sobre outras bebidas, ou sobre o pão (a *chalá*). Depois o vinho é oferecido a todos, numa forma de todos tomarem parte na celebração do *Cabalat Shabat*.

3. A bênção do pão - Os Dois Pães Trançados (as *Chalot*) são servidos aos membros da cerimônia, após as bênçãos proferidas sobre eles (o *Hamotsi*), no *Cabalat Shabat* e em cada refeição do Sábado. O motivo de serem dois pães é para lembrar do maná, alimento enviado por Deus aos israelitas no passado, enquanto estavam no deserto, onde cada indivíduo recebia sua porção diária, mas

na sexta-feira eles recebiam em dobro, para não terem que apanhar aos sábados. Quando o Maná caía no solo, permanecia fresco, pois estava "forrado" por uma camada de orvalho, tanto embaixo como por cima. Este é um dos motivos de se colocar as *Chalot* sobre um prato ou travessa e sob uma cobertura especialmente decorada. Ao final desta cerimônia todos se cumprimentam dizendo: "*Shabat Shalom!*"

A Noite de *Shabat* em Casa:

"*Shalom Aleichem*", é um cântico de louvor, entoado na noite do *Shabat*, que está baseado numa passagem talmúdica segundo a qual um anjo bom e um mau acompanham às suas casas todos que voltam da sinagoga sexta-feira à noite. Se eles encontram a casa preparada para o *Shabat*, a mesa festivamente posta, com velas reluzentes e toda família vestida em suas melhores roupas - o anjo bom diz: "Que o próximo *Shabat* seja como este", e o mau responderá, mesmo contra a sua vontade: "Amém, que assim seja". Mas se por outro lado, acontece o contrário, e a casa não está preparada para receber a Rainha *Shabat*, o anjo mau diz: "Que o próximo *Shabat* seja como este", e o bom, infelizmente, será obrigado a dizer "Amém".

Oração do *Shabat*:

No Sábado pela manhã, na sinagoga, são cantados Salmos e as preces do *Shabat*, depois lê-se a *Torah* e a *Parashá* (porção semanal da *Torah*).

***Havdalá* (A despedida):**

Em hebraico significa separação, divisão. É a despedida do *Shabat*, efetuada

Sábado após cair a noite, na tradição é quando as três primeiras estrelas forem vistas no céu. Durante mais de 25 horas, é concedida uma alma adicional ao cumpridor dos ritos do *Shabat*. E, ao aproximar-se o momento de sua partida, é dito que: “não se pode deixá-lo sair despercebido”. Sua retirada também é anunciada com vinho e bênçãos. Dá-se início a uma outra semana. Logo, esta cerimônia separa o sagrado dos dias seculares de trabalho. Quando o *Shabat* parte, junto com ele se retira a alma adicional, e é nessa hora que o estado de espírito precisa ser estimulado e revivido. Para isso, acende-se ainda uma vela trançada, representando a segunda bênção, a do fogo. Após a bênção, erguem-se as unhas à luz, para perceber a diferença entre a escuridão e a luz refletidas nas mãos. Há um mito que fala da razão para esta lembrança do fogo: ele teria sido aceso por Adão com orientação divina, ao esfregar duas pedras. Teria sido nesse momento que Adão experimentou pela primeira vez a escuridão, que ocorreu na noite do primeiro sábado.

A seqüência das orações é: vinho, especiaria, chama e *Havdalá* - o reconhecimento da separação. Isto segue a própria anatomia do ser humano: boca (vinho), acima dela nariz (cheiro das especiarias), acima destes os olhos (visão do fogo) e, acima de tudo o cérebro (com o qual reconhecemos a distinção entre o *Shabat* e os outros dias). Esta cerimônia encerra-se com todos desejando “*Shavua Tov!*” - boa semana.

***Melavê Malcá* - A Refeição da Despedida:**

Embora não haja alusão na escritura a *Melavê Malcá* (a refeição saboreada após o final do *Shabat*), sua importância está frisada na literatura talmúdica e haláchica, especialmente na Cabala e na tradição chassídica. O Rambam (Hichot Shabat 30:5)

explica que a refeição em si e a maneira de prepará-la são expressões em honra ao próprio *Shabat*: "O indivíduo deve arrumar a mesa na véspera do *Shabat*, mesmo que seja para comer apenas um *Kezayit* (alimento mínimo exigido pela Lei, tamanho de uma azeitona). Similarmente ele deve preparar a mesa na conclusão do *Shabat*, mesmo que seja para comer apenas um *Kezayit*, a fim de honrar o *Shabat*, quando chega e quando parte".

Como enfatiza o Rambam, deve-se honrar o *Shabat*, o qual deve ser tratado com o respeito devido à realeza; um monarca em visita é anunciado na entrada e escoltado na saída. De fato, o *Shabat* é freqüentemente chamado de "rainha" e é por esta razão que a refeição após o seu término é chamada *Melavê Malcá*, literalmente, "Escolta da Rainha" (*Ziv Hashabat*). Portanto, é costume recitar poemas litúrgicos e canções de louvor para escoltar o *Shabat*, assim como se escolta um rei com músicas e louvores, quando ele chega e quando ele parte (*Bet Yaacov*).

Melavê Malcá é descrita também como a refeição do rei David. Esta denominação tem suas raízes na própria história de David. Foi-lhe revelado que morreria em um *Shabat* - mas não em qual *Shabat* (Talmud, Shabat 30a). Portanto, sempre que ele sobrevivia a um *Shabat*, isto representava certamente uma razão de júbilo, não apenas para a casa real, mas para todo Israel.

CAPÍTULO CINCO:

SIMBOLISMOS DO *SHABAT*

O *SHABAT* COMO SÍMBOLO SAGRADO

1. Símbolo de Compromisso com a Lei:

O *Shabat* é citado várias vezes em toda *Torah*. Mas foi nos Dez Mandamentos, no Livro de Êxodo, que ele se institui como uma Lei:

“Lembra-te do dia do Shabat para consagrá-Lo. Seis dias trabalharás e farás todas as tuas obras. Mas o dia sétimo é Shabat para o Eterno, teu Deus; tu não farás nenhum trabalho, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que mora nas tuas cidades. Pois, em seis dias fez Deus os céus e a terra, o mar e tudo que neles há; e repousou (cessou sua obra) no dia sétimo. Por isso abençoou o Eterno o dia do Shabat, e o consagrou”. Êxodo 20:8-12.

2. Símbolo da Criação:

Nele (no *Shabat*) comemora-se também a Criação do mundo por Deus, como descrito em abaixo:

“E foram concluídos os céus e a terra e tudo o que contêm. Havendo concluído Deus, no sétimo dia, a Sua obra - que havia feito - cessou, no sétimo dia, toda a criação - que havia feito. E Deus abençoou o dia sétimo e o consagrou; porque nele cessou toda sua obra que Deus havia criado e feito”. Gênesis 2:1-3.

3. Símbolo de Repouso:

A essência do repouso Sabático está ligada à concepção da criação. O *Shabat* representa a interrupção da Criação. Quando Deus dá ao homem o *Shabat* para repouso em memória dEle: “*Durante seis dias da semana farás teu trabalho, porém o dia sétimo, Shabat, é dia de repouso, consagrado ao Eterno...*” Êxodo 31:15.

4. Símbolo de Consagração:

Dele surge a separação entre o sagrado e profano:

“... *Por isso abençoou o Eterno o dia do Shabat, e o consagrou*”. Êxodo 20:12.

5. Símbolo de Libertação:

Ele também é lembrado como dia comemorativo, pois remete à libertação dos judeus, no tempo em que foram escravos dos egípcios.

“... *E lembrar-te-ás que foste escravo na terra do Egito e o Eterno, teu Deus, tirou-te dali com forte poder e com braço estendido. Por isso, teu Deus, ordenou-te observar o dia do Shabat*”. Citado no livro de Deuteronômio 5:12-15, quando são repetidos todos os Dez Mandamentos.

O *SHABAT* COMO SÍMBOLO DE INTEGRAÇÃO:

1. Integração com Deus:

O *Shabat*, como já foi falado, apresenta-se como uma aliança, um símbolo de união entre Deus e o homem; É o momento onde se busca estar mais próximo de Deus.

2. Integração com a Saúde:

O segundo aspecto é uma complementação do primeiro. O *Shabat*, por ser um dia de descanso, faz com que o homem pare com suas atividades cotidianas e repouse. Este repouso tem um importante valor terapêutico, pois, na medida em que o homem se desliga das coisas que o preocupam no dia a dia, no *Shabat*, ele se restabelece, refazendo suas forças, na busca por uma homeostase. Ele é também citado por muitos como um dia de cura.

3. Integração com a Cultura e a Identidade Judaica:

O *Shabat* tem também um grande valor cultural. A observância do *Shabat* e de sua comemoração gera o sentimento de pertencimento ao judaísmo, ou seja, de sentir-se judeu. Surge daí o terceiro aspecto de Integração: no sentido de estar integrado à cultura Judaica, e à sua identidade enquanto judeu.

Segundo Kaufman (2000), durante o tempo em que viviam na Europa, nos chamados *Shtétlech* (pequenas comunidades), os judeus se encontravam em completa harmonia com seus rituais e suas crenças. E o *Shabat* era naturalmente contemplado como fazendo parte do ciclo semanal. Não se trabalhava neste dia, ia-se para as

sinagogas, fazia-se as comidas especiais, enfim, ele era devidamente vivido. Posteriormente, com a diáspora e a conseqüente imigração dos judeus, esses sofrem toda uma mudança de referencial, tanto física, quanto cultural.

Dentro desse contexto de perdas, manter a cerimônia do *Shabat* garantia-lhes o referencial judaico e a sensação de pertencimento à sua cultura, enfraquecendo-lhes o sentimento de perda.

4. Integração com o Aspecto Temporal (Passado e Futuro):

O quarto fator observado no *Shabat* como mantenedor de integração, é o fato de que, através de sua vivência são recordados os antepassados, criando-se uma espécie de compromisso com esses. Seria talvez uma forma de “ter” novamente seus entes queridos. Ao lembrar como seus pais, avós, tios, respeitavam o *Shabat*, surge o aspecto emocional, que em forma de nostalgia, cria a possibilidade de reviver o passado, passado que se faz presente. A cada semana uma nova possibilidade de “encontrar” com seus amados. Ao homenagear o *Shabat* estão também homenageando aqueles que contribuíram para que ele se mantivesse. Da mesma maneira, ele é repassado aos filhos. E assim completam o processo de perpetuá-lo. Mas, o tempo futuro também é visto no *Shabat* como a antecipação do “mundo futuro” (da era messiânica), sem preocupações, só paz, honra e majestade. É a integração temporal, que une o passado ao presente e o projeta ao futuro.

5. Integração com o Convívio Social:

O quinto fator de integração é provavelmente o mais facilmente observado: a integração social entre os membros de uma comunidade. O *Shabat* é constituído de

uma eminente dimensão social, na medida em que proporciona uma agradável atmosfera de convivência. Durante a semana o homem investe na relação com os objetos, durante o *Shabat* investe na relação com os outros homens. É o dia de rever amigos, parentes, é o dia de visitas, de dialogar, de se integrar. Os estrangeiros e viajantes, são convidados a fazerem as refeições e passarem o dia na companhia de todos. “O mendigo vira rei!”.

TERCEIRA PARTE - UMA BREVE ETNO-HISTÓRIA

CAPÍTULO SEIS:

O *SHABAT* NA HISTÓRIA DO MUNDO

A história mostra que a tradição do *Shabat* sempre apareceu como um importante elemento de ligação entre os judeus, e combater sua prática parecia ser uma forma de quebrar a unidade judaica.

Porém, ele sempre foi tido como alvo de incompreensões e perseguições. Governos com atos antijudaicos, como o de Adriano, Constantino, e a Inquisição, são alguns retratos da história contra os judeus, afetando conseqüentemente, a compreensão do *Shabat*.

Durante o império de Adriano, no século II (ano de 117 a 138), ele proibiu a prática do judaísmo, o estudo da *Torah* e a observância de suas festividades, como a páscoa e o *Shabat*. Essa época é conhecida pelas fontes rabínicas como a perseguição *Shemad* ou *edito gezarah*. Isso se ocorreu devido os judeus estarem sempre se rebelando contra o domínio dos romanos sobre sua terra, o que deflagrou a revolta de *Bar Kochba*.

No século IV, ano 321, na era de Constantino, a Lei Civil do Império Romano novamente proíbe categoricamente a observância do *Shabat* como dia sagrado e decreta a obrigatoriedade da guarda do Domingo.

Já no século XV, com a instituição do Santo Ofício, os judeus, cristãos-novos ou cripto-judeus, foram perseguidos e muitos deles foram entregues à Inquisição devido às práticas ritualísticas do *Shabat*, como vestirem roupas novas neste dia, fazerem comidas especiais, não trabalharem e se reunirem nas sinagogas.

Bacchiocchi (1999) fez um estudo de como o *Shabat* foi adotado e transformado pelo catolicismo para o *Dies domini* (Domingo). Ele mostrou que algumas atitudes antijudaicas, por parte do cristianismo romano que queria se diferenciar dos judeus quanto ao dia da consagração, levaram a esta mudança.

“Primeiro porque houve logo no início do cristianismo uma separação deliberada dos que estavam se agregando em contrapartida dos judeus, por isso que foi criado o domingo... Então houve um subterfúgio que foi criado pela igreja romana de criar o domingo, aí sim a separação, porque eles sabiam que os judeus não iam aderir a esse movimento. Demarcar o território e evitar que os judeus comparecessem nos locais de culto...”. R.T. (Judeu convertido).

CAPÍTULO SETE:

O *SHABAT* NA HISTÓRIA DE PERNAMBUCO

É fundamental entender que espaço este rito ocupou na sociedade pernambucana e como ele sobreviveu às fogueiras da inquisição e às dispersões do povo judeu, até chegar aos dias atuais.

No período colonial, durante a época da visitação do Santo Ofício a Pernambuco, de 1593 a 1595, houve uma grande campanha por parte da igreja católica para serem denunciados os hereges, e os cristão-novos eram bastante visados, pois alguns deles - os cripto-judeus - continuavam a manter os rituais judaicos às escondidas. *“Segundo o monitório de 1576, expedido pelo Inquisidor Geral Diogo da Silva, e que o visitador devia aplicar no Brasil, uma das principais heresias a ser apurada era se os habitantes da colônia ‘guardavam ou guardam os sábados em modo e forma judaica, não fazendo, nem trabalhando em êles coisa alguma, vestindo-se, e ataviando-se de vestidos, roupas e jóias de festas, e adereçando-se, e alimpando-se às sextas-feiras à tarde ante suas casas, e fazendo de comer as ditas sextas-feiras para o sábado, acendendo e mandando acender nas ditas sextas-feiras à tarde, candeeiros limpos com mechas novas mais cedo que os outros dias, deixando-os assim acesos toda a noite, até que êles por si mesmos se apaguem, tudo por honra, observância e guarda do sábado’.* Citado em Lipiner (1969:70).

E, de todas as denúncias que foram ouvidas pelo Visitador, relativas às práticas judaizantes, a que mais apareceu foi a prática do Shabat, como mostra a

tabela abaixo⁶:

<i>SHABAT</i>	22,5%
DESCRENÇA EM SANTOS E IMAGENS CATÓLICAS	16,7%
BLASFÊMIA DA FÉ E RITOS CATÓLICOS	10,7%
NEGAÇÃO DE JESUS COMO DEUS	10,7%
FAZER ESNOGA E FESTAS JUDAICAS	9,5%
CERIMÔNIA JUDAICA DE MORTE	9,5%
DESCRÉDITO NA AUTORIDADE CATÓLICA	4,8%
ASSUMIR OU TER FAMA DE JUDEU	4,8%
COSTUMES ALIMENTARES JUDAICOS	4,8%
POSSUIR A TORÁ EM CASA	3,6%
POSSUIR LITERATURA HEBRAICA	2,4%

Por que era o *Shabat* a prática judaica mais denunciada? Existem algumas observações que podem esclarecer mais esta questão. Diante do contexto social da época, era comum às pessoas transitarem livremente umas pelas casas das outras. A própria arquitetura da época facilitava isto: com muros baixos e comunicações entre uma casa e outra. Deste modo a vida particular era bem mais facilmente exposta ao público. Daí, esconder um rito proibido pela condição de ser cristão-novo era difícil.

⁶ Trabalho apresentado pela autora na ABANNE (Associação Brasileira dos Antropólogos do Norte e Nordeste) em 2001, e na ABA (Associação Brasileira de Antropologia) em 2002.

⁶ Trabalho apresentado pela autoranos congressos da ABANNE (2001) e da ABA (2002).

Lipiner (1969), diz que: “*As casas no período colonial, além de situadas em ruas estreitas e serem de meias paredes, comunicavam-se freqüentemente pelos quintais, permitindo falarem-se as vizinhas das janelas fronteiras ou traseiras, confinantes, e expondo aos olhos dos curiosos a intimidade de seus moradores. Tal curiosidade, própria já da natureza humana, e facilitada pelo sistema arquitetônico da época, encontrou um novo e vigoroso estímulo durante a visitaçõ do Santo Oficio às partes do Brasil, quando entrou em pleno funcionamento esse meio primário de espionagem, posto em prática pelo Tribunal da Fé*”. PP 68.

E o rito do *Shabat* era de todos o que exigia uma maior exposição, pois o cotidiano dos judaizantes mudava, além do que era necessária toda a preparação desde a sexta feira de ações que não era comum serem feitas em dias normais, tais como: tomar banho, vestir roupas limpas e lavadas, enfeitar os cabelos, fazer comidas especiais, e o principal - durante os momentos do dia do *Shabat* tais praticantes não trabalhavam, o que era bastante destoante frente à sociedade, já que naquela época o sábado era considerado um dia de trabalho comum.

Alguns exemplos de relatos de denunciantes mostram bem a percepção da época frente ao *Shabat*⁷:

“Branca Dias guardava os sabbados, porque sendo costume da ditto Branca Dias em todos os outros dias da semana fiar algodão e andar vestida do seu vestido da semana, ella denunciante vio a ditto Branca Dias nos sabbados não fiar nunca e vio que nos dittos sabbados pella menhaã se vestia uma camisa lavada e apertava a

⁷Extraído da obra: Primeira Visitaçõ do Santo Oficio às Partes do Brasil; Denunciações e Confissões de Pernambuco. 1593-1595. Prefácio de José

cabeça com seu toucado lavado e vestia nelles ho melhor vestido que tinha que era uma saia azul clara que ella tinha de festa a qual não costumava vestir nos dias da semana...” PP 30.

“Ihe lembra muito bem que vio aos dittos Diogo Fernandes e Branca Dias guardarem os sabbados todos sendo dias de trabalho não trabalhando nelles nem fazendo serviço algum de casa como costumavam fazer nos outros dias de semana e costumando a ditta Branca Dias a fiar sempre algodão pella semana quando vinhão os sabbados guardava a roça e não fiava nelles sendo dias de trabalho” PP 54.

“e denunciando dixee que elle andou na escola de Bento Teixeira cristão novo, mestre de leer e escrever nesta villa da qual escola elle sahio averá seis ou sete annos e andou nella hum anno no qual em todos os sabbados o ditto mestre não fazia escolla e mandava que nelles não fosse ninguem dizendo que não era sua vontade ter escola aos sabbados.”. PP 40.

Uma observação curiosa, é que era vantagem para os escravos serem serviçais dos cristãos-novos que guardavam o sábado, pois estes não trabalhavam no dia de sábado e geralmente no domingo também não, logo eles tinham dois dias de folga:

“Denunciou mais que no ditto tempo pouco mais ou menos, vio tambem ser fama publica geralmente ditto por todos assim principais como mais povo desta terra que

Diogo Fernandes e sua mulher Branca Diaz cristãos novos já defuntos senhores de engenho de Camaragibi ora chamado Santiago, guardavão todos os sabbados sendo dias de trabalho, e nelles se vestiam de festa, e não hiam ao engenho como nos outros dias da semana costumavão, e nos dittos sabbados não obrigavão a trabalhar a gente no seu engenho.” PP 75.

“... e nelles não usavão do serviço e trabalho que costumavão nos mais dias da semana de ir aos canaveais e fazer prantar e mondar e outras cousas semelhantes de beneficio da fazenda, mas sómente mãodavão nos dittos sabbados fazer negros qualquer serviço leve”. PP 81.

Segundo Dias (1999), algumas das táticas, criadas para ludibriar os inquisidores e os “goim”, foram chamadas de “secretismo”. Logo, o *Shabat* sempre foi rodeado de muito segredo e incompreensões. Tudo isso fez com que surgisse em torno dele uma atmosfera de curiosidade e mistério, beirando muitas vezes a idéias pré-concebidas em torno deste ritual sagrado.

Anos após, com a formação da primeira comunidade judaica em Pernambuco, foi construída a primeira sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel, e os judeus puderam viver abertamente suas práticas religiosas, sendo o *Shabat* uma dessas práticas.

Durante as diversas guerras que houve entre os portugueses e holandeses, os judeus que lutavam do lado dos holandeses tinham no dia do *Shabat* direito de não lutarem, pagando uma multa para adquirir esse direito. Com a expulsão dos holandeses os judeus, que tinham a proteção desses, tiveram que deixar o país. Os

que não conseguiram fugir, adentraram pelo interior de Pernambuco e estados vizinhos.⁸

Num estudo sobre a interculturalidade, em muitos locais do interior nordestino ainda podem ser observados costumes diversos que certamente têm raízes nas tradições judaicas. Muitos desses resquícios dizem respeito ao *Shabat*, tais como: o de fazer a faxina na casa todas sextas-feiras, colocando toalhas brancas ou limpas nas mesas, preparar comidas especiais, e vestir roupas mais bonitas neste dia.

“Hoje você anda no sertão e você vê os costumes das famílias, às vezes nem sabem porque nem o motivo, mas os costume são puramente judaicos...”. H.S.F. (judia convertida)

“Tínhamos muitos costumes diferentes... muito embora não se saiba o porquê, se tem o costume de se colocar uma roupa melhor, se varrer a casa na sexta feira, de se colocar uma toalha branca na mesa, de se colocar flores no vaso, e até em algumas casas de acender velas também ou candeias... Meus pais não cultuavam o sábado, mas tinham algumas regras que se aplicavam ao sábado, essa de fazer uma refeição especial, de deixar a casa limpa, ter uma toalha branca, não se sabia porque...”. R.T (judeu convertido)

Há vários relatos que contam que muitas pessoas acendem duas velas nas sextas-feiras para os anjos, de fato como no *Shabat* é costume se acender duas velas,

⁸Dados obtidos no Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco.

e como existe no seu mito a história de que dois anjos vêm visitar a casa na noite do *Shabat*:

“Na sexta-feira acendíamos as velas pros anjos... Tinha a tradição de acender vela sexta-feira, vela pros anjos... Duas velas... E tinha uma coisa muito engraçado lá em casa, tinha um quartinho assim meio escuro que tinha uma oratória assim cheia de imagem, esculturas, essas coisas, e minha vó só rezava de virada pra parede, assim, eu achava aquilo meio estranho. Não era vela pros anjos, era vela de Shabat. Quer dizer foram coisas que foram se adaptando que foram mudando, mas na essência você depois procura e vê isso mesmo.”
H.S.F. (judia convertida)

“Nós tínhamos essa questão dos anjos na sexta também, mas da vela não me lembro bem”. R.T. (judeu convertido)

Outro fato que observamos na nossa região até hoje é o de algumas pessoas, de diversas religiões, não comerem carne vermelha na sexta feira, preferindo comer carne de peixe. É certo que no jantar do *Shabat*, o peixe sempre foi um dos pratos principais desta noite.

“Mas a coisa do judaísmo nas famílias nordestinas é muito forte. Muita gente nem sabe que na realidade tem toda essa descendência toda essa carga genética. Mas se você senta e começa a conversar, uma diz pra mim: ah, dia de sexta feira eu não como carne, só como peixe... Eu acho isso tudo muito interessante, eu também tinha esses

costumes em minha casa e não sabia o porque, lógico hoje eu sei o motivo.”. H.S.F. (judia convertida)

“Então pra nós ficou a idéia do sábado arraigada no judaísmo, então o sábado pra gente é de uma importância fantástica, primordial. Por exemplo, há bem pouco tempo atrás eu comprei da minha irmã uma louça que era usada justamente no sábado, uma louça que já vem da minha mãe que passou pra ela antes do casamento. Eu sempre tive uma paixão enorme por essa louça e por herança passou pra minha irmã e não pra mim... Então a louça que me traz muitas recordações, a louça que comíamos peixes”. R.T. (judeu convertido).

Tudo isso são comportamentos que indicam que houve uma forte influência da tradição do *Shabat*, mas o seu porquê é desconhecido pela grande maioria da população, ficando nos subterrâneos da sociedade. Assim, entendendo esse contexto de medo, mistério e fé, podemos ter idéia da importância deste rito diante da constituição e conservação da identidade judaica em torno de suas tradições.

QUARTA PARTE - RENASCER É PRECISO

CAPÍTULO OITO:

A TRAJETÓRIA DE UMA RELIGIOSIDADE

Aqui surge o histórico do Grupo Renascer, hoje chamado de Congregação Israelita de Pernambuco. Este grupo apareceu em meados do ano de 1996, a partir de um movimento entre alguns líderes que participavam da Sinagoga Israelita do Recife, situada à Rua Martins Junior. Um dos principais líderes foi o Sr. Isaac Schachnik, recentemente falecido, pessoa que idealizou e nomeou de Grupo Renascer, ocupando o cargo de Presidente de Honra.

Segundo Sr. Isaac Schachnik, várias foram as motivações que os levaram a formar o Grupo Renascer. Contava ele que a sinagoga da Martins Junior, foi fundada no início do século XX, com a chegada dos judeus que formaram a segunda comunidade aqui em Recife. Nessa época as pessoas da comunidade trabalhavam e moravam nos arredores da sinagoga (principalmente no bairro da Boa Vista e Coelhos). Então, a sinagoga era central e estava perfeitamente bem instalada de modo que todos participavam da vida religiosa da comunidade.

Seu pai foi um dos fundadores da sinagoga da Martins Junior, então Sinagoga Israelita da Boa Vista, vindo da Ucrânia, onde a vida religiosa era bastante intensa, sendo todos judeus ortodoxos ou conservadores. Deste modo, ele e a grande maioria dos judeus imigrantes que aportaram em Recife tinham uma tradição religiosa muito grande. Antes da sinagoga da Martins Junior existir, eles se reuniam em algumas casas e lá faziam todos os serviços religiosos.

“Antes da fundação da Martins Junior havia poucas famílias, e essas famílias se reuniam numa determinada casa, então havia duas ou três casas cujos habitantes concordaram em ceder a sala de visita para que funcionasse como sinagoga. Funcionava nos Shabatot (plural de Shabat), e nas grandes datas. Depois quando se fundou, se comprou essa casa e fez dela uma sinagoga na Rua Martins Junior, o povo começou a se reunir a maioria ali. Funcionava diariamente, muito ativa, minian nunca deixou de haver por muitos e muitos anos.” I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX)

Em 1924, em caráter provisório, a sinagoga da Martins Junior é inaugurada. Para o culto, nessa época já havia um número maior de famílias judias no Recife e a vida religiosa estava bem estruturada. Já havia diariamente reuniões três vezes ao dia, e sempre com *minian* (número mínimo de judeus, correspondente a dez homens necessários para oficializar uma cerimônia religiosa).

“(...) mesmo depois quando eu perdi o meu pai, que havia uma única sinagoga oficial no Recife, a da Martins Junior, que já tem um pouco mais de 80 anos de existência e lá nós freqüentávamos o serviço três vezes ao dia, eu estudava lá cinco e meia da manhã na sinagoga e

cinco e meia da tarde. Nós nunca tínhamos problema de frequência, de minian, ao ponto de que o responsável pela sinagoga mandou fazer uma placa lá na sinagoga que dizia assim: ‘Esta é a única sinagoga do norte e nordeste do Brasil de funcionamento contínuo desde 1924.’ Depois ele foi obrigado a tirar a placa porque a coisa desandou”. I.S.

Diversos fatores em conjunto fizeram com que a sinagoga da Martins Junior deixasse de ser o centro religioso e cultural da comunidade. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade e a conseqüente expansão da comunidade para outros bairros, como Boa Viagem, Madalena e Torre, a sinagoga da Martins Junior começa a perder seu caráter centralizador. É a partir daí que o judaísmo religioso começa a se diluir entre os membros da comunidade, dando espaço para o judaísmo cultural, onde é mais forte a ênfase dada aos movimentos culturais e sociais da época como referenciais da identidade judaica. A participação dos judeus nos movimentos partidários, nas festividades cíclicas judaicas, nos festivais estudantis da comunidade é muito maior do que a ida à sinagoga.

*“O Centro Cultural Israelita se transformou na minha sinagoga” D.E.
(Judeu, imigrante europeu do início do século XX).*

*“Os movimentos juvenis eram os que transmitiam a cultura judaica”
M.S. (Judia, imigrante europeu do início do século XX).*

“Se você pega a sinagoga da Martins Junior são várias cadeiras vazias, e você não tem lembrança de quem são aquelas pessoas. E aquelas pessoas que ainda tem o nome na cadeira sequer se lembram de cuidar da sinagoga. A sinagoga hoje ela está suja, ela está com

sérios problemas de instalação...” R.T. (Judeu convertido pertencente à Comunidade Judaica do Recife).

Assim, as pessoas que freqüentavam a sinagoga em outros tempos, começaram a restringir suas visitas apenas às datas mais importantes, como o *Rosh Hashaná* e o *Iom Kipur*, o *Pessah* (*seder* comunitário). Deste modo a celebração do *Shabat* e outras reuniões mais freqüentes ou menores ficavam difíceis de serem executadas. Assim, a presença de judeus na sinagoga começou a diminuir a um ponto que não havia sequer *minian*. Portanto, os serviços religiosos ficavam cada vez mais restritos, o que veio a se agravar de vez com a falta de um rabino.

“Houve assim um tempo de cerca de oito, nove anos, houve uma crise muito grande dentro da sinagoga Martins Junior, crise que começou a levar a faltar minian; um grupo como eu que se revoltava porque queria que se contratasse um rabino e a comunidade não contratava, e começou a haver muita discussão, então o presidente era, que Isaac Posternak, convocou uma assembléia e a assembléia não resolveu nada.” I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX)

O Sr. Isaac Schachnik citou também que era crescente o número de não judeus que iam para às reuniões, geralmente evangélicos e curiosos pela cultura judaica. E ainda tinha a questão da segurança, pois eles se sentiam desprotegidos freqüentando a sinagoga ali no centro da cidade, local que estava sujeito a vandalismos, e outras possíveis violências que acontecem no centro de uma cidade grande.

Os freqüentadores daquela sinagoga eram em sua maioria pertencentes ao grupo Conservador e ao Liberal da comunidade judaica. Já o grupo Ortodoxo daqui do Recife, chamado Beith Chabad, se reúne em Boa Viagem, e possui um rabino como líder espiritual, não se vendo tão ameaçado na manutenção de suas tradições como os dois primeiros grupos citados. Porém a grande maioria não se sentia atraída a freqüentar a sinagoga ortodoxa, devido às grandes exigências feitas por este grupo, em desacordo com a linha de conduta conservadora que caracterizava os integrantes da comunidade.

Buscar um rabino de Israel saía muito caro no momento para aquele poucos membros dissidentes custearem, e vendo que suas tradições estavam por se extinguir no esquecimento, eles perceberam que era hora de tomar uma decisão para não deixar morrer o lado religioso da comunidade. Já num clima de insatisfação com a administração da sinagoga e discórdia entre dois grupos que tinham pontos de vistas divergentes de como conduzir a religiosidade, este grupo então resolve se afastar da sinagoga Martins Junior e se reunir em outro local. Até que surge o Grupo Renascer com a proposta de resgate das tradições religiosas.

“(...) então houve uma divisão e o nosso grupo se retirou, se retirou e por algum tempo nós não tínhamos sinagoga, porque ou tinha a sinagoga do Beith Chabad, que era uma coisa muito modesta ainda estava só começando, ou tinha essa que nós tínhamos brigado. Então em janeiro de 1996 nós convocamos uma reunião que teve lugar aqui nesse terraço (em sua casa), e eram mais ou menos uns oito casais e resolvemos fazer um grupinho que se reunisse toda sexta-feira pra ter pelo menos o básico que era o Shabat. Esse grupinho se dirigiu através de um ofício ao Centro Israelita, como todos nós éramos sócios do Centro, queríamos que o Centro nos cedesse um local para

isso, e o Centro nos cedeu ao lado da piscina, que hoje em dia tem aquela mesa de ping-pong, ali nós nos reuníamos, e começamos com um grupo muito pequeno, 12, 13 homens, e graças a Deus crescemos. Ninguém tinha a confiança de que o grupo fosse sobreviver, mas conseguimos sem nenhum auxílio, nenhuma verba, tudo era bancado por nós mesmos, nós todos éramos amadores, e conseguimos. Depois que o grupo aumentou passou a ser no centro do salão, como é hoje em dia, e nós chegamos a ter dias tão especiais, nós convidávamos num sábado uma pessoa especial assim, o rabino Sobel, e anunciávamos pra comunidade que o rabino Sobel era quem iria na próxima sexta-feira, então nós mesmos providenciávamos passagens, hotel, e ele vinha de cortesia, não cobrava nada, porque eles queriam nos ajudar. Então trouxemos alguns dos mais famosos rabinos do Brasil. Uma vez, por exemplo, o Sobel conseguiu reunir quase 500 pessoas ali dentro. Não houve cadeira suficiente. Sobel veio algumas vezes e vieram outros rabinos. Os da CIP - Congregação Israelita Paulista – vieram todos’ I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX).

O motivo de iniciarem o grupo através da celebração do *Shabat* é devido à importância que este ritual ocupa na vida da comunidade judaica e pelo fato da sua simplicidade e de ser um ritual que facilita as pessoas se agregarem.

“E o primeiro passo foi fazer o Cabalat Shabat, por causa de sua simplicidade”. R.T (Judeu convertido).

“Ele é o foco central. Ele é o momento em que nós aproveitamos para estar todos reunidos para vivenciar a religião e inclusive fazer outras

coisas que não são propriamente religiosas. No Shabat, na sexta-feira de noite a gente tá aproveitando e faz o comentário da Parashá da semana, quer dizer é uma aula de Torah, e que cada vez uma pessoa dá essa aula o que obriga todos a participarem, segundo quando nós oramos, nós oramos em hebraico e português, cada vez outra pessoa lê outro pedaço em português, quer dizer, entender o que está sendo lido, diferente de como era lá na Martins Junior que era só em hebraico; e fazemos palestras, fizemos dezenas e dezenas de palestras sobre vários temas, e não só de interesse imediatista judaico, às vezes sobre a guerra do Iraque, temos feito até exposição de pinturas, exposição de fotos, fizemos exposição de objetos relacionados com judaísmo... Temos feito divulgação de obras sobre judaísmo. E se nós tivéssemos o espaço próprio faremos muito mais.” I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX)

Assim, a cerimônia do *Cabalat Shabat*, estava garantida, mesmo que fosse às oito horas da noite, não sendo no momento do pôr do sol, pela dificuldade de chegarem neste horário. Então, já que se reuniriam com uma regularidade propícia novamente, poderiam agora constituir um grupo mais coeso. O surgimento do Grupo Renascer trouxe com ele toda a vivência religiosa já há algum tempo adormecida, e ensinando às novas gerações a importância dos rituais, crenças e o principal, o compartilhar momentos que se reportam à experiências tão antigas e ao mesmo tempo tão recentes, como a guarda do *Shabat*. A própria escolha do nome reflete sua proposta.

“Me lembro que começamos a procurar nomes e como nós queremos

que RENASÇA o judaísmo no Recife, vamos botar Grupo Renascer”.
I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX)

Além dos líderes, se juntaram ao grupo pessoas de outros grupos da comunidade, como os membros do grupo das Pioneiras, *Wizo*, do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, enfim membros de outros setores da comunidade, que reconheciam no Grupo Renascer um importante movimento, dentre outros que já existiram, e ainda existem para manter a identidade judaica.

Um grupo de pessoas que destaco aqui, e que vem tornando forte sua presença no Renascer é o grupo dos marranos, ou seja, os judeus recém-convertidos que reclamaram o reconhecimento de suas origens judaicas através da comprovação de seus antepassados serem cristãos-novos. Este grupo é o que mais vem demonstrando estar envolvido com as programações e propostas do Renascer. Seu número é bastante significativo no grupo.

Apesar de muitos não acreditarem que o Grupo Renascer duraria, ele conseguiu obter seu reconhecimento na comunidade do Recife por mostrar sua importância em se preocupar com a manutenção da identidade judaica. Desta feita, os membros que lideravam o grupo começaram a sentir o desejo de institucionalizá-lo enquanto entidade pertencente à Federação Israelita de Pernambuco. Foi aí que ele deixou de se designar Grupo Renascer e se transformou na Congregação Israelita de Pernambuco (CIPE).

Os motivos que fizeram com que eles trocassem de nome foram dois, o primeiro que é que os torna padrão aos demais grupos existentes no Brasil, e o

segundo, o mais curioso, é que eles estavam sendo confundidos com um grupo de uma igreja evangélica.

“E nós desistimos desse nome nesse momento por dois motivos: primeiro porque começaram a surgir várias igrejas com o nome de Igreja Renascer, inclusive no Recife tem uma na Avenida Caxangá, então começou a haver confusão, todo mundo pensava que era um grupo de protestante; e o segundo motivo foi que todo canto existe uma congregação com esse nome, a CIP é Congregação Israelita Paulista, a de Alanati em Minas é Congregação Israelita Mineira...”
I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX).

No final do ano de 2002, após várias reuniões, elegeram a diretoria, estruturaram o estatuto, e então com esse novo status a Congregação Israelita de Pernambuco está barganhando mais poder para conseguir seu próprio local de reuniões, com um rabino próprio e além de muitos projetos para o futuro.

“Nós achamos que já cabia, porque quando começou chamava-se grupo porque realmente era um grupinho de pessoas que se reuniam, com maiores responsabilidades e com receio de que fosse acabar em 6 meses, 8 meses. Existia esse medo. A própria federação, o colégio, quando cedeu o local disseram: ‘quantos dias vocês calculam que vão sobreviver?’ Ninguém acreditava. Então foi uma surpresa, e agora a gente sabe que existe pra valer, vai criar uma sede, vai ter um rabino, vai institucionalizar. Ai fizemos uma reunião, uma assembléia que aprovou que nós fizéssemos o estatuto. Fez-se o estatuto, o estatuto foi discutido, ele está sendo registrado e nós demos entrada na Federação Israelita para nos tornarmos um membro da Federação, como é o colégio, como o cemitério. A diretoria foi

escolhida por votação, e o atual presidente é Ilan, todo mundo votou, porque até hoje ninguém é sócio, ninguém paga, é tudo de graça, quando a gente precisa faz uma cota. A gente tem a intenção que no máximo possível haja a gratuidade de tudo. Ninguém precisa pagar pra freqüentar o grupo.” I.S. (Líder Religioso Judeu, filho de imigrante do início do século XX).

Agora, através da Congregação Israelita de Pernambuco, é possível fazer “renascer” a vida religiosa. Os mais velhos e os mais novos estão novamente conectados, e conseguem mais uma vez garantir a manutenção de suas tradições, passando para as gerações adiante os aprendizados de seus antepassados.

CAPÍTULO NOVE:

UM *SHABAT* QUE FAZ RENASCER

Na Congregação Israelita de Pernambuco (antigo Grupo Renascer) o *Shabat* vai do mais alto conservadorismo das tradições às adaptações mais emergentes da atualidade. É neste íterim entre o novo e o tradicional que se baseia o repouso do *Shabat*.

Todas as sextas-feiras, a partir das oito horas da noite, iniciam-se no salão do Centro Israelita as reuniões do Renascer, que embaladas pelas preces e cânticos saúdam a mais uma chegada da rainha *Shabat*. É um momento de grande confraternização entre os membros presentes, que vão chegando sozinhos ou em família, e vão se agrupando de modo a permitir que o espírito do *Cabalat Shabat* possa estar entre eles. Cada um ao chegar pega o livro que contém as orações e canções, escritas em hebraico — transliteradas e traduzidas para o português. Os

homens colocam seus *kipot*⁹, e todos, tanto homens quanto mulheres vão se confraternizando com a expressão: “*Shabat Shalom!*”. Um *Shabat* de paz e alegria para todos, no melhor estilo de união judaica, é o que professam. Acomodam-se nas cadeiras, dispostas diante da Arca Sagrada (*Aron Harodesh*), que contém a *Torah*, uma mesa com as velas do *Shabat*, a bandeja com a *chalá* e o sal, o cálice e o vinho.

A cerimônia só poderá ocorrer completa com a presença de um *minian*, ou seja, o mínimo de dez homens judeus acima de 13 anos¹⁰. Logo, muitas vezes passa das oito horas e muito para se iniciar a cerimônia, pois é preciso aguardar o número suficiente de homens para formar o *minian*. Completando-o inicia-se a cerimônia com um líder dando as boas vindas. Logo após se dá início às preces, ora lidas, ora cantadas. (Ver foto em anexo). Em alguns momentos todos acompanham. Depois é chamada uma mulher para fazer o acendimento das velas do *Shabat*, este é um dos momentos mais importantes e solenes da cerimônia, pois é ele que demarca o início do *Shabat*, mesmo que já passadas das oito horas da noite. A mulher coloca um véu branco sobre a cabeça e faz a prece para acender as velas. Depois de acesas, é realizado o *Kidush* sobre o vinho, geralmente por um homem, que em seguida irá beber o vinho. Há também a *Brachá*¹¹ sobre a *chalá*, que em seguida é oferecida para todos os presentes, podendo ser servida por homens, mulheres ou crianças, juntamente com o sal (deve pegar um pedaço da *chalá* usando as duas mãos, o que representa que os Dez Mandamentos deve ser sempre lembrado e seguido). Depois de pegar seu pedaço da *chalá*, mergulha-se este no recipiente com o sal e só então se

⁹Plural de Kipá.

¹⁰Que é a idade estipulada para dar início à maioridade masculina, através do rito de passagem do *Bar Mitzvá*.

come. O sal porque é o símbolo que representa a conservação. O uso dos dez dedos para partir um pedaço da *chalá* também corresponde às dez palavras que compõem a oração da *Brachá*. (Ver foto em anexo).

Após todos se servirem, é chamada a pessoa responsável para comentar a *Parashá* (que é o trecho semanal da leitura da *Torah*)¹². Esta é a parte mais prolongada da cerimônia, pois se torna no final um grande debate sobre o assunto da *Parashá*, onde todos podem expressar suas opiniões, questionar, acrescentar informações, etc. Finalizada a *Parashá*, são dados alguns avisos, e feito o encerramento, convidando todos a participarem de um lanche em outro espaço mais atrás do salão.

Este lanche tem um importante efeito socializador, onde nele ocorre: integração entre os membros e visitantes, descontração, brincadeiras, desdobramentos da *Parashá*, planos para próximas programações, conversas sobre assuntos particulares. Enfim, é um momento de selarem uma maior aproximação entre os presentes. (Ver foto em anexo).

Quando não há o *minian*, é avisado que por falta do mesmo a cerimônia será mais curta, pois algumas orações não poderão ser realizadas. Nesses casos as velas não são acesas, nem a bênção sobre a *chalá* é feita. Apenas as preces e canções iniciais e o *Kidush* do vinho, indo em seguida para a o comentário da *Parashá* e o encerramento, seguido do lanche.

¹¹Bênção.

¹²Normalmente é um homem que faz esse comentário, porém nas sinagogas da linha liberal e reformista uma mulher pode fazê-lo.

Sempre uma ou duas pessoas ficam responsáveis a cada semana para trazerem o lanche. Há semanas em que tem mais variedades de comidas e outras que não, mas sempre há o lanche no final, nem que se restrinja só às chalot com refrigerante. Mas do que um momento para lanchar, é o momento de compartilhar abraços, cumprimentos, idéias.

A cerimônia acaba geralmente às dez e meia, onze horas da noite. Algumas vezes ainda depois do lanche, é feita uma pequena reunião entre os membros, para traçar alguns planos, ou discutir algum assunto de interesse do grupo.

A média de membros por reunião gira em torno de vinte e cinco presentes, geralmente bem equilibrada entre homens e mulheres. É enviada para todos os membros da comunidade judaica do Recife a programação mensal, por mala direta, onde constam os assuntos a serem tratados naquele mês na *Parashá* e quem vai comentar, convidando-os a participarem.

Por duas vezes foi observada a presença de judeus que são turistas estrangeiros. Eles vêm com o objetivo principal de se sentirem “em casa”, se sentirem acolhidos e pertencendo ao grupo de identidade judaica, e não mais estrangeiro.

É comum também em cada reunião notar a presença de visitantes não judeus, mas que têm algum amigo que frequenta o grupo. Eles participam de toda a cerimônia como os outros, cantando, tomando parte no vinho e na *chalá*, no lanche de confraternização, etc. O que eles não podem fazer é pronunciar as preces, o acendimento das velas, o *Kidush*, ou qualquer outra situação que se refira à parte mais litúrgica, pois, não sendo judeu ele não entra na contagem do *minian*.

Um fato interessante aconteceu comigo numa das primeiras vezes que participei do *Cabalat Shabat* na Congregação (ainda Grupo Renascer). Era noite de *Rosh Hashaná*, além de ser *Shabat*. E esta é a única vez que se permite a uma mulher não judia acender as velas do *Shabat*. Ela é escolhida pelo líder que está dirigindo a cerimônia. E, para minha surpresa, fui a escolhida. Este foi sem dúvida um dos momentos mais emocionantes de todo o trabalho de observação participante. Isso não só pela grandiosa festa que era, tampouco pelos convidados ali presentes, a contar com a Rede Globo que filmava toda a festa para ser exibido no programa jornalístico do outro dia que falaria sobre o ano novo judaico. Mas, a emoção de fazer um ritual completamente sagrado, repetido semana após semana, milenarmente, deu-me uma enorme sensação de imortalidade, num gesto que acredito ainda se perpetuará por tempo indeterminado. Sabia que estava participando daquele momento como a agente responsável por trazer a luz que demarca um tempo profano de um sagrado, e ao mesmo tempo dava início a mais um ano novo, o que aumentava a emoção. Minhas mãos tremiam muito ao tentar encostar o fogo na vela e quase não consegui ascendê-las. Ao vê-las acesas meus olhos se encheram de lágrimas.

Sempre quando há uma festividade ou um convidado mais especial, é feita uma comunicação à parte. Exemplo disso foi o dia em que o rabino Henry Sobel veio fazer o *Cabalat Shabat*, ocasião em que o salão do Centro Israelita ficou, sendo um dos dias com maior número de pessoas presentes na reunião. Há também uma presença significativa nos dias do *Rosh Hashaná* e do *Yom Kipur*.

Também pude presenciar a comemoração da festividade de *Chanuká*, que caiu no último dia 06 de dezembro de 2002, numa sexta-feira. Além das oito velas de

*Chanukia*¹³, foram acesas também as duas velas do *Shabat*, numa linda reunião, no prédio onde mora um dos membros do Renascer. Esta dupla comemoração reuniu cerca de 50 pessoas, entre membros da Congregação Israelita de Pernambuco, das Pioneiras, estudantes do Colégio Israelita, e representantes da comunidade judaica do Recife, tanto homens, quanto mulheres e crianças. Pode-se observar que o evento constituía um grande momento de encontro, não só entre as pessoas, mas o encontro dessas pessoas com suas próprias raízes judaicas. (ver foto em anexo).

As celebrações como *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*¹⁴ também estão sendo associadas à celebração do *Shabat* na Congregação. No dia 31 de janeiro de 2003 houve uma bela cerimônia de *Bat Mitzvá*. Foi uma linda festa onde se teve a oportunidade de falar sobre a importância do dia do *Shabat* tanto para as jovens que estavam se iniciando na vida religiosa e social judaica, como para seus pais e avós que vieram assistir à cerimônia. (Ver foto em anexo).

É deste modo que a Congregação Israelita de Pernambuco vem exercendo um papel fundamental na transmissão dos valores e no fortalecimento da identidade judaica, unindo ocasiões em que os membros da comunidade possam vir a assistir e passar até a freqüentar as reuniões no dia de *Shabat*. Assim o *Shabat* serve como um elemento que agrega e congrega gerações unindo tempos distantes, num movimento bilateral: recordando o passado, e através de sua ritualização, projetando-o para o futuro.

¹³ Candelabro de oito braços específico dessa festividade.

¹⁴ Rito de passagem da maioridade masculino e feminino, respectivamente.

É desta forma que o *Shabat* se apresenta como um ritual que persegue a posteridade de uma identidade, como numa busca de um “elo perdido” que ficou “em algum lugar do passado”, e que vem em forma de tempo/espaço sagrado universalizar e eternizar um povo. (Ver foto em anexo – “De Geração a Geração”).

QUINTA PARTE - DESCOBRINDO A PEDRA FILOSOFAL

CAPÍTULO DEZ:

UMA ETNOGRAFIA DA ALQUIMIA OU UMA ALQUIMIA ETNOGRÁFICA?

JUSTIFICATIVA

Escolhemos falar do nosso objeto de estudo através de uma linguagem que permitisse trabalhar com todos os aspectos a serem discutidos de uma forma que pudesse reunir o significado do *Shabat* com as expressões da natureza, para facilitar

sua compreensão e ressaltar a sua simplicidade e beleza. Para isso buscamos um falar metafórico por meio da alquimia.

Tanto o judaísmo como a alquimia são áreas repletas de signos, simbologias, mitos e significados específicos, porém, apesar de tão distintas, descobrimos que é possível construir um diálogo entre ambas a ponto de explicar a essência que nos moveu a pesquisar o *Shabat* como sendo um elemento essencial para a formação e conservação do povo judeu e manutenção da identidade judaica.

Esta não é uma dissertação sobre alquimia e a história da química, mas através dessa ciência milenar pudemos encontrar paralelismos fundamentais para retratar a história da comunidade judaica, a sua formação em Pernambuco, a questão da identidade deste grupo, tendo sempre como pano de fundo o ritual do *Shabat*. Trabalhamos cada um dos quatro elementos da natureza (Fogo, Água, Terra e Ar) dentro de contextos específicos desta etnografia, e intitulamos o *Shabat* como uma possível maneira de ser encarado o quinto elemento. Assim, sob a perspectiva do judaísmo, denominamos esse rito como a tão procurada “Quintessência do Universo”, o “Elixir da Longa Vida” ou “A Pedra Filosofal”.

Entretanto, para entender o porquê dessa nossa ousada conclusão (por ser uma nova maneira de enxergamos esse ritual), é necessário antes percorrer até os primórdios da humanidade, para depois, seja através da ciência, da religião, ou de ambas, entender a criação do universo e a necessidade da existência do *Shabat* para um grupo que sempre teve sua cultura ameaçada.

Utilizamos as teorias do imaginário por serem essas capazes de traduzir toda a simbologia existente no judaísmo, no *Shabat* e na própria alquimia, e uni-las sob o olhar do imaginário. Para tal escolhemos Bachelard, autor que trabalhou em

suas obras com o estudo dos quatro elementos da natureza, utilizando-se sempre da linguagem simbólica para vislumbrar o universo. Segundo ele: “*As grandes imagens que expressam as profundezas humanas, as profundezas que o homem sente e, si mesmo, nas coisas ou no universo, são imagens isomorfas. Por iso servem tão naturalmente de metáforas umas das outras*”. Bachelard (1990:133).

UM PASSEIO PELO MUNDO DA ALQUIMIA¹⁶

Alguns estudos sobre a origem da palavra Alquimia revelam que no grego *Chemeia* significa Química. Na China, *Kim-Mai*, do dialeto cantonês, significando algo como "o segredo"; ou ainda, do dialeto de Fukien, *Chim-I*, “extrato para fazer

¹⁶Baseado em entrevistas com profissionais da área de Química, pesquisas em sites especializados e dados pesquisados nos seguintes autores: Alfonso-Goldfarb.(2001), Aquino (1984), Arroyo (1980), Carvalho (1995), Mar (1999), Petrinus (1997), Trimegisto (1973), Trindade & Pugliese (1995) e Waldstein

ouro”. A importância da cultura química dos egípcios é tão grande que há historiadores da ciência que creditam a eles o uso da palavra química, derivada de khemeia, que por sua vez teria se originado de Kham, forma pela qual os egípcios chamavam o seu próprio país. O nome do Egito, em hieroglífico é *Kemi* (negro), isto é, a matéria original da transmutação, passível de ser convertida em ouro.

Apesar de ter sido a precursora da química como uma ciência, a alquimia se diferencia dessa última por estar intrinsecamente ligada à idéia de religião. No árabe a palavra alquimia é *al-khimia*, que tem o mesmo significado de química, entretanto sabe-se, que *al*, em árabe, designa “Ser Supremo” o “Todo-Poderoso”, como *Al-lah*. E o termo alquimia, designa desde os tempos mais recuados, a ciência de Deus, assim alquimia seria: *Química de Al (Deus)*.

Outro fato relevante refere-se à origem da palavra laboratório, que seria a junção de duas palavras latinas: *Labor = trabalho, com Oratorium = lugar designado à oração*. Portanto, o laboratório era considerado um lugar sagrado, pois os alquímicos buscavam sempre Deus antes de realizarem seus experimentos, devido à concepção de que só Ele é o possuidor dos segredos do universo. Ainda hoje, nos laboratórios de química, existe um local chamado “capela”, onde são realizados os experimentos mais perigosos (como misturas de gases explosivos). Isto se deve ao fato de que no passado, nos laboratórios dos alquímicos, existia mesmo uma capela, designada para pedir proteção a Deus para os experimentos mais perigosos.

Petrinus (1997) cita uma fala de Nicholas Flamel, alquimista francês nascido por volta de 1330, que demonstra a santidade dos processos de transmutação da alquimia: “*Por isso, não esqueças de rogar a Deus que te dispense entendimento*

1973).

de razão, de verdade e natureza, para que vejas neste livro, em que está escrito o segredo palavra a palavra e página a página”.

Para os antigos filósofos, alquimia era um aumento de vibrações. Tudo que cresce provém de uma semente. O fruto está contido em sua semente. Ervas, animais, minerais e metais, provêm de uma semente e seu crescimento depende do aumento de vibrações, provocado pela energia cósmica, mais intensa em determinadas épocas do ano. Sua grande premissa contém a idéia de que a energia vital desce do céu.

Os alquímicos acreditam que todos os corpos derivam de uma matéria única e primordial, animada por uma vida única e universal. Tanto a matéria quanto a vida seriam manifestações polarizadas da Divindade. Seu método apregoa a certeza de que a perseverança e a fé, aliadas ao estudo detalhado dos textos dos antepassados, acabariam por lhes dar o conhecimento impregnado de uma carga mística muito profunda - conhecimento esse tido como o Dom de Deus. Na obra *Da Alquimia à Química*, de Alfonso-Goldfarb (2001), encontramos o seguinte: *“Trata-se, portanto, de uma cosmologia, ou uma forma de conhecimento do mundo. A matéria era interpretada através da ritualística mágica, entregando ao alquimista segredos do cosmo que o levariam ao conhecimento de si próprios”.*

Deste modo, o fazer alquímico foi sendo compreendido dentro de um contexto delimitado por experiências místicas e por idéias religiosas, tendo sempre como relevante o aspecto espiritual. Theophrastus Bombast Hohenheim, conhecido como Paracelsus (1493-1541), o grande reformador da alquimia, também escreveu sobre matérias religiosas e espirituais, e sua influência atravessou os séculos XVI e XVII, quando então vários autores, entre eles Jacob Boheme (1575-1624), escreveram uma série de livros sobre misticismo baseados nas idéias alquimistas de

Paracelsus. Em muitos trabalhos alquímicos a parte mística e a parte prática estão tão interligadas que é impossível de separá-las. Natural entender como para muitos alquimistas, a parte mística era viva, integrante do mundo material, e que a transmutação alquímica era para eles uma espécie de purificação mística.

Além do aspecto espiritual, a alquimia se constituiu enquanto ciência na medida em que objetivava compreender a matéria e o cosmo, ou seja, o microcosmo e o macrocosmo, além de procurar reproduzir de forma mais rápida o que a natureza leva milênios para conseguir. Como em qualquer área de conhecimento, a alquimia possuía uma linguagem própria, mas rica em signos e simbolismos. Toda essa simbologia peculiar garantia que seus conhecimentos ficassem restritos apenas a um pequeno grupo - os mestres e os iniciados.

O próprio ritual do *Shabat*, desde a cerimônia de seu recebimento (*Cabalat Shabat*), até a sua despedida (*Havdalá*), pode ser comparado com um momento alquímico num *labor(oratorium)*, por diversos fatores: a busca pela presença de Deus; o simbolismo de sua crença de que tudo vem de uma única coisa - o Deus Criador; os ensinamentos dos “mestres” aos seus “iniciados” sobre o significado do *Shabat*; o macrocosmos (a criação do universo) representado no microcosmos (a pausa sabática); a busca pelo aperfeiçoamento do homem; a procura pela felicidade e cura dos males físicos; o olhar voltado para a eternidade; a santificação dos materiais usados (como o *kidush* do vinho, das velas, da *chalá*); o estudo dos códigos antigos, para decifrá-los e aplicá-los à vida prática; a mistura de substâncias como: o sal e o trigo da *chalá* simbolizando a conservação, as essências e as cores das velas da *havdalá*; a utilização de metais preciosos como a prata e o ouro em forma de candelabros, ou na arca sagrada que guarda a *Torah*. Enfim, vários são os ideais e

simbolismos que podemos pontear como sendo paralelos entre os fins e os meios do *Shabat* (encontrados na sua celebração), com os fins e meios da alquimia (encontrados nas suas experiências).

Os alquímicos, para tentar construir e transmitir os conhecimentos complexos para os quais não existiam palavras específicas para expressá-los, utilizaram termos conhecidos e simples, que transmitiam uma idéia rudimentar de algum evento. Assim utilizavam os termos Água, Terra, Ar e Fogo, que segundo a alquimia representavam os quatro elementos básicos que constituem o universo.

Foram os filósofos gregos que desenvolveram a teoria dos quatro elementos. Há 600 anos a.C. Tales já afirmava que a alteração das substâncias era a alteração do aspecto de uma substância fundamental, o “elemento”. Tales, Anaxímenes e Heráclito acreditavam que todas as substâncias eram compostas de um elemento simples, mas não concordavam quanto à natureza desse elemento. Tales pensava que a água era o elemento que, quando evaporava e condensava, criava todas as substâncias. Anaxímenes acreditava que o elemento deveria ser o ar, que poderia condensar-se em água e terra, ou rarefazer-se em fogo. Heráclito pensava que o fogo era o elemento fundamental da natureza. Só em 450 a.C. Empédocles de Agrigento criou a idéia de que a natureza era composta de átomos, partículas “incontáveis” dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Os quatro elementos de Empédocles estão presentes em toda matéria, separados ou unidos por forças universais: amor e ódio; simpatia e antipatia entre as matérias (idéias orientais da dualidade de forças opostas). A partir desse princípio, os alquimistas desenvolveram seu postulado fundamental: “a matéria é única e pode sofrer transmutações mediante a variação das proporções entre seus componentes.”

Complementando a teoria dos quatro elementos, Paracelsus mostrou que esses elementos apareciam nos corpos sob a forma dos três princípios: sal, enxofre e mercúrio. O sal como princípio da fixidez e incombustibilidade; o enxofre, da combustibilidade e o mercúrio, da flexibilidade e volatilidade. Comparou esta "Tria Prima" a outro ternário sobejamente conhecido: corpo, alma e espírito. Foi ele quem iniciou a Iatroquímica - que postulava uma química médica, a partir de uma nova terapêutica, baseada no princípio de que o ser humano era formado por elementos básicos cujo desequilíbrio provoca todas as doenças. Paracelsus foi considerado mais que um alquimista. Ele foi tido como um importante médico medieval e pai da farmacologia.¹⁷

Voltando à nossa época, é interessante notar que a medicina foi a principal profissão escolhida pelos judeus, filhos dos imigrantes que chegaram em Recife no início do século XX¹⁸. O porquê da prioridade neste curso ainda não é claro. Schlesinger (1982), cita que: "*Os judeus mostraram, através dos tempos, uma notável predileção pela arte da cura*". PP 63. Lembrando que o *Shabat* é considerado um dia de cura, seria essa predileção um reflexo das suas premissas de buscar o equilíbrio bio-psíquico-espiritual, a homeostase, a visão para a eternidade?

Nota-se que alquimia sugere transformação, mudança de estado. Deste modo, as suas conquistas eram tidas como o caminho que tiraria a humanidade da ignorância e das trevas para atingirem o conhecimento e a luz. Além de estar associada à sabedoria e à perfeição, a luz simboliza o poder do sol e o brilho do ouro.

¹⁷O nome Paracelsus foi autodenominação sua, por representar a junção de "para" com "Celsus", ou seja melhor que Celsus - que foi um médico grego da antiguidade.

Esta tão procurada luz explica uma grande finalidade dos alquímicos: descobrir o segredo da combinação de matérias (dos metais) que se transformariam em ouro. E muitas foram as experiências para descobrir como transformar qualquer coisa nesse precioso metal brilhante.

Alquimia é considerada também uma arte, na medida em que se destina alcançar a perfeição. No aspecto material essa perfeição seria o ouro, mas no humano seria a longevidade, a imortalidade, a redenção e para alguns até a capacidade de voar. Foi deste modo que a finalidade principal era encontrar o elemento que garantisse todas essas preciosidades: ter vida eterna com saúde e com ouro. E muitas foram as experiências realizadas ao longo da humanidade para encontrar esse elemento, que inicialmente foi denominado de “*Elixir da Longa Vida*”, e depois passou a ser chamado de “*Pedra filosofal*”.

A descoberta do “Quinto Elemento”, também chamado de “Quintessência” seria o caminho para se conseguir a tão sonhada “Pedra Filosofal”. A obtenção desta “Pedra” simbolizaria atingir a perfeição, isso via o equilíbrio dos sentimentos, das ações e dos pensamentos.

“Ser judeu é ter um comportamento ético; é ser o menos imperfeito possível. O ritual e as tradições são importantes, mas o mais importante é o comportamento com as outras pessoas... A ética não

¹⁸Dados do AHJPE.

tem época, não tem tempo. D.I.E. (Judeu imigrante do início do século XX).

Já que o equilíbrio e a estabilidade das coisas do universo servem como indicadores na busca da “Quintessência”, a aplicação da “Lei de Correspondência”, cujo enunciado existe num texto alquímico da idade média, extremamente famoso, que é a “Tábua de Esmeraldas”, só vem a corroborar com a idéia deste equilíbrio. Nesta tábua está escrito: *“Quod Superius est Sicut Quod Inferius; et Quod Inferius est Sicut Quod Superius”*, ou seja: *“Assim o que está em cima é idêntico ao que está embaixo e o que está embaixo é idêntico ao que está em cima”*.¹⁹ A idéia de correspondência é estar em acordo, em equilíbrio. A Quintessência nos faz compreender as correspondências que deve haver entre o microcosmo e o macrocosmo; entre o homem e a divindade.

Os alquimistas julgavam as teorias pela sua beleza, elegância, simplicidade, pelo fato de que elas transmitiam a sensação de serem corretas. Agora a finalidade última da alquimia deixa de ser simplesmente a busca por uma “Pedra” que traga ouro e vida eterna, para ser a arte de despertar o sentido das analogias, por consequência do fenômeno da iluminação desse ouro escondido – o visível como reflexo do invisível, o material como reflexo do espiritual, a transformação como reflexo do equilíbrio. Entender essa premissa é fundamental para compreender a expressão da religiosidade judaica tão rodeada de aparatos materiais e rituais para

¹⁹Citado em Trimegisto (1973).

representar o divino, além de penetrar na atmosfera dialética do *Shabat* que é o repouso e a estabilidade para representar a ação da criação.

A ALQUIMIA E O JUDAÍSMO

Segundo dados do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro²⁰, a alquimia era tida até pouco tempo como alheia ou de importância diminuída dentro da cultura judaica, não tendo colaborado de forma preponderante na construção do pensamento judaico. Porém o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB) está apostando em novas pesquisas feitas na área, que mostrem a influência dos judeus na história do desenvolvimento da alquimia.

O AHJB cita dentre alguns médicos e alquimistas judeus um chamado Benjamin Mussafia, nascido na Espanha entre 1605 e 1606, falecido em Amsterdã no ano de 1678. Formou-se em medicina na Universidade de Pádua, no ano de 1625. Algumas idéias de Mussafia estão em seu livro *Mei Zahav, Epistola de Auro Potabili* (que significa Ouro Potável), escrito em Hamburgo, 1638. Esta obra refere-se a um tipo de ouro solúvel, possuidor de propriedades medicinais. O autor trata da alquimia, citando sempre textos bíblicos envolvendo símbolos e valores alquímicos.

²⁰Extraído do site do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro:
www.ceveh.com.br/ahjb.

O interesse de Mussafia era mostrar como a alquimia é de conhecimento dos judeus desde os tempos bíblicos²¹. Como fundamento de tal teoria, ele seleciona passagens bíblicas que reforçam esta tese.

De fato, a arte de trabalhar o ouro é muito antiga. O livro do Êxodo confirma em várias passagens que ourives de primeira grandeza acompanhavam Moisés. Segundo essas passagens, uma das ocasiões, durante a travessia para a terra prometida, enquanto esperavam por Moisés, que tinha subido ao Monte Sinai para se encontrar com Deus e receber as Tábuas dos Dez Mandamentos, cansados de esperar por ele, alguns israelitas manipularam ouro no deserto, e fizeram um bezerro de ouro.²²

Quando, depois de quarenta dias e quarenta noites, Moisés desce do Monte Sinai, ele encontra todo o seu povo idolatrando aquele bezerro de ouro, em bebedeira, danças e orgias, então irou-se. Seu furor fez com que ele destruísse tudo aquilo que desagradava Deus, pois os israelitas estavam ferindo o primeiro e o segundo mandamento os quais dizem: *“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de esculturas...”* Êxodo 20:3-4. Assim, Moisés agiu da seguinte maneira: *“e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo,*

²¹ A análise que se segue sobre o conteúdo deste livro é baseado na leitura da cópia fotostática do mesmo que existe no Acervo Harry Friedenwald, na Biblioteca Sydnei Edelstein de História da Ciência, da Medicina e da Tecnologia, Biblioteca Nacional e Universitária de Jerusalém, Israel.

²² Vale lembrar que quando os israelitas foram libertos da escravidão egípcia, outros povos como os próprios egípcios e os cananeus também foram junto com Moisés para o êxodo no deserto. Fato que, segundo o AHJPE influenciou para a miscigenação de costumes, como a idolatria a imagens.

moendo-o até que se tornou em pó; e o espargiu sobre as águas e deu-o a beber aos filhos de Israel.” Êxodo 32:20. O surpreendente é que esse episódio é tido por Mussafia como uma referência ao uso do ouro potável na forma de um remédio aplicado ao povo contra a idolatria (indicando assim que Moisés já tinha conhecimentos alquímicos).

Mas o interesse fundamental deste autor era o de levantar a tese de que os judeus são os portadores de um conhecimento científico original, nos qual dominavam todos os ramos da ciência e da arte. *“Cita o conhecimento sobre pólvora, interpretando a passagem em Deut. 29:22 ‘Enxofre e sal, toda a sua terra será queimada; ela não será mais semeada, nada mais fará germinar e nenhuma erva nela crescerá! Foi como a destruição de Sodoma e Gomorra, Adama e Seboim, que Deus destruiu em sua ira e furor’, era de conhecimento dos judeus. A metalurgia, criada por Tubalcaim, Gn. 4:22. ‘Sela, por sua vez, deu à luz Tubalcaim: ele foi o pai de todos os laminadores em cobre e ferro...’. Tubalcaim passou seu conhecimento a Abraão, este a Moisés e, assim, a todo povo judeu”.*²³

A habilidade em lidar com ouro também foi notada pelos judeus que aqui chegaram para formar as duas comunidades existentes em Pernambuco. Dados do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco revelaram que no período cristãos-novos

residentes em Olinda e Recife era, juntamente com a de boticário, a de ourives.

²³ Extraído do site do AHJB, escrito por Francisco Moreno de Carvalho.

*“... O ditto Lopo Martins lhe dixe que ho ditto ourives era hum judeu que guardava sempre os sabbados que elle denunciante nelle atentou (que forão muitos) vio que sendo sabbados de trabalho o ditto ourives não trabalhava nelles e tinha a tenda fechada e vio que nos mesmos de trabalho folgava o ditto ourives e andava passeando pella rua com camisa lavada vestida e vestido com vestido melhor que o da semana e que nestas cousas atentou elle de propósito e as vio como diz... ”.*²⁴

*“The dixe elle denunciante que lhe vendesse huns pensamentos de ouro de orelha pêra sua molher e o ditto ourives lhe respondeo que não nos tinha, então no dia seguinte que era domingo pela menhaã ante missa saindo elle denunciante a elle e lhe pedio que lhe vendesse os dittos pensamentos e ho ditto ourives lhe vendeo então os dittos pensamentos por mil rs. e vendo elle denunciante estas cousas em que elle de propósito atentava tinha ruim presumpção do ditto ourives... ”.*²⁵

Já na formação da segunda comunidade, alguns dos imigrantes judeus que se estabeleceram em Recife também eram aptos em lidar com ouro. Tanto que se estabeleceram e o que antes faziam artesanalmente, hoje se transformou em grandes joalheiras.

²⁴ Extraído da Obra: Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil; Denúncias e Confissões de Pernambuco. 1593-1595. PP 315.

²⁵ Idem.

“O meu avô paterno era ourives, ele trabalhava com coisas que ele fabricava e saia vendendo as jóias que ele fabricava”. D.M. (Judia, filha de imigrante do início do século XX).

Mas a ligação entre os judeus e a alquimia não pára por aqui. Corroborando com a idéia de Mussafia, há uma interessante origem da famosa expressão usada até nossos dias: “Cozinhar em Banho Maria”. Houve no ano 300 d.C. uma alquimista chamada Maria - A Judia, que desenvolveu instrumentos que serviam para sublimação, destilação, decantação e separação de materiais, utilizados na constante busca dos alquimistas pela Pedra Filosofal - capazes de transformar qualquer metal, impuro, em ouro alquímico, puro. É dela também essa citação: *“O Um torna-se dois, dois torna-se três, e por meio do terceiro e quarto alcança a unidade; assim dois são apenas um... Inverta a natureza e encontrarás o que procuras... Una o macho e a fêmea, e encontrarás o que é procurado...”* Maria - A Judia, 300 d.C. ²⁶

O famoso alquimista Flamel iniciou sua busca pela Pedra Filosofal através de um sonho tido como profético. Neste sonho um anjo lhe mostrava um livro e lhe ordenava que o lesse. Quando ele tentou pegar no livro a visão desapareceu. Só depois de tempos ofereceram a Flamel um livro que ele reconheceu imediatamente como sendo o do sonho. Esse volume antigo intitulava-se “O Livro do Judeu Abraão”. Flamel percebeu que ele continha fórmulas para a transmutação de metais,

26 Extraído do site:

<http://www.csasp.g12.br/stoameonline/quimica/alquimistas.htm>

mas não conseguiu decifrar a sua estranha simbologia.²⁷ Em 1378, ele reconheceu que a sua única esperança residia em encontrar um judeu que percebesse a simbologia do livro, o que não foi fácil, porque os judeus tinham sido perseguidos e, na sua maioria, expulsos de França. Contudo, acabou por encontrar um judeu convertido, chamado Maître Canches, que ficou entusiasmado quando examinou o exemplar de Flamel e declarou tratar-se do livro perdido da Cabala, filosofia religiosa baseada em antigas escrituras e desenvolvida pelos rabis. Maître Canches começou a explicar os símbolos misteriosos, mas, antes de ter concluído o trabalho, adoeceu gravemente e morreu.

Felizmente Flamel aprendera o suficiente para retirar das páginas do livro o segredo da Pedra Filosofal. Três anos mais tarde, em 17 de Janeiro de 1382, conseguiu produzir uma substância a que chamou elixir branco. Adicionando uma

²⁷ É de Flamel a oração a seguir, dirigida a Deus, para que recebesse entendimento e êxito sobre seus esforços. *"Deus Todo-Poderoso, Eterno, pai da luz, de quem vêm todos os bens e todos os dons de perfeição, imploro a Vossa infinita misericórdia; permiti-me conhecer a Vossa infinita sabedoria; é ela que rodeia o Vosso trono, que criou e realizou, que conduz e conserva tudo. Dignai-Vos enviar-me do céu o Vosso santuário, e do trono a Vossa glória, a fim de que seja e que opere em mim; é ela que é senhora de todas as artes celestes e ocultas, que possui a ciência e a inteligência de todas as coisas. Fazei com que ela me acompanhe em todas as minhas obras, que, pelo seu espírito, eu obtenha a verdadeira inteligência, que eu proceda infalivelmente na arte nobre a que me consagrei, na pesquisa da miraculosa Pedra dos sábios, que escondestes do mundo, mas que costumais revelar pelo menos aos vossos eleitos. Que essa Grande Obra, que devo executar neste mundo, a comece, a prossiga e a termine de modo feliz; que, contente, eu viva satisfeito para sempre. Peço-vos, por Jesus Cristo, a Pedra celeste, angular, miraculosa e firmada em toda a eternidade, que governa e reina convosco."* Citada no livro: **O Ouro dos Alquimistas**, de Jaques Sadoul (Edições 70, Lisboa, Portugal - Coleção Esfinge).

porção deste chumbo derretido, transformou-o em prata pura. Três meses depois, Flamel produziu um elixir vermelho que em seguida misturou com mercúrio para produzir ouro.

Dizem que após Flamel realizar outras transmutações, produziu ouro em quantidade suficiente para fundar 14 hospitais, construir 3 capelas, fazer donativos a 7 igrejas e realizar muitos outros atos de caridade, ficando famoso não só por ser alquimista, mas como um homem filantrópico. Os registros da Biblioteca Nacional demonstraram que ele de fato fez esses donativos. Ele morreu em 1417, e a sua casa e o seu túmulo foram posteriormente esquadrihados por pessoas que procuravam a Pedra Filosofal. Quanto ao “Livro do Judeu Abraão”, esse nunca mais foi encontrado.

Se de fato Flamel descobriu a Pedra Filosofal, é indiscutível que esta não lhe deu a imortalidade, apesar de haver quem afirme tê-lo visto uma noite assistindo a um espetáculo de ópera em Paris em 1761.²⁸

Unterman (1992) relata vários episódios que ligam os judeus aos conhecimentos ocultos da alquimia. Consta nele que alguns cabalistas envolveram-se com a alquimia. Ele cita a existência de um que foi muito procurado no século XVIII, em Londres. Deste modo, era comum entre os cristãos se acreditar que os judeus possuíam os segredos alquímicos. Esse autor também diz que, segundo o *Midrash*, o patriarca Abraão usava uma pedra pendurada no pescoço que podia curar qualquer pessoa, bastava apenas contemplá-la. E diz que o Rei Salomão teria recebido de presente da Rainha Sabá a Pedra Filosofal.

28 História extraída do site: <http://astrologia.sapo.pt/X8FB/260652.html>

Não é por acaso que a alquimia, com todos os seus numerosos símbolos, tem um em especial para o povo judeu. Chama-se “O Selo de Salomão”. Ele é na verdade um hexagrama formado por dois triângulos equiláteros invertidos e sobrepostos, formando o que conhecemos como “Estrela de Davi”. Cada um dos quatro elementos é representado por um símbolo: o Ar e o Fogo são representados cada um por um triângulo virado pra cima, e a Água e a Terra pelos mesmos invertidos. É possível localizar os quatro elementos em cada canto da estrela: o Fogo no vértice superior, a Água no vértice inferior, o Ar na reentrância à esquerda, entre os dois triângulos e, por fim, a Terra na correspondente reentrância à direita. Nela também são encontrados os estados que existem na natureza, de acordo com cada elemento: quente, úmido, frio e seco. (Ver figura no anexo – Selo de Salomão).

O Selo Salomônico funde os princípios masculino e feminino - o Enxofre e o Mercúrio simbolizando o “matrimônio alquímico”; E o Sal completa a tríade: alma, espírito e corpo. Deste modo, este símbolo pretende exprimir, na sua aparente simplicidade, a complexidade cósmica²⁹.

Salomão era o filho do Rei Davi. Ele é conhecido como o homem mais sábio do mundo. Em seu livro - Provérbios de Salomão (Bíblia Sagrada) - ele mostra a importância de se conquistar a longevidade. São inúmeras as passagens que falam sobre como atingir vida longa e feliz, todas elas associadas à busca incessante da sabedoria. Para ele a sabedoria vale mais do que o ouro mais fino ou a prata mais pura.

29 Extraído do site: <http://www.triplov.com/alquimias/rgoncalves1.htm>

Esse pensamento de Salomão em valorizar mais a sabedoria do que qualquer bem para conseguir vida longa foi disseminado de modo geral no pensamento do povo judeu. Pois, com tantas diásporas e perseguições, ficava difícil acumular bens materiais, então eles sempre preferiram acumular conhecimentos. Isso fez com que eles pudessem sobreviver e prosperar em qualquer lugar do mundo. Assim, a idéia de longevidade de Salomão através do acúmulo de sabedoria possibilitou os judeus a darem continuidade às suas vidas e à sua cultura. Tal fato também foi encontrado ainda hoje na fala dos nossos interlocutores, ao citarem que os esforços que os seus pais imigrantes faziam para garantir a eles a melhor educação possível.

“Toda aquela geração de imigrantes tinha um grande preocupação com a educação dos filhos e exigia talvez muito mais do que nós agora”. L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Podíamos deixar de comprar leite, mas nunca de comprar livros”.
D.E. (Judeu, imigrante europeu do início do século XX).

O fato de no *Shabat* haver uma alma adicional para cada homem, reforça a idéia desse sentimento de crescimento espiritual e também mental/intelectual, dessa elevação a uma dimensão de maior conhecimento das coisas, de maior sabedoria.

CAPÍTULO ONZE:

O PRIMEIRO ELEMENTO - O FOGO

*“No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo. E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou a luz Dia; e às trevas Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro.”*A Bíblia Sagrada. Gênesis 1:1-5.

O criacionismo confere a Deus a autoria de todas as coisas existentes na natureza. E a luz surge como a divisa primeira que dá forma ao mundo. A luz institui o ponto de partida para criação da terra, da natureza, da vida, do homem. Ao dar forma às coisas, a luz formaliza, ritualiza o mundo. Ela é assim um primeiro rito de passagem, separando as trevas, a escuridão, o vazio.

No relato bíblico a luz foi citada como a primeira coisa que Deus viu. Se seguirmos essa linha de raciocínio poderemos indagar: a luz é despertada por Deus assim como Ele é despertado por ela? Nesse movimento dialético Deus e a luz emergem em instantes bem próximos. Assim sendo, tal fato confere à luz um status de grande poder diante de todas as demais criações. Ela simbolizaria o próprio Deus Criador.

Talvez isso explique o fato de que o fogo e sua descoberta sempre ocuparam o imaginário da humanidade. Relatos diversos na mitologia, em diferentes culturas, associam personagens heróicos e animais mágicos capturando o fogo pela primeira vez dos deuses.

O mito grego de Prometeu³⁰ conta a origem do fogo. Prometeu ao roubar o fogo sagrado do Olimpo, para que os homens desenvolvessem a técnica, provocou a ira de Zeus, que ameaçou tomar o fogo se Prometeu não fizesse sacrifícios e oferecesse perfume e incenso aos deuses. Assim, criam-se rituais para compensar a aquisição do fogo sagrado.

O papel do fogo para os evolucionistas não seria de menor importância. Estudiosos vêem na invenção do fogo um marco para a história da civilização. A sua inserção no meio é vista como o maior avanço técnico e cultural, conferindo ao homem o *título de Homo erectus*, deixando pra trás a era de *Australopithecus*. A criação do fogo simbolizou maior adaptação, proteção, agregação, sobrevivência. Concomitantemente os hábitos foram transformados, ficou mais fácil comer e conservar comida. O tempo é vivido de forma diferente, agora há tempo livre - tempo de ócio e de mais criação. Segundo Roberts (2000), o fogo *“foi a primeira extração química de energia(...) As famílias podiam sobreviver mais do que antes em regiões mais frias e podiam habitar zonas temperadas com um pouco mais de facilidade(...) Cozinhar também teria encorajado outras restrições a impulsos imediatos: adiava-se o ato de comer e não se sucumbia ao apetite imediato engolindo comida crua. O fogo de cozinhar como fonte de luz e calor teria reunido pessoas à volta, depois do anoitecer, e ajudou a formar um grupo mais consciente da sua própria comunidade. De algum modo os indivíduos conversavam: o desenvolvimento da linguagem - de cujas origens sabemos muito pouco - deve ter sido acelerado neste cenário.”* PP 33.

300 nome Prometeu significa: “Aquele que vê antes”.

Percebe-se que a idéia de preservação e continuidade está intrinsecamente ligada à de mudança. Como relata Bornheim (1997), a tradição só pode ser entendida sob o duplo olhar: ruptura e continuidade. A criação do fogo trouxe estabilidade e seguranças necessárias para a transmissão de valores em comunidade, e permitiu mudanças no decorrer do tempo nos hábitos relativos a esses valores, inventando rituais, formalidades e tradições. Reforçando essa idéia, Hobsbawn (1997) diz que as tradições são inventadas e atualizadas através de práticas rituais ou simbólicas repetidas.

Em todas as versões acima citadas, a escuridão dá uma conotação de limite, de cegueira, necessidade de superação, medo das trevas. E a chegada da luz (fogo) traz o crescimento, a técnica, o conhecimento, associando-se à ciência, criação, desenvolvimento. A Idade Média - conhecida como idade das trevas, é superada pelo iluminismo - idade das luzes. É comum ver o desenho de uma lâmpada associado ao fato de ter uma idéia. Dar à luz é gerar, controlar, criar. E, como o poder de criação é um atributo divino, a aquisição do fogo dá ao homem mortal e limitado a sensação de infinitude, de proximidade com o divino.

O fogo simbolizou a figura de Deus de uma forma muito explícita no relato bíblico em que Moisés sobe ao Monte Sinai para encontrá-Lo. *“O aspecto da Glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte aos olhos dos filhos de Israel”*. Êxodo 24:17. E esse fogo era também chamado de sarça ardente, pois nunca se apagava. E após ter passado quarenta dias e quarenta noites na presença de Deus, desceu do monte trazendo as duas Tábuas do Testemunho. Mas a sua face resplandecia tanto que ninguém conseguia olhar diretamente para ele.

“Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés e que resplandecia a pele do rosto de Moisés; e tornava Moisés a por o véu sobre seu rosto...” Êxodo 34:35.

Esta descrição reforça a idéia do divino como uma dimensão elevada que transmite luz e conhecimento. O fogo tem o poder de criar ao seu redor uma referência de identidade que permitirá a propagação de suas chamas por tempos e tempos, refletindo tradições, idéias e simbologias determinadas. O fogo sagrado ficou refletido na face daquele que esteve com Deus, apesar de nem todos conseguirem olhar, tamanho era o brilho. A relação entre humano e divino foi tão aquecida, que Moisés ocupou o lugar central durante a história do desenvolvimento da religião judaica.

De maneira similar, as velas do *Shabat* ocupam o lugar central neste ritual judaico. É em torno delas que as pessoas se reúnem, seja em família, seja na sinagoga, seja sozinha, para ali acender a luz que representa a criação de Deus, e mais do que isso representa a presença do próprio Deus. Este é o momento áureo da cerimônia do *Cabalat Shabat*. Com a luz que emana das velas acesas do *Shabat* entra-se em outra dimensão de tempo e espaço - a dimensão sagrada.

“O Shabat é um deleite, é uma satisfação que você tem de consagrar o seu dia pra Deus. E você se consagra a Deus com alegria. Você fazer uma refeição com seus filhos e contar a eles a maravilha que é Deus, contar a Parashá daquela semana, falar algum assunto espiritual”. R.T. (Judeu convertido).

Como é a luz a representação de Deus e Sua criação, acender as velas do *Shabat* é um gesto de grande valor no judaísmo. Cabe preferencialmente à mulher esta ação, embora ela possa ser também realizada pelos homens.

“É dada à mulher o privilégio de acender as velas do Shabat” I.S (Líder Espiritual Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Eu não vejo problema algum do homem acender as velas do Shabat, afinal essa regra não está na Torah, foi inventada pelos rabinos.” R.T. (Judeu convertido).

“É ela quem vai receber o Shabat. Então, a mulher tem toda essa coisa do lar, vestir-se apropriado, ver se os filhos tomaram banho, vestir uma roupa apropriada para receber o Shabat. Toda a casa tem que estar bem dentro da santidade que o dia exige. Manter as coisas, um sentimento de alegria, de conforto, de solidariedade, de judaísmo mesmo, entre os membro da sua família. Então é importantíssimo o trabalho da mulher. Cabe esse papel à mulher acender as velas, as velas é a entrada do Shabat, e o Shabat é a noiva, seria dos dias os mais importante, a coroa, então cabe à mulher receber, é ela quem abre os braços e dá as boas vindas pra o Shabat com as velas. Mais uma vez o papel principal mesmo. Existem casos em que os homens ficam viúvos e que normalmente eles não acendem as velas do Shabat, porque eles se sentem só, eles não tem aquela motivação, eles não tem aquela peça fundamental, o elo, a presença feminina que é importantíssimo na vida judaica” H. F. S. (Judia convertida).

Não é difícil entender porque cabe à mulher o acendimento das velas, basta analisarmos o lugar ocupado por ela na dinâmica da vida judaica. Pertence a ela a responsabilidade de repassar aos filhos os ensinamentos sociais, culturais e religiosos, além do fato de que o judaísmo é uma cultura matrilinear, onde só são considerados judeus os filhos de ventres judeus. Porém, um fato marcante é que pertence à mulher a capacidade de gerar, de dar à luz, visto como o maior ato criativo humano. E se o fogo das velas representa a criação e Deus, é compreensível que quem faça esse acendimento seja a criatura que tem poder de conceber a luz da vida.

“Se todas as mulheres judias do mundo hoje parassem de ter filho, o judaísmo morria, parava. Então há judaísmo porque existe mulher judia, sem a mulher judia não existe judaísmo. Morreria, acabaria. Então não existe uma coisa mais importante no judaísmo do que a mãe judia. Ela que passa automaticamente o filho que é judeu, ela é que passa os costumes, as tradições, ela que ensina a religiosidade pro seu filho, ela que molda o caráter do seu filho. Então ela é a pessoa mais importante.” H. F. S. (Judia convertida).

As velas permeiam o imaginário humano por serem símbolos fálicos. Desde seu formato, o calor de suas chamas, e o poder que elas representam. Talvez dissesse Freud a respeito das velas do *Shabat* que cabe à mulher acendê-las para compensar a inveja do *falus* masculino. Mas em contra partida também reconheceria a inveja masculina em relação à condição exclusiva da mulher ao dar à luz e definir a descendência judaica. A ela enfim pertence a capacidade criadora do

judeu. A chama da vela que surge das mãos da mulher pode simbolizar o óvulo *mater* que esta carrega. E os pingos da vela podem ser comparados com o sêmen masculino que germina a cera e a reproduz ao cristalizar a vela. Assim, ambos recebem o poder da luz - o sagrado fogo que não deixa a cultura de um povo se extinguir.

As imagens do fogo são raízes centrais para entender o imaginário do *Shabat*, junto com todas as metáforas possíveis de serem construídas. A Vela, Deus e o Homem, unidos num só propósito - continuar ritualizando a vida, a criação. “*As imagens da vida se integrariam à própria vida*” (Bachelard, 1990:264).

Bachelard (1989a) diz que a chama de uma vela tem um valor único, incita meditações através das metáforas e imagens que ela revela. Ela é a expressão da vida emergindo por meio das animações oníricas. “*(...) a chama, dentre os objetos do mundo que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens. Ela nos força a imaginar. Diante dela, desde que se sonha, o que se percebe não é nada, comparado com o que se imagina*”. PP. 09

Relatam alguns escritos rabínicos que a primeira vez que Adão sentiu medo foi quando se deparou com a escuridão após o *Shabat*, por isso buscou a claridade. É comum encontrar episódios como este de Adão nos medos noturnos das crianças, ou até em relatos místico-religiosos nos quais colocam na solitária travessia noturna em uma floresta a condição para se alcançar a espiritualidade. Mais uma vez o imaginário é permeado pelo medo das trevas e desejo de superação dessas para encontrar-se com a luz (Deus, espiritualidade, conhecimento, segurança). A chama da vela mostra o claro sem extinguir o escuro, e é nesse paradoxo que se encontra o movimento do sagrado e do humano. “*Toda minha*

solidão está contida numa imagem primeira...no claro-escuro dos sonhos e da lembrança” (Bachelard, 1989a:58).

A dualidade entre o claro e o escuro é tida para Bezerra (1983), como uma oposição fundamental, pois ela é a passagem que sai *“Do caos, do nada praticamente inconcebível, para o claro que vai permitir o relacionamento do espaço, a distinção das formas e cores, a localização e disposição do que surge ou preexiste imperceptivelmente”*. PP 143.

Porém, entre Deus e o homem, o sagrado e o profano, o claro e o escuro, existe um espaço ocupado pelo "jogo de sombras" - interseção fruto destas imagens em contrastes. A sombra é o espaço do movimento, dos conflitos, das contradições, da metamorfose. Mas é também o espaço que representa a vida, a criação, pois é o espaço do repouso. *"seria necessário, para renascer diante da página branca, colocar um pouco mais de sombra no claro-escuro das antigas imagens"* (Bachelard,1989a:110).

O ser humano (criatura), ao se aproximar da luz (criadora), envolve-se numa dimensão sagrada que cria uma unicidade poderosa, reforçada pela necessidade de se ver refletido na divindade. E num movimento dialético, a luz criadora se faz existir no homem ritual e simbólico. *“as metáforas se aglomeram para dar realidades espirituais”*. (Bachelard, 1990:119).

“O Shabat é a santidade, sabe. Eu não deixo jamais de acender minhas velas, só se eu não estiver em casa. Às vezes eu não tou, aí eu ligo e digo: Sara, por favor acenda as velas moça, eu estou mandando, eu não estou em casa mas eu estou mandando. Eu não

deixo de recitar a Brachá (a prece das velas), e acender minha velas. Isso é o mínimo, o mínimo que eu posso fazer. Eu acho que isso é o mínimo dos mínimos pra manter a santidade.” H.F.S. (Judia convertida).

As pessoas reunidas ao redor da chama das velas do *Shabat* reforçam a unidade enquanto grupo, a partir do momento em que interagem entre si, buscando neste ato um desejo de se sentirem mais protegidas, agregadas e pertencentes a um todo maior que os criou - ao macrocosmo, a Deus. *“As pessoas reunidas sob a lâmpada têm consciência de formar um grupo humano reunido em uma concavidade de terreno, em uma ilha; estão ligados ‘contra a fluidez exterior’. Como expressar melhor que participam das forças da luz da casa contra uma obscuridade rechaçada?”* Virginia Woolf, citada em Bachelard (1990:88).

“O Shabat sempre foi mais comemorado em casa, porque Shabat era uma festa da família, do lar. Então a gente ia pra sinagoga e quando voltava da sinagoga, chegava em casa, digamos o horário uma seis e meia da noite, todo mundo morava perto, e aí se fazia a cerimônia igual a de hoje em dia, as velas já estavam acesas, porque a dona da casa já havia feito a Brachá das velas, então se fazia o kidush, se fazia a brachá do pão - da chálá - e a chálá era feita a domicílio, cada um fazia sua chálá, e se comemorava, se cantava músicas religiosas. O Principal mesmo era em casa.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Mas para quem está distante de casa, o *Shabat* funciona como o reencontro com a sua casa, essa casa que é universal. Um episódio acontecido no então Grupo Renascer deixa isso literalmente mais claro. Em uma das nossas observações participantes no *Cabalat Shabat*, teve uma ocasião em que um casal de judeus americanos que estava passeando em Recife e foi visitar o Grupo Renascer. Após encerrada a cerimônia, estando no momento do lanche de confraternização, todos foram conhecer melhor aqueles visitantes que estavam vindo de tão longe. No final, um dos membros se prontificou para levá-los ao hotel onde estavam, por eles não conhecerem bem a cidade e já ser tarde da noite. Eles, ao expressarem tamanha felicidade em ter encontrado o Grupo Renascer, disseram que ali puderam se sentir “em casa”, e não como um estrangeiro em terra distante. Então se despediram, desejaram *Shabat Shalom* a todos.

Após eles terem saído, ficaram uns quatro membros do Grupo Renascer conversando a respeito desse episódio, comentando como é bom quando se está viajando, encontrar um grupo de judeus como o do Renascer. Foi quando um deles falou que: “*O Grupo Renascer funciona como um farol, indicando que este é o meu lugar.*”

Inspirada neste episódio e no poder que a luz tem de (re)unir, envolver, identificar, escrevi esta metáfora do farol, intitulada: O Farol Está Aceso.

O Farol Está Aceso

O farol é o responsável por iluminar forte o suficiente e constantemente a ponto de que, quem estiver perdido, possa encontrar o caminho com segurança. Estar perdido significa que estão ausentes seus referenciais que o constituem enquanto indivíduo. Mas, o farol sinaliza que há um porto para atracar, uma terra firme para pisar, um lugar seguro para repousar.

Construído por várias mãos, em uma Torre e sob a orientação de um único Arquiteto Criador. O farol existe por se fazer necessário avisar aos que virão em seguida que os antigos referenciais não estão perdidos. Eles só precisam olhar e seguir em direção da luz. Essa luz que se mantém acesa durante milênios, é renovada toda sexta-feira. Duas velas a conservam brilhando, e mesmo com fortes ventos ou chuva, esta chama é protegida de tudo que possa fazê-la se apagar, nem que para isso seja necessário esconder por uns tempos a luz.

Nem todos conseguem vê-la. Mas os que olham bem para trás a enxergam, pois ela reflete a luz de uma outra torre que foi acesa em tempos remotos - a torre chamada Sinai. E no Sinai, um sinal iluminou Moisés. Ele enxergou o Arquiteto Criador da Torre, que em forma de fogo brilhou na sua face. E a chama da luz era tão intensa que mesmo ao descer da Torre seu rosto continuava iluminado e iluminando. Um véu se fazia necessário cobrindo seu rosto, tamanha era a intensidade da chama. Véu que ora esconde, ora mostra a luz. Assim é um farol: uma torre aparentemente escura, mas que de repente surge uma luz dentro dela dizendo que ali é o lugar.

E a luz guiou os israelitas, fazendo-os reencontrarem novamente o caminho. A partir da Lei, a cultura é instituída. Cultura que gera tradição, às vezes traz contradição, mas faz Renascer a luz na escuridão, trazendo proteção.

O que enxerga e segue a luz do farol se vê protegido, num ambiente de calor e troca criado através da luz de duas velas. Compartilha-se a luz, o pão e o vinho. Luz que também é idéia. Idéia que é alimentada e repassada às gerações. Assim, aqueles poucos momentos passados ali garante a continuidade da luz por tempos e tempos.

CAPÍTULO DOZE:

O SEGUNDO ELEMENTO - A ÁGUA

“E disse Deus: haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre as águas e as águas. E fez Deus separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi”. A Bíblia Sagrada. Gênesis 1:6-7.

A água é o princípio de todas as coisas, disse Tales de Mileto. A água está fortemente arraigada no imaginário como símbolo de fertilidade. Tanto que no Egito Antigo as mulheres inférteis iam se banhar no rio Nilo para que pudessem engravidar. A água é um símbolo universal de vida, de fecundidade e de fertilidade, “a senhora” como lhe chamou Bachelard (1989 b).

E a água sempre esteve presente na história do povo judeu de maneira muito significativa. Moisés, para ser salvo da morte pelos egípcios, foi colocado num cesto no Rio Nilo, até que foi encontrado pela irmã do Faraó, que não podia ter filhos, e o criou como Príncipe. Ao saber de sua origem hebraica, e ter o encontro com Deus onde Este lhe designou a missão de salvar os judeus da escravidão, Moisés voltou ao Egito e fugiu com o seu povo. Mas para isso ele fez com que se abrisse o Mar Vermelho e todos pudessem atravessá-lo e ser salvos. Aqui por duas vezes as águas salvaram o povo hebreu, para que eles tivessem continuidade no mundo, para que eles se expandissem.

Em todos os relatos dos interlocutores era comum em algum momento eles citarem algum rio que havia perto da casa de seus antecedentes que viviam na Europa. O rio era tido como referência em suas lembranças sobre seus familiares, no tempo em que as suas vidas nos chamados *shtétlech* eram tranquilas. Bachelard (1989 b) diz que o rio nos proporciona imensas lições de lirismo, que formam uma unidade através de um elemento fundamental.

"Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes." (Bachelard, 1989 b:08-09)

A água impulsiona a memória como fazem com os moinhos, trazendo de volta imagens de um passado. Mas as águas dos rios europeus são citadas também pela sua condição de congelarem no inverno.

"A família do meu pai vem da Berssarábia. Tinha um rio que congelava no inverno, e as pessoas patinavam nele". D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

"Uma prima minha tentou procurar a casa onde viveram nossos avós. Sabíamos que era perto de um rio, mas não conseguimos encontrar". D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

A proximidade em morar próximo às águas parecia ser uma coisa comum. Era provável que a água presente no inconsciente coletivo dos judeus trouxesse a

imagem do poder, da fertilidade, da expansão. Mas estar próximo das águas para os judeus era também uma necessidade devido aos seus rituais de purificação do *mikvê*³¹, pois antigamente era necessário construir as sinagogas próximas aos rios porque o *mikvê* precisa receber água corrente. Tanto é que a primeira sinagoga das Américas a *Kahal Zur Israel*, situada hoje no Recife Antigo, foi construída nas margens do rio Beberibe. Logo, a água tem o importante papel de purificação. Deste modo, a água preenche o imaginário quando traz consigo a possibilidade de conceder às pessoas o sentimento de estarem mais elevadas, mais próximas da vida, de Deus.

“Lá na Ucrânia a vida judaica era muito mais intensa do que aqui.(...) Era uma cidade muito fria, ele me contava que tinha inverno de fazer mais de 30 graus abaixo de zero, e que o rio congelava, e virava uma pedra de gelo, evidentemente que só acima, porque esses são uns dos milagres, tidos como milagre pelos judeus ortodoxos, que todos os líquidos quando congelam se comprimem, a água é uma exceção. Se a água se comprimisse ao congelar, como se comprime qualquer outro líquido, todos os peixes morreriam esmagados. Então ocorre o milagre, que a água foge a essa exceção, e quando ela congela ela se expande. O gelo é mais leve, flutua na superfície. Então a superfície até uma determinada profundidade virava gelo, e embaixo era água.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

³¹*Mikvê* é um tanque com água onde são realizados os rituais de purificação judaicos.

Talvez esse milagre citado seja comparado com a capacidade do povo judeu se expandir, apesar do frio. Aqui o frio pode ser comparado às crises, às dificuldades que os rodeavam como os *Pogroms* e outras perseguições. E a camada de gelo - a água expandida - seria responsável pela capacidade do judeu de se esconder, se camuflar, de escapar, escoando pelos arredores vizinhos até encontrar um lugar mais seguro. “*a imaginação descobre que a água é o sangue da terra; que a terra tem uma profundidade viva.*” (Bachelard, 1988 b:169).

“Então as pessoas, os jovens da cidade, para mostrar coragem, cavavam um buraco no gelo e aqueles que tivessem mais peito se atiravam naquele buraco, com mais de 30 graus abaixo de zero, para demonstrar coragem”.I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

E aqueles que tinham a coragem de ir mais fundo para sobreviver, deixavam tudo para trás e iam além, iam além-mares. Abrir um caminho em meio aos blocos de gelo e se atirarem no Oceano Atlântico, em busca de águas mais quentes e tranqüilas para continuarem sobrevivendo Foi assim que chegaram aqui os primeiros integrantes da segunda comunidade judaica do Recife.³² Coragem e esperança eram a sua bagagem. Geralmente jovens, chegavam aqui para “fazer a América”, como diziam. *"A infância é uma água humana, uma água que sai da sombra...Quantos seres teríamos começado, quantas fontes perdidas que entretanto ainda correm."* (Bachelard, 1988 a:106).

32A primeira data da época colonial, no tempo da invasão holandesa.

Mas, estabelecer-se aqui no começo foi difícil, tendo que muitas vezes nadar contra a maré, para vencer os obstáculos da língua, da cultura, da religião, do clima, da falta de recursos.

A adaptação se tornou mais fácil quando eles se uniram às margens do Rio Capibaribe, formando ali uma comunidade próspera. E as águas, que antes fizeram separação de famílias inteiras, agora as unia novamente. Cada vez mais correntes migratórias aportavam na cidade das águas correntes - a “Veneza Brasileira”.³³ E nessas correntes de água e gente, Recife foi proporcionando aos imigrantes judeus toda a atmosfera de expansão. E como não podia deixar de ser, todas essas águas trouxeram-lhes a fertilidade, nascendo a primeira geração de judeus, a segunda, a terceira, já estando na quinta geração.

“A comunidade toda se concentrava na Boa Vista, primeiro porque era um bairro mais simples, de menor poder aquisitivo, e segundo porque a comunidade tinha tendência a se aglomerar, por uma questão de segurança talvez, e porque todos falavam a mesma língua, então eles se aglomeravam. Ali na Boa Vista ficavam praticamente cem por cento dos judeus de Recife.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

³³ Modo como Recife é chamada, devido ao número dos rios e pontes que cortam a cidade.

Porém, o movimento de expansão é melhor entendido se colocado em contra-ponto com o de junção. O tempo todo o povo judeu fez esses dois movimentos, como num ciclo contínuo: ter que se expandir para poder se juntar novamente, e ao se juntar se expande, conseqüentemente. E assim se dá a sua trajetória, mudando de estado de acordo com as circunstâncias, como acontece com a água e o seu processo de transformação de um estado para outro - desde o estado mais compactado até o de maior expansão de suas moléculas. As moléculas de H₂O se unem para formar o que conhecemos como água. E ela só é água se estiverem os três elementos unidos. Assim também, o judaísmo precisa de suas moléculas juntas (Deus, a família e a comunidade) para serem reconhecidas como uma cultura.

“Então as famílias sempre procuravam se juntar a alguém amigo ou da própria família que já vivesse no lugar. Que o judeu sempre procura estar em contato com outras pessoas de sua religião, de seus hábitos e costumes, que é a tendência natural transferir para onde vai aqueles hábitos que tinha em seu lugar de origem”. D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Mas houve também um outro aspecto paradoxal desses movimentos de juntar e expandir. Para chegarem em Recife (movimento de expansão), precisou ocorrer anteriormente um outro movimento, o de junção. Falo aqui do *JOINT*, (que em inglês significa junção) e que era uma instituição judaica que salvava aqueles que não tinham recursos para saírem das cidades onde havia perseguições.

“Naquele tempo uma instituição chamada Joint se encarregava de salvar judeus numa situação assim, então ela fretava navios, trazendo para lugares onde não houvesse anti-semitismo. E meu pai veio através da sua ajuda. Ela ainda existe, mas hoje ela faz outro tipo de trabalho, agora mesmo estamos trabalhando com o Joint para ver se trazemos um líder religioso para o Recife.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Assim, mais do que salvar judeus, o *Joint* ajuda a preservar a cultura judaica. Percebe-se, portanto, neste importante exemplo, que os estados de expansão e junção são dialéticos e complementares. Tanto o estado de junção como o de expansão transmitem as tradições de uma cultura. Não poderia ter existido a sobrevivência da cultura judaica sem essa transformação de estados. E as águas seguem seu rumo...

“Eu tenho uma satisfação muito grande porque contando as gerações que vieram da Europa como imigrantes, começou o avô de Bernardo, que chegou aqui com 56 anos de idade foi o elemento mais velho que veio pra cá, depois os pais de Bernardo, os meus pais, e a minha geração, e a geração de meus filhos, e a geração de meus netos, estamos na quinta geração brasileira seguindo a tradição judaica”. B.S. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

“Eles trouxeram uma carga muito forte de judaísmo, que era manifestada no próprio comportamento deles. A guarda do Shabat, o

acendimento das velas. Por exemplo, eu não acendo velas, meus alunos acham isso uma coisa muito esquisita eu ensinar que deve acender, por que deve acender e eu digo que não acendo, porque não criei o hábito de acender, aí eu digo pra eles que eu procuro exercer o meu judaísmo em outras coisas. Mas minha mãe acendeu velas até a semana que ela faleceu nunca faltava uma sexta feira pra ela acender as velas do Shabat, isso era sagrado pra ela. Eu acho sagrado pra mim também, só que eu não faço. Por exemplo, eu tenho uma filha a mais velha que ela pode chegar em casa onze horas da noite, primeiro, ela não veste preto na sexta feira, e segundo ela não deixa de acender as velas do Shabat, ela vai seja lá pra onde for, 10, 11 horas da noite ela acende as velas do Shabat. Embora exista o horário adequado pro acendimento, ela não acende de acordo com o horário, mas ela acende as velas.”. B.S. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Quero mostrar que águas passadas movem moinhos! Existe aqui em Recife judeus descendentes dos marranos³⁴, e assim como aconteceu com Moisés, esses estão procurando descobrir suas raízes israelitas. E, ao se converterem ao judaísmo, são um dos grupos que mais participam das tradições, inclusive do *Shabat*.

“Essas pessoas que voltaram ao judaísmo, voltaram, era como se estivesse represado tudo isso e agora comessem a ter essa sede então vêm com muita sede àquilo ali”. R.T.(judeu convertido).

³⁴ Muitos dos quais estão se convertendo ao judaísmo.

Essa sede indica o desejo voraz deles participarem de todas as atividades - beber da fonte de seus ancestrais. E, como é um desejo que estava represado, a sua força é maior. Judaísmo mais uma vez é claramente associado à água da vida. Mas os demais judeus também demonstraram uma necessidade de fazer o caminho de volta além mar, em busca de encontrar seus antepassados.

Autores diversos como Freud, Jung e Bachelard, comparam essa busca ao passado a uma necessidade de retorno ao ventre materno. Pois a água conduz o homem a um tempo remoto, de plenitude e transcendência. Ela assume assim a representação do arquétipo da mãe - pelas lembranças de seu líquido amniótico onde guardou o embrião - chegando a ser um lugar cósmico no inconsciente coletivo. “*A água é um símbolo materno, pelo seu movimento rítmico, que embala, que sentimentalmente nos transporta para as origens*”. Bachelard (1989 b).

CAPÍTULO TREZE:

O TERCEIRO ELEMENTO - A TERRA

“E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares. E viu Deus que era bom. E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra. E assim foi.” A Bíblia Sagrada. Gênesis 1:10-11.

A terra como elemento está intimamente ligada no imaginário às raízes da terra. Raízes num duplo sentido: de vegetação - do plantar, crescer, do colher, do trabalhar e se alimentar com a terra; e raízes de origem de um lugar - simbolizando a fixação de um povo a uma parte do mundo, a sua referência de origem, o seu sentimento de pátria. Ele está ligado ao aspecto estático do imaginário, onde o homem está fixado, está arraigado.

E para o povo judeu a questão da terra tem um valor infinitamente maior, pois eles sempre viveram em função da sua terra. O patriarca *Abraão* ouviu do Senhor Deus: *"porque toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre. E farei a tua semente como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, também a tua semente será contada"*. Gênesis 13:15-16.

Um povo, uma nação, uma etnia, uma religião. Afinal, pensar no que é a identidade judaica e na distribuição da terra é um atenuante que instiga os diversos cientistas sociais.

“(…) mas a forma de praticar judaísmo é uma forma diferente de qualquer povo praticar o seu patriotismo, ou a sua filiação, não sei

nem como é que diga isso. Porque um povo que sempre teve o seu talento, a sua nação ele tem condições de dizer por que ele é americano, ou por que ele é brasileiro né. O judeu é um caso sui generis, porque a maior parte da história dele do povo, ele tava na diáspora, ele não tinha um país centralizado.” B.S. (judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Para os judeus a terra tem tanto valor quanto uma pessoa, tanto que o descanso sabático vale também para a terra e os animais. Com a terra acontece o seguinte. De sete em sete anos há um descanso, onde nada é plantado naquele pedaço de chão. Assim, seis anos seguidos planta-se e no sétimo a terra descansa. Também acontece que existe o ano do Jubileu Judaico, que é o quinquagésimo ano, pois sete vezes sete que é quarenta e nove mais um, que dá cinquenta. Este é um ano muito especial. Assim de cinquenta em cinquenta anos a terra volta ao seu antigo dono de origem.

“A Torah diz que a terra foi dividida entre o número de pessoas de cada tribo, mas acontece que com o tempo, por uma questão de saúde, de intempéries, nenhuma propriedade fica igual a outra... Então pra corrigir isso, de 50 em 50 anos a terra volta como antes, zera tudo, começa tudo. Existem explicações místicas, mas não está escrito o porque, estabeleceu-se 50. 7×7 dá 49, mais 1 que é Deus. Mas isso são especulações filosóficas, e cabalísticas, a verdade é que de 50 em 50 anos é o ano do Jubileu, é bíblico...” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Mas pensar em distribuição e em devolução de terra aos antigos donos fica mais complexo quando se trata do povo judaico. Lutando pela terra há milênios, e sendo quase sempre expulsos por onde se fixava, acabou por serem um povo cuja cultura se manteve independentemente do local onde estivessem. Diante de todas as diásporas que os judeus passaram, manter as suas tradições em terras alheias se tornou a mais importante de todas as tarefas.

“Como é que esse povo conseguiu sobreviver disperso cada um num canto, né? (...) Acho que é a preservação dos costumes é uma coisa muito importante”.L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Aí entra o papel primordial da memória e das tradições. Só através das lembranças da terra natal é possível refazer-se em meio ao desconhecido e continuar existindo. Lembrar era como um remédio para extinguir o medo do desaparecimento de sua cultura. Esse sentimento de nostalgia é descrito em Bachelard (1990): *“O mundo real apaga-se de uma só vez quando se vai viver na casa da lembrança. De que valem as casas da rua quando se evoca a casa natal, a casa da intimidade absoluta, a casa onde se adquiriu o sentido da intimidade? Essa casa está distante, está perdida, não a habitamos mais, temos certeza, infelizmente, de que nunca mais a habitaremos. Então ela é mais do que uma lembrança. É uma casa de sonhos, a nossa casa onírica”*. PP 75.

E havia um grande esforço dos imigrantes, ao chegarem no país de destino, de criarem os seus filhos com muito rigor, não só pelo lado religioso e das tradições

do judaísmo, mas principalmente pelos estudos. Pois a grande herança que os pais queriam deixar para os seus filhos, onde quer que fossem, era a herança intelectual, já que eles não podiam acumular bens, terras, riquezas, pelo fato de a qualquer momento poderem ser expulsos, eles então investiam no lado intelectual. É por isso que os judeus sempre se destacaram nas mais diversas áreas da ciência, arte, tecnologia. Por não terem uma terra própria, e serem sempre nômades, a riqueza que eles levavam era na mente.

“Toda aquela geração de imigrantes tinha uma grande preocupação com a educação dos filhos e exigia talvez muito mais do que nós agora, porque hoje é comum que você vá pra uma universidade, naquela época um título universitário era um passaporte pra conseguir trabalho. Quando você via num vestibular, podia olhar que os melhores alunos, as melhores notas eram de judeus. Daí vem a fama de dizer que é uma raça, um povo privilegiado. Eu não concordo com isso, apenas era mais esforçado, por exigência e por educação, porque ele aprendia, como dizia meu pai, um dia vão expulsar os judeus do Brasil, vão se tomar casa, vão se tomar terra, vão lhe tomar o dinheiro, mas não vão lhe tomar o que tiver na cabeça. Então a gente sabia que tinha que estudar...” {Neste momento ele se emociona e chora}. L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Com toda essa insegurança e pressão que passaram os judeus, não é difícil entender a origem do movimento mundial judaico chamado Sionismo. Este movimento pregava o retorno à sua terra de origem - Israel. E os judeus que faziam

parte da comunidade do Recife também participaram ativamente deste movimento de divulgação, valorização e retorno à terra.

“Existia a ‘Organização Juvenil Sionista do Brasil’. Eu fui diretor dessa organização aqui no Recife. Em todo o Brasil, em todo o mundo existia. Tinha filial em todos os estados. O fundamento principal era desenvolver os movimentos juvenis para que as pessoas reaprendessem a trabalhar a terra, porque a idéia era voltar a ser agricultor em Israel. Foram vários de Recife. As famílias em geral apoiavam, sentiam muito, choravam muito, porque sabiam que quem ia não queria mais voltar. Mas, na minha família, que não era grande, foi um primo meu. Me lembro bem que ele vendeu o navio pra comprar a passagem. Teve outro primo que também se formou em agronomia, abandonou tudo e foi embora. (...) I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Existia um sentimento de voltar à terra e pra viver da terra. Era um misto de nostalgia com perspectiva e esperança de futuro. Um futuro onde a identidade judaica estaria completa, salva, resguardada de qualquer ameaça. E a identidade judaica era a terra. Eles deixavam tudo pra trás e iam morar em Kibutz. Não era tão fácil, depois de tantas gerações, tantos milênios, fazer um retorno desses, para isso existia uma etapa preparatória, com a finalidade de treinar o relacionamento com a sua terra-mãe. Mas o desejo de retornar às origens era maior do que qualquer despreparo.

“Eu conversei muito com todo esse pessoal que tinha como ideal ir embora daqui pra viver num Kibutz. Muitos foram, vários de meus colegas de turma foram. Chegaram alguns a sair daqui em 1947, depois foi um grupo logo depois da fundação do Estado de Israel. E sucessivamente, quando eles iam chegando a uma idade já de 18 anos eles já se integravam em locais que preparavam eles pra fazer a mudança em Israel. O tipo de vida, era um tipo de fazenda em São Paulo.” D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Mas por motivos diversos, nem todos podiam ir. E os que ficavam continuavam a pregar esse ideal, e vinham sempre líderes dos grupos sionistas aqui em Recife, como em todo o mundo, dizer como estava sendo.

“Permaneceu uma ligação muito intensa, começaram a vir muitos enviados do movimento sionista viajando o país todinho de ponta a ponta, desenvolvendo palestras, falando como o estado viria a ser”. I.S.(Líder religioso judeu, filho de imigrantes do início do século XX).

Mesmo os que não puderam viver esse retorno de forma plena, abandonando tudo e voltando para Israel, pois já tinham suas vidas muitas bem estabelecidas aqui, mas eles iam sempre para lá, visitar seus filhos, pais, amigos, enfim reencontrar a sua terra-mãe. Pois, mesmo muito antes da criação do Estado de Israel e dos movimentos sionistas, sempre houve uma frase judaica que funcionava como uma premissa máxima para todos eles, que é: “Ano que vem em Jerusalém”.

Há centenas de anos esta frase era repetida entre eles com um tom de certeza de um retorno, pois lá era o seu lugar.

“Há um fato de que nós, desde que nós nascemos sempre lemos ‘Ano que vem em Jerusalém’, e que nós, toda a nossa liturgia é baseada na volta à Israel. “A Torah saiu de Sião. E a palavra de Deus de Jerusalém”. Quer dizer, desde criança nós fomos formados nesse espírito de que nosso lugar era lá.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes do início do século XX).

E, seja qual for o país em que o judeus tenham nascido ou se naturalizado, a sua pátria espiritual é Israel. Este fato é observado nos relatos que contam do sentimento de voltar à terra natal. Toda diferença de língua, cor, país, que separam os judeus espalhados pelo mundo é anulada quando se refere à mesma terra de origem como elemento de identidade comum, reforçando o sentimento de igualdade, identificação. E as canções judaicas, por serem universais concedem uma unidade capaz derrubar todas as diferenças.

“Numa ocasião eu fui pra Israel passear, e uma das coisas que me emocionaram mais foi um passeio que fiz num ônibus horrórico, de três noites e quatro dias, naquela época os ônibus eram horróricos, hoje são confortáveis. Mas iam nesses ônibus franceses, americanos, argelinos, árabes, brasileiros, gente de todos os lugares do mundo, e o guia ia mostrando uma coisa, outra, e quando não tinha o que mostrar ele fez: “quem é brasileiro canta aí ‘Aquarela do Brasil’,

quem é da França 'La vie en Rose', quem é dos EUA ...', cada um cantava assim a música do seu país e depois ele disse: 'agora vamos cantar as nossas músicas'. Aí cantava, em ídich, e todas as pessoas do ônibus cantavam. Então aquilo pra mim Lek foi uma das coisas mais emocionantes que você não pode imaginar, porque gente dos mais diversos cantos da terra, quer dizer aquela cultura era uma só! Os países eram diversos, mas a cultura era uma só! Então o guia chega ficava assim, com lágrimas nos olhos, e nós também.". B.S. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

"Me lembro quando a primeira vez eu fui à Israel, em 1963, quando o avião ia chegando próximo à Israel, no avião eles colocam o hino de Israel, e eu me lembro como eu caí em prantos. Quer dizer, a emoção de chegar lá também foi muito forte." D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Portanto, o espaço que o elemento terra ocupa na vida e no imaginário de todo judeu é central. É uma ligação visceral. E se suas raízes estão em Israel, suas sementes refletirão a imagem desta terra. *"A raiz é um eixo de profundidade. Ela nos remete a um passado longínquo, ao passado de nossa raça"*. Bachelard (1990:230).

Toda raiz pressupõe uma árvore. E as árvores frutíferas são imagens bíblicas do momento da criação da terra. Essas imagens invadem o imaginário judaico a partir do momento em que os frutos representam a expressão das tradições, tradições essas que foram um dia apenas uma semente plantada e cultivada, e que germinou, brotou da terra, dando início a outras árvores frutíferas, num ciclo contínuo da vida.

As uvas são frutos dessa árvore chamada judaísmo. Uvas que produzem o vinho para o ritual do *Cabalat Shabat*. Segundo Bachelard (1990), o vinho é um elemento sagrado, porque as videiras possuem os condutos de suas seivas bem estreitos, só deixando passar os nutrientes mais puros da terra. E as sementes continuam sendo espalhadas em todos os rituais do *Shabat*, são as sementes de papoulas colocadas por cima da *Chalá*, simbolizando a fertilidade e a continuidade da vida. Bacon³⁵, citado em Bachelard (1990:228), diz que: "*para rejuvenescer é preciso comer o que brota 'dos grãos, das sementes, das raízes'*".

A árvore é para Bachelard (1990), o resumo do universo. Segundo ele devemos viver como uma árvore, onde: "*Dentro de nós sentimos as raízes trabalharem, sentimos que o passado não está morto... A árvore está em toda parte ao mesmo tempo. A velha raiz vai produzir uma flor nova*". Bachelard (1990:230).

"(...) nós queremos que RENASÇA o judaísmo no Recife, vamos montar Grupo Renascer". I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

"O Grupo Renascer é muito importante. O nome já diz: é renascer a religião, renascer o interesse pelo conhecimento". L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

³⁵ *Histoire de la Vie et de la Mort*, trad. Fr., pp 308.

“Todas essas imagens traduzem, sob a ação da imaginação materializante, uma força de integração das imagens da raiz. Para o inconsciente a árvore nada perde, a raiz conserva tudo, fielmente... A raiz domina o obstáculo contornando-o. Ela insinua verdades; estabiliza o ser por sua multiplicidade.”

Bachelard (1990: 237-238).

CAPÍTULO QUATORZE:

O QUARTO ELEMENTO - O AR

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (...) E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã: o dia sexto.” A Bíblia Sagrada. Gênesis 1:27-28 e 31.

A criação do homem foi a conclusão de todas as obras da criação de Deus. Conta a Bíblia que o homem ganhou vida quando Deus soprou o Seu fôlego sobre as suas narinas. Portanto o ar é a vida no sentido mais amplo da palavra, além de representar o próprio poder de Deus, repassado aos homens pela respiração.

O ar no imaginário está muito ligado ao aspecto de liberdade. Enquanto elemento, ele sempre esteve associado a movimento. O poder de ir e vir, de circular, de estar em todos os lugares. A sua ausência é vácuo, vazio, o nada.

E em se tratando de liberdade, os judeus sempre estiveram em oscilação entre respirar o judaísmo e ser sufocado pela atmosfera que lhes oprimia. Mas, sempre havia uma reserva de oxigênio guardada nos sub-solos ou nos sótãos, o que garantia sua sobrevivência. Se escondendo, ou escondendo suas tradições, eles mantiveram sua cultura. Mas o ar traz uma simbologia da instabilidade e da

inconstância, ameaçadores de sua cultura, e chegavam momentos em que era preciso respirar outros ares.

“As famílias que vinham da Europa com toda aquela consciência judaica forte, praticamente todos perderam seus entes queridos em Pogroms, todos sofreram o Holocausto, perdi muitos familiares da minha mãe, principalmente o lado da minha mãe”. D.M.(judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

“... Mas meus pais, assim como a maioria dos imigrantes que chegaram aqui, eles viviam em vilarejos judaicos, dentro desses vilarejos eles tinham toda liberdade e uma vida judaica. Fora eles não tinham direito a nada, eram estrangeiros. Nem todos sofreram perseguições, mas todos sofreram restrições (...) a grande maioria não conseguia entrar na escola pública, como minha mãe.” B.S. (judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

A vinda para o Recife possibilitou-lhes praticar a liberdade religiosa e cultural tão desejada. Assim, puderam se instalar e instaurar seus princípios básicos que os constituíam em uma comunidade. Havia uma grande preocupação em manter a convivência o mais próximo possível entre eles. O movimento então era o de ir ao encontro do seu semelhante, do seu igual, para garantir a continuidade de sua identidade cultural.

“Os primeiros que chegavam aqui em Recife faziam, a escola, faziam o cemitério e faziam a escola, mas faziam também um centro social, porque como é que eles vão conviver juntos? A primeira que foi na Rua da Imperatriz, eu não conheci, chamava-se Sociedade de Estudantes Israelitas de Pernambuco, eram só estudantes que freqüentavam. Era o SEIP, sociedade, até hoje os mais velhos dizem eu vou na sociedade hoje. Os outros não, vão ao centro. Eu continuo chamando sociedade. A minha que já foi Centro Cultural Israelita de Pernambuco, eu fui tudo ali dentro, tesoureiro, até presidente, inclusive nós chegamos a publicar muitos números de um jornal chamado A Voz de Israel. E agente podia faltar a aula, mas não faltava todo dia ali, não era a sinagoga, mas estava ali, pra conversar, jogar xadrez, dama, ping-pong, fazia reuniões, e 99% dos casamentos saíram dali. Ali a gente convivia!” L.T. (judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Na comunidade todos éramos iguais, tudo o que existe hoje praticamente foi criado pelos nossos pais, vamos supor o cemitério, o Centro Israelita, a sinagoga”. I.S. (Líder religiosos judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Religião é o ato de “re-ligare” com Deus, mas também entre os homens. É como se no imaginário a regra fosse, se o homem foi feito à semelhança de Deus, precisamos impedir que esse homem desapareça para que Deus continue existindo. Aqui o elemento ar se divide em dois movimentos: um para o alto, para as coisas

espirituais, para a transcendência, e o outro para o lado, para a convivência na comunidade judaica que estava se formando.

“Antes da fundação da Martins Junior havia poucas famílias, e essas famílias se reuniam numa determinada casa, então havia duas ou três casas cujos habitantes concordaram em ceder a sala de visita para que funcionasse como sinagoga”. I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Íamos para a sinagoga da Rua Leão Coroado, os Mutchnik freqüentavam lá também. Todo sábado de manhã tinha a reza, e depois da reza íamos comer sanduíche de sardinha com guaraná. Depois freqüentei a da Martins Junior. Eu nunca cortei os laços com a sinagoga porque não se pode cortar o que está aqui dentro de você... Procurar as coisas que nos unem nos fazia deixar de ser egoístas. E a sinagoga pode funcionar como um elemento unificador.” D.E. (judeu, imigrante europeu do início do século XX).

“E o que aconteceu? as gerações foram também se sucedendo. As gerações dos imigrantes que se instalou aqui foi quem fundou a sinagoga daqui a da Martins Junior, a primeira escola, o centro cultural, a federação, instituições filantrópicas, tudo isso criados pelos imigrantes, círculo de livro, teatro ídish, trouxeram e quase que eles estabeleceram o shtetel, um vilarejo daquele dentro do Recife, que ficava no Bairro da Boa Vista, todos se concentrando e morando naquele bairro.” B.S. (judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

É através do ar que se transmite a voz, portanto a comunicação está ligada a este elemento. E havia muita necessidade de se encontrarem, de se reunirem, de se integrarem. Esses eram os momentos em que relembavam as suas vidas no passado, se ensinavam os costumes, se repassava a identidade cultural judaica. Era o momento da transmissão das tradições pela história oral.

“A nossa família se reunia todos os dias a tarde. Papai chegava cansado do trabalho, tomava um banho almoçava, cinco horas ou na casa de um ou de outro, tios, primos, toda noite se reuniam. E o mundo é feito de família. Hoje seria um outro mundo se o mundo não houvessem grandes cidades, se o mundo fosse feito de shtétlech, onde todos se conhecem, se respeitam, e se gostam. A gente tinha quase que um Shabat diário. Mas numa cidade grande a gente não tem mais Shabat.” L.T. (judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“O Principal mesmo era em casa. No dia do sábado, meu pai por exemplo de manhã ia pra sinagoga, e nos levava, os filhos, e de tarde ele estudava a Parashá, e ele nos ensinava assim, eu tenho um irmão que é um ano mais velho do que eu e o outro irmão era bem mais novo, então esse bem mais novo não participava ainda. Nós ficávamos enrolados um de cada lado do meu pai, ele abria um livro da história do povo judeu, da Torah, cada dia um assim, e nós íamos lendo, porque nós estudávamos hebraico sem poder traduzir.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Existe uma mitzvá que diz: E falarás da religião aos teus filhos quando estiverem sentados à mesa”. R.T. (Judeu convertido).

Um aspecto fundamental do ar é que ele apresenta o movimento de dispersão. Ele se espalha por todos os lugares. E os judeus se espalharam por todos os cantos do mundo. Isto pode ser analisado sob dois pontos de vista: um negativo - que vê nesse fato uma ameaça à extinção da cultura e do povo judaico; e um positivo - que pelo motivo de estar disperso está presente em toda a parte, garantindo a sua continuidade. Eu prefiro a segunda visão, que foi sabiamente exposta por um dos entrevistados:

“Os judeus eles foram dispersos, e você não destrói facilmente o povo dispersado. Você muito fácil destruir um povo concentrado, foi isso que ocorreu com as Astecas, os Incas. Mas como os judeus foram dispersados desde o tempo de Cristo, pode ser que, agora eu tô pensando nisso, será que essa dispersão não foi uma forma encontrada pra que não desaparecesse a religião? Vou pensar mais um pouco nisso. E a gente é um povo errante, que não para de “errar” e tá aí sobrevivendo...” L.T. (judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

É com essa visão otimista e de esperança transmitida pela cultura judaica que relembramos o pensamento de Bachelard ao dizer que: *“A respiração jovem e forte aspira a plenos pulmões um ar que a imaginação ditosa declara puro, e, diz a filosofia da vida, ‘um ar dotado de vida’.*” Bachelard (2000 a:51).

CAPÍTULO QUINZE:

O QUINTO ELEMENTO - O SHABAT

“E havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera.” A Bíblia Sagrada. Gênesis 2:2-3.

Sempre foi um desafio dos alquimistas encontrar o que poderia ser considerado como o quinto elemento, a Quintessência. Surgiram ao longo do tempo algumas suposições do que seria este elemento desconhecido que traria ao que o descobrisse a possibilidade de encontrar a Pedra Filosofal. Uma das teorias que mais durou considerava o éter como sendo esse quinto elemento, por possuir algumas propriedades importantes como o de penetrar nos poros e conservar as matérias. Além do que a palavra éter remete e a etéreo, puro. Mas essa teoria não foi totalmente aceita e foi logo deixada de lado pela maioria.

Experiências continuavam sendo realizadas, a grande maioria das vezes em segredo, nos escuros porões ou sótãos das casas. Mas essa escuridão logo se dissipava com a atmosfera sagrada desses laboratórios. A própria inquisição chegou a perseguir aqueles que insistiam neste ritual de busca pela transcendência, purificação e perfeição, julgando-os como hereges e confundindo-os com a figura de feiticeiros. Há até um decreto do Papa João XXII para conter os estudos alquímicos,

onde a grande proibição ao clero foi de 1273-1323. Um fato curioso que retrata essa época é a associação do cheiro do enxofre ao diabo ou ao inferno, isso surgiu na Idade Média devido ao uso do enxofre nas experiências alquímicas.

Mas, após tantas tentativas frustradas pergunta-se: desistiram os alquímicos de procurar a Quintessência? Tornou-se uma bela lenda a história da Pedra Filosofal? Ou tudo continua nos porões e sótãos da sociedade, disfarçada, camuflada, esquecida?

Percebemos que essa busca não findou, apenas mudou o modo de como chegar até ela. E a Pedra Filosofal está hoje ao alcance de todos. Porém, para continuar existindo, ela teve que de fato se esconder nos porões e sótãos das casas daqueles poucos que a conheciam.³⁶ A incompreensão do que é esse quinto elemento causou muito medo, danos, fugas e condenações. Tribunais de fé e diásporas quase que o extinguiram. Estamos falando do *Shabat* - um modo de (re)descobrir Quintessência do Universo.

Branca Dias, abastada moradora do vilarejo de Olinda e proprietária do Engenho de Camaragibe no século XVI, é um dos muitos exemplos de cristãos-novos ou cripto-judeus que tiveram que professar sua fé às escondidas, e especificamente a guarda do *Shabat*. Porém, graças ao conhecimento e uso dessa Quintessência do universo, Branca Dias é considerada um mito, ficando eternizada na memória da história judaica e universal. Professora, ela foi considerada uma das primeiras feministas do Brasil, por ser uma mulher que trabalhava e tinha idéias bem à frente de sua época quinhentista, mostrando sempre uma coragem fora do comum.

36 Idéia trabalhada por Bachelard (2000 b) - A Poética do Espaço, onde a nossa casa imaginária contem sótão e porão, alojando o inconsciente.

Ribemboim (2000), conta que hoje já existem três versões da existência dela, duas em Pernambuco e uma na Paraíba - lá todos desejam ser considerados como descendentes de Branca Dias. Seja nos subsolos do engenho (onde funcionava uma sinagoga escondida), ou trancada em seu quarto com sua *Torah*, ela nunca deixou de se encontrar, semanalmente, nesta dimensão oculta-sagrada. Não se pode negar que ela conseguiu atingir as principais finalidades da alquimia: possuidora de uma vida saudável, com riquezas, conhecimentos, capacidade de voar - ultrapassando os espaços reais em que viveu, e a imortalidade - pois Branca Dias continua viva em nosso imaginário.

Como pregavam os alquímicos, a finalidade das transformações do universo é atingir a perfeição. E o *Shabat* representa a perfeição de Deus, onde Ele tendo criado o universo viu que tudo estava bom (perfeito), por isso cessou toda sua obra. O *Shabat* é o memorial da criação no intuito de se contemplar tudo o que o Criador fez. É o símbolo do equilíbrio, da homeostase das coisas da natureza. Nada mais neste dia precisa ser criado ou transformado, pois não há o que ser aperfeiçoado.

“É o dia mais importante do calendário judaico é o Shabat, porque é o dia em que Deus tendo terminado de criar o mundo, tendo terminado essa invasão de matéria, criou água, terra, céus, astros, estrelas, e minerais, vegetais, o homem, então Ele parou e fez esse intervalo que é o Shabat. Um dia totalmente dedicado ao espírito. Shabat em hebraico quer dizer descanso, e é um descanso para a parte material da vida. Porque o Shabat é um intervalo entre duas semanas, um intervalo onde não se trabalha, não se exerce nada que se modifique o status quo das coisas, e apenas se dedica às preocupações espirituais. E observe que ele é tão importante que de

todos os dias ele é o único que tem nome. Primeiro dia, segundo dia, terceiro dia... não tem nome não, sexto dia e Shabat, esse tem nome”.

I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Assim, o quinto elemento é a união dos outros quatro elementos, só que em estado de inércia. A natureza repousa. Ele é a pausa que fecha o ciclo do universo: criação - aumento da vibração - transformação - repouso. Como no símbolo alquímico da serpente que engole a própria cauda, também conhecido pelo nome de Uroborus - que representa a Roda da Vida - pois o ciclo da vida se apresenta num circuito de transformações através da passagem da matéria. É por isso que em algumas culturas o símbolo do Uroborus representa o próprio tempo. (Ver figura no Anexo.)

Se pudéssemos localizar o *Shabat* na serpente Uroborus, ele se encontraria no minúsculo espaço existente entre a cauda e a boca. Pois esse espaço representa a busca pela ligação dos pólos opostos - início e fim. É o fechamento de uma etapa, formando um ciclo que se reinicia sempre, semanalmente, relembrando a origem do mundo. O Alfa é ação - está na gênese do mundo, e o Omega é inércia - conclusão da obra.

Como na idéia expressa por Eliade (1978), em o “Mito do Eterno Retorno”, à medida em que é relembrado e comemorado, o *Shabat* dá ao homem a sensação de voltar ao Jardim do Éden, ao Paraíso Perdido que é reencontrado num tempo e espaço sagrados.

“O Shabat também é um caminho que te leva a Deus!” R.T. (Judeu Convertido).

Esse retorno mítico lhe confere uma idéia no imaginário de que está sendo criado novamente, renascendo de um novo pó da terra, com um novo fôlego de Deus. Isso traz a sensação de renovação, de longevidade e de eternidade. Logo, *Shabat* como a Quintessência remete à idéia de conservação da matéria, assim como o éter.

“O momento do Cabalat Shabat pra mim é o momento em que minhas energias são restauradas”. R.T. (Judeu convertido).

Essa idéia sempre foi difundida desde os patriarcas e profetas israelitas reforçando a necessidade de se obter longevidade, eternidade e redenção por meio da dádiva concedida por Deus àqueles que Lhe são fiéis. Deus falou a Moisés: *“Seis dias trabalharás, mas o sétimo dia vos será santo, o sábado do repouso do Senhor; todo aquele que fizer obra nele morrerá”.* Êxodo 35:2. E é de Salomão o pensamento: *“Quem obedece à Lei de Deus vive mais; quem despreza os seus ensinamentos morrerá”.* Provérbios 19:16.

Assim cada vez mais o *Shabat* vai sendo associado à vida, à eternidade. É tempo de parar! Parar para retornar no tempo. Retornar para se renovar. Renovar para se tornar imortal. Esse é o Elixir da Longa Vida. *“Shabat entende a pausa como fundamental para a saúde de tudo que é vivo. A noite é pausa, o inverno é pausa, mesmo a morte é pausa. Onde não há pausa, a vida lentamente se extingue.”*Bonder & Sorj (2001: PP 89).

Baseada nessa idéia de pausa por consequência do estado de harmonia do universo, surge a idéia do *Shabat* representar a total homeostase da natureza e do homem. Daí se dizer que ele é também um dia de cura. Seus benefícios atingem um tripé formado pelo aperfeiçoamento “bio-psico-espiritual” - pois esta pausa atua nas respectivas áreas: no organismo, curando os males e o cansaço do corpo; na mente, aliviando sintomas como o estresse, a ansiedade; e no aspecto espiritual por elevar o homem a uma dimensão superior, em proximidade e contato com o divino.

Este tripé que o *Shabat* atinge pode ser comparado com "*Tria Prima*" de Paracelsus que era: corpo, alma e espírito (tendo assim o mesmo sentido, pois a palavra usada para designar a psiquê era alma, do grego). Portanto, estando esses três aspectos em equilíbrio o ser humano não ficaria doente. Logo o *Shabat* enquanto Quintessência do universo garante o aperfeiçoamento da saúde, tanto do indivíduo, quanto de toda a comunidade judaica.

É essencial, portanto, manter o equilíbrio dos três aspectos para a continuidade da própria cultura judaica, e quando qualquer um desses aspectos se encontra em proporções diferentes, os sintomas são logo percebidos, comprometendo a questão da longevidade do grupo.

“A congregação israelita ela é um pouco capenga, só tem uma perna, falta mais duas. Porque o judaísmo só se mantém atreves de três coisas: a Torah, Avodá - o serviço religioso, e a Tsedaka Chassidim - a beneficência. Se a congregação israelita estiver munida desses três pilares ela tem uma vida perene.” R.T. (Judeu convertido).

A alma adicional que é concedida no dia do *Shabat* retrata um pouco dessa dádiva divina, fruto de uma ligação com a esfera sagrada. Essa alma adicional é responsável por conceder maior força, sabedoria, felicidade e santidade, demonstrando ainda o aperfeiçoamento da tríade: corpo, mente, espírito.

“Admite-se que no Shabat, além da alma normal que a pessoa possui, ela recebe uma alma adicional, alegre, animada, que vem ajudar a se espiritualizar mais, tornar menos matéria e mais espírito”. I.S. (Líder espiritual judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Felicidade é um valor caro, que necessita ser sonhado e buscado para se atingir a o estado de plenitude no cosmos e tranqüilidade na alma. Tanto na alquimia quanto no *Shabat* a felicidade é um ponto relevante para se perceber o processo dialético: transmutação X equilíbrio. *“Decerto a felicidade é expansiva, tem necessidade de expansão. Mas também tem necessidade de concentração, de intimidade... Sentimos saudade da intimidade da felicidade perdida... Trata-se de uma grande felicidade porque é uma felicidade oculta”*. Bachelard (1990:13-14).

Teria sido essa felicidade perdida no Éden, local de maior intimidade com Deus? Mas mesmo oculta, ela se faz presente no momento em que o simbólico e o ritualístico refletem a dimensão do espaço/tempo sagrado.

“E pra mim o Shabat tem todo um significado. Realmente é um dia sagrado, é o dia mais importante da semana, o dia que você tem que está bem consigo, bem com Deus. Se você está feliz você está com Deus lógico. Mas se você está triste, não tem que está, não pode está assim. Você tem que está bem, você tem que está contente”. H.S.F. (Judia convertida).

A Lei de Correspondências, criada pelos alquímicos, procurando refletir no homem a atmosfera de harmonia e perfeição existente na esfera divina, é uma premissa que reafirma a ordem de Deus quando disse: *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”*. Gênesis 1:26. Se Deus é a perfeição, logo o reencontro com Ele concederá ao homem novamente essa mesma condição por ação do reflexo divino.

A necessidade de vivenciar o *Shabat*, e os mandamentos como um todo, para se sentir mais próximo de Deus está explicitado na idéia de Azria (2000), ao afirmar que o imaginário do judeu está intimamente ligado com uma necessidade de obedecer e ser semelhante a Deus. E, quanto mais perto da perfeição divina, maior o reflexo ditado pela Lei das Correspondências.

Existe um termo russo denominado *Bogochelovechestvo*³⁷, que dá a idéia de **Humanidade de Deus** ou **Divindade do Homem**. Este é um conceito *theanthrópico* pois remete ao paradoxo da constituição recíproca dos dois pólos. Essa “unicidade” se daria entre a dimensão do sagrado e a dimensão humana. Nesta

idéia Deus e o homem se unem desenvolvendo um compromisso cósmico-social pelo amor, pela memória e pela criação.

Interessante lembrar a idéia de Empédocles de Agrigento na qual dizia que os quatro elementos se unem através do amor e se separam através do ódio. E esse amor seria a expressão do compromisso entre o macrocosmo e o microcosmo. Bonder & Sorj (2001) analisam o sentido de comprometimento com a *mitzvá* do *Shabat*, o qual deve estar presente à experiência da felicidade, através do discernimento do que é melhor para si. Isso anularia a sensação de que cumprir esse compromisso é um peso. Desta forma, seguindo o raciocínio de Empédocles, o amor (a Deus, a nós e ao próximo) deve ser o elo que torna o homem parte integrante do cosmo, e através do compromisso com as *mitzvot* (e com o *Shabat*) dar-se-á a condição do ciclo da eternidade. Já o ódio - sentimento de desprezo aos compromissos - faria com que o homem rompesse com o cosmos, tornando-se um elo perdido. *“Abrir mão de nossos compromissos por conta do discernimento é romper com a relação fundamental entre o passado e o futuro que nos permitiu tanta riqueza cultural e vitalidade. Por outro lado, abrir mão do discernimento por conta do compromisso é um suicídio cultural e civilizatório de iguais proporções. A Torah é ambos, compromisso e discernimento”*. Bonder & Sorj (2001: 82).

A serpente Uroborus também lembra a imagem de um elo, uma aliança, unida pelo aspecto temporal, evocando ciclo contínuo, eternidade. *“Há uma forte tendência para julgar os símbolos do ponto de vista das formas. Dizem rapidamente que a serpente que morde a cauda é o símbolo da eternidade. Aqui sem dúvida a serpente junta-se à enorme potência do devaneio do anel... É preciso então entender*

37 Trabalhado por Berdyaev em 1925.

a mordida ao mesmo tempo ativa e mortal, numa dialética da vida e da morte... Ora o veneno é a própria morte... Empregado em horas apropriadas, na conjunção astrológica certa, o veneno proporciona cura e juventude. A serpente que morde a cauda não é um fio enrolado, um simples anel de carne, é a dialética material da vida e da morte, a morte que sai da vida e a vida que sai da morte.” Bachelard (1990:214-215).

E o *Shabat* é a aliança feita por Deus com o povo israelita. Ao entregar a Moisés as Tábuas dos Dez Mandamentos, elas seriam o antídoto que cura e dá o sentido da eternidade. Deus recomendou novamente que Moisés avisasse ao povo que o *Shabat* seria uma aliança eterna entre Deus e o povo de Israel: *“Tu pois fala aos filhos de Israel dizendo: certamente guardarei meus sábados, porquanto isso é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica... Guardarão pois os sábados os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo... E deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus.”* Gênesis 31:13,16 e 18.

Eis aí a tão buscada Pedra Filosofal. Aquela que dá sentido à palavra **eterno**. A Pedra escrita por Deus possibilitou à humanidade a instauração da lei que de geração a geração torna uma cultura perpétua, um povo imortal. De fato, a Pedra original foi perdida, não se sabe até hoje onde está. Mas a sua mensagem foi transmitida e ainda pode ser decifrada por diversas culturas, encontrando nela os segredos do Grande Alquimista - o Deus Criador. *“O verdadeiro alquimista é um espírito elevado”*. Bachelard (1990:56).

E pelo fato da semelhança com Deus, o homem também pode descobrir e manipular os quatro elementos essenciais à vida, que em estado de repouso se transforma na Quintessência do Universo - o *Shabat* - pois é uma dádiva em forma de promessa que garante ao homem se aproximar da prosperidade, da vida saudável, da eternidade, enfim, da perfeição.

A prosperidade é citada em forma de uma herança que Deus dará, além da capacidade de voar: *“Se desviares o teu pé do sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR digno de honra, e se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então, te deleitarás no SENHOR, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai; porque a boca do SENHOR o disse.”* Isaías 58:13-14.

O sentido de preservação de um povo, que conduz o imaginário à idéia de eternidade, é concedida pelo *Shabat* quando sabiamente se expressa uma famosa frase de Ahad Ha'am³⁸, na qual diz: *“Mais do que os judeus preservaram o Shabat, o Shabat preservou os judeus”*. Esta idéia tem uma grande importância para a comunidade judaica. Muitos dos meus interlocutores citaram esta frase durante as nossas conversas. É como se soubessem que graças a este ritual, nunca deixariam de existir, enquanto povo, enquanto cultura viva.

Portanto, fica agora fácil encontrar no *Shabat* todos os valores tão desejados pelos alquimistas, através da descoberta da Pedra Filosofal, pois enquanto o *Shabat* propõe uma vida com saúde, alegria, paz e longevidade, oferece o ouro em forma de herança, dá a possibilidade de voar, vislumbra a capacidade da

³⁸ Citado em MALOGOLOWKIN, Michel (org.) 1998.

imortalidade e emerge o sentimento de perfeição — que é a arte final buscada pela alquimia.

Essa idéia de perfeição é trazida pela essência do *Shabat* - ao ser o sétimo dia da criação - onde não precisou nada mais ser criado, só ser contemplada a perfeição da criação. Isto é reforçado no imaginário da sociedade na medida em que muitas culturas consideram o número 7 como sendo o número da perfeição.

“Essa idéia do número 7 como um número perfeito vem do fato de que 7 foi o número de dias da criação do mundo, e daí vem todo o resto. Porque havia 7 planetas, havia 70 povos...” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Uma expressão muito corriqueira na sociedade diz que: *“A pressa é inimiga da perfeição”*. Esta frase sugere que para se alcançar a perfeição não deve haver movimento, é necessário parar, refletir, desacelerar o ritmo da vida. Esses são postulados fundamentais à atmosfera do *Shabat*. Numa frase de Henry David Thoreau, citado em Bachelard (1990:79), é dito que: *“um homem é rico pela proporção do número de coisas que é capaz de deixar tranqüilas.”*

Parar é sem dúvida mais que uma arte, é um desafio aos nossos tempos pós-modernos. De Masi (2000), em sua obra sobre o “O Ócio Criativo” ressalta a importância de parar as atividades para em seguida voltar a criar. É essa pausa, esse estado de aparente ócio que garante refazer a condição criativa do ser humano.

Houve um tempo em que alguns alquimistas defenderam a idéia da Quintessência do universo ter sido o "cinabre", um curioso mineral que combina

enxofre e mercúrio (os dois princípios opostos do hermetismo, segundo os quais o mercúrio representa o sexo feminino e o enxofre o sexo masculino). Entretanto, essa idéia só vem reforçar a nossa hipótese. A força do *Shabat* é relatada por alguns místicos que consideraram esse dia como sendo um dia de completa harmonia do universo, servindo de amuleto de proteção contra as forças do mal. Segundo eles isso acontecia porque: “a união dos aspectos masculinos e femininos de Deus aconteciam no *Shabat*, o qual constitui, portanto, momento auspicioso para a união sexual entre o homem e a mulher. É um dia de harmonia cósmica quando as forças do mal (*sitra achara*) não exercem qualquer controle”. Unterman (1992:237-238).

Essa idéia mística concatena com o pensamento de Maria - A Judia, a alquimista do século III que buscava encontrar a Pedra Filosofal. Disse ela: “*O Um torna-se dois, dois torna-se três, e por meio do terceiro e quarto alcança a unidade; assim dois são apenas um... Inverta a natureza e encontrarás o que procuras... Una o macho e a fêmea, e encontrarás o que é procurado...*”. Parecia mesmo que Maria - A Judia tinha o conhecimento da Pedra Filosofal. Muitas interpretações podem ser dadas a essa sua misteriosa fala. Mas, podemos inferir aqui que ela se referia ao poder unificador do *Shabat* - que une os quatro elementos da natureza em sentido inverso - o do repouso, além do que a junção dos aspectos masculino e feminino de Deus só aconteceria neste dia sagrado. Considerada como uma profetisa, curioso é que, segundo consta na Biblioteca Nazionale Victor Emanuele em Nápoles, para Maria - A Judia chegar às suas descobertas foi preciso que ela tivesse **sete** visões. (ver em anexo gravura com uma das suas visões).

Após as exposições dos argumentos para poder considerar o *Shabat* como a Quintessência do Universo, sob o olhar do judaísmo, acreditamos ter chegado o

momento de reconhecer nele a herança da Pedra Filosofal, chegando ao fim de uma longa e valiosa jornada de buscas. É o momento de cessar, de descansar, de repousar no deleite do equilíbrio dos elementos da natureza com a harmonia do cosmos. *Shabat* é a arte, através do mito e do rito, de acender em nós o sentimento do etéreo, do belo, do perfeito — a arte final desejada.

“O alquimista busca antes o ouro potável do que o ouro em barra. Trabalha antes nas metáforas do ouro do que na realidade do ouro. E é às maiores metáforas, àquelas da juventude, que ele atribui naturalmente os maiores valores”. Bachelard (1990:55).

SEXTA PARTE - DESCOBRINDO A TABELA (JUDAICA) PERIÓDICA

CAPÍTULO DEZESSEIS:

MODERNIDADE: MUDANÇA x CONTINUIDADE

Segundo Bonder & Sorj (2001), o judaísmo moderno se inicia com o Iluminismo e a Revolução Francesa, estendendo-se ao momento pós-Holocausto e à criação do Estado de Israel. Este é o momento de busca de sua integração e legitimação nos valores modernos de universalismo e cidadania. Enquadrado nos grandes movimentos políticos da época - liberalismo, socialismo e nacionalismo - se volta para a formulação de projetos de reforma social. Esse momento é descrito como de grande reflexão sobre o que é ser judeu, buscando a verdadeira essência do judaísmo. *“O judaísmo moderno, ao nível individual, foi vivido como uma crise de identidade entre tradição e modernidade, entre lealdade aos laços primários e ao conjunto da sociedade, entre o privado e o público, entre sentimento e razão, entre querer ser igual e querer ser diferente...”* Sorj (2001:119).

Neste período também a química, como quase todos os ramos de conhecimento, para provar sua autenticidade científica, teve que investir em novos métodos de pesquisas diferenciados dos primeiros métodos - os alquímicos. Logo, não bastavam mais as diversas fórmulas de transmutação, tinha que haver a comprovação por testes e experimentos práticos das teorias então formuladas. Nesta nova época moderna a premissa do método científico sustentava que era necessário haver **controle** e **previsão** dos fenômenos estudados, sem as crenças na existência de qualidades ocultas. Heranças da filosofia de René Descartes, onde o universo cartesiano era então definido como um contínuo de matéria, totalmente redutível a partículas infinitamente divisíveis.

Foi deste modo que os cientistas foram dividindo o macrocosmos em um microcosmos, cada vez mais micro, numa seqüência decrescente composta de: matérias com um determinado peso ou massa, sendo essas matérias o somatório de substâncias³⁹, nas quais a menor representação dessas é a molécula, a molécula é a união de átomos⁴⁰ e os átomos são formados pelos elétrons em sua parte externa e um núcleo onde contêm prótons e nêutrons⁴¹. Esses dois últimos são formados de sub-partículas chamadas de quarks. Existem seis tipos básicos de quarks⁴², e cada um deles com suas antipartículas - os *léptons*⁴³ - fazendo existir doze tipos de sub-partículas.⁴⁴ Por serem correspondentes, cada partícula se une à sua antipartícula, mantendo o átomo em equilíbrio. Exemplificando, em um *próton* existem dois *quarks up* e um *down*, e um nêutron teria dois *quarks down* e um *up*.

Assim, no modelo atômico atual, os elétrons estão em constante movimento em torno do núcleo; os prótons e os nêutrons estão em equilíbrio dentro do núcleo, e os quarks e os *léptons* sendo considerados sub-partículas por serem as menores partículas do universo, ou as partículas fundamentais.

39 Lavoisier.

40 Avogadro.

41 Rhuterford.

42 Formam os nêutrons e prótons.

43 Formam os elétrons.

44 O nome dos *quarks* são: *UP e DOWN, CHARM e STRANGE, TOP e BOTTOM*. E dos *léptons* são: *ELÉTRON e NEUTRINO DE ELÉTRON, MUÓN e NEUTRINO DE MUÓN, TAU e NEUTRINO DE TAU*.

Segundo o modelo de Bohr, os elétrons na prática estão acomodados em sete camadas numa espécie de órbitas, ao redor do núcleo, e quanto mais próximos esses elétrons estão do núcleo, menor é a sua energia potencial, e inversamente, quanto mais afastados do núcleo, mais energia potencial eles têm. Logo, quanto mais externo na camada o elétron estiver, mais passível está de fazer as trocas iônicas - indo para outros átomos. É assim que uma substância ou elemento se constitui, pela alteração em seu número de elétrons, mas somando-se a isso tem que levar em consideração o peso do átomo. Assim, as substâncias seriam formadas por estruturas atômicas que variam em sua massa e quantidade de elétrons. Todos os átomos de uma dada substância pura são idênticos em todos os aspectos. Átomos de diferentes substâncias têm diferentes propriedades.

Para agrupar e localizar esses elementos foi criada a Tabela Periódica. Deste modo, esses elementos (que formam substâncias) são distribuídos em famílias - quanto mais semelhantes são em sua constituição mais próximos ficam na distribuição da Tabela Periódica.

Este foi um pequeno resumo dos desenvolvimentos da química moderna. Com suas teorias testadas e pesadas, foram construídas leis. Mas, para ser possível fazer um paralelo entre as leis da química e a Lei judaica, traçaremos aqui uma correlação entre os termos químicos (significantes) e o seu correspondente no universo judaico (significado).

SISTEMA - PARTE FINITA DO UNIVERSO = **SOCIEDADE ESPECÍFICA**

REAÇÕES QUÍMICAS = **MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS.**

MATÉRIA = **POVO JUDEU**

MASSA / PESO da MATÉRIA= **VALORES JUDAICOS / TORAH**

PROPRIEDADES = **IDENTIDADE**

SUBSTÂNCIAS = **EXPRESSÕES DAS TRADIÇÕES**

MOLÉCULA = **A FAMÍLIA JUDAICA / AS INSTITUIÇÕES JUDAICAS**

ÁTOMO = **O JUDEU**

ELÉTRONS (Dualidade partícula e onda) = **ESPAÇO PERCORRIDO NUM TEMPO**

NÚCLEO ATÔMICO = **SHABAT / REPOUSO**

QUARKS & LÉPTONS - **CRIAÇÃO / TRIBOS DE ISRAEL**

Feitas as devidas correspondências, podemos então entender como as leis da química explicam a dinâmica do *Shabat* e sua importância para a preservação do povo judaico, mesmo em meio às mudanças ocorridas ao longo do tempo. Iniciemos esse paralelo entre os fenômenos químicos (do microcosmo) e os sociais (do macrocosmo), com o pai da química moderna - Lavoisier e sua Lei da Conservação da Matéria.

Antoine Laurent Lavoisier (1743 - 1794), após vários experimentos comprovou que num sistema fechado, depois de uma reação química com substâncias, essas se transformam, porém o peso da matéria dessas substâncias continua o mesmo, vindo a postular sua lei baseada na seguinte afirmação: "Por

mais complexas que sejam as modificações das substâncias, o peso total dos produtos obtidos é o mesmo que o peso total dos que iniciaram o processo". Essa propriedade ficou conhecida como **Princípio da Conservação da Matéria** que se tornou popular com a repetição da seguinte frase: "*NA NATUREZA NADA SE CRIA, NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA*".

Ora, se a matéria se conserva a mesma, apesar das transformações ocorridas nas substâncias pelas reações químicas, então a tendência do universo é mesmo se manter em harmonia com os princípios iniciais, mesmo com as diversas modificações que possam nele ocorrer ao longo do tempo.

Seguindo este raciocínio da preservação da matéria de Lavoisier, diríamos que analogamente, devido às mudanças sócio-culturais (reações químicas) ao longo do tempo e do espaço (movimentos e transferências dos elétrons), as expressões das tradições (substâncias) se transformaram, porém os valores judaicos continuaram os mesmos (massa da matéria), o que fez com que o povo judeu (a matéria) se conservasse.

Foi necessário haver adaptações das tradições devido às adversidades circunstanciais. Assim explica-se como o *Shabat* se transformou em sua expressão. Mudou de forma, mas continuou existindo. Essa explicação dialética — só permaneceu porque se transformou — é a essência da lei de Lavoisier. Pois o *Shabat* não se extinguiu, mas em alguns momentos mudou de forma, para continuar presente pela eternidade. Não se perdeu na natureza, se transformou, pois a Torah tem o mesmo peso que no tempo de Moisés.

A manutenção pela e apesar da transformação, comprovada por Lavoisier, é retomada nas ciências antropológicas por Velho (1999), onde ele explica a

identidade das sociedades complexas por meio da teoria da **metamorfose**. Esta noção, inspirada na obra de Ovídio (42 a.C - 18 d.C), remete à idéia da mudança das coisas, porém conservando elementos do estado anterior. Logo, por mais que se tenha mudado, algo de permanente fica. Diz ele: *“mesmo nas mudanças aparentemente incisivas de identidade individual, permanecem as experiências e vivências anteriores, embora reinterpretadas com outros significados. Entre um self fixo e imutável, por detrás das aparências, e uma plasticidade total, procuro captar o jogo da permanência e da mudança”*. PP 09.

No exemplo mais popular de metamorfose, a própria borboleta, para chegar a este estado, precisou de um tempo de repouso no casulo, onde entrou lagarta. E tudo reinicia, num movimento cíclico.

Assim, o *Shabat* é um elemento fundamental enquanto símbolo de identidade do povo judaico, pois dá a este povo o sentimento de conservação e continuidade, mesmo em meio às transformações exigidas num sistema aberto.

“Meu pai, vindo da Ucrânia ... Ele era ortodoxo, e na minha casa, enquanto meu pai viveu nós nunca nos permitimos por exemplo trabalhar num Shabat, acender a luz num Shabat, e acender fogão num Shabat. Nada, nada, nada. Ele mesmo, no escritório dele, dava assessoria a várias empresas no Recife, mas ele trabalhava no domingo, e descansava no sábado... No dia do sábado, meu pai por exemplo de manhã ia pra sinagoga, e nos levava, os filhos, e de tarde ele estudava a Parashá, e ele nos ensinava assim... Hoje praticamente não existe ortodoxo, porque mesmo a sinagoga ortodoxa, que é a do Beith Chabad em Boa Viagem ele reúne pessoas

que não são ortodoxas. A sinagoga é que é, ela é mantida pelos ortodoxos, o rabino, mas o público que frequenta ele pode até se dizer ortodoxo, mas se sabe que não é, não comem casher e muitos deles não respeitam o Shabat...Só havendo a religião ortodoxa muita gente se afasta, dezenas e dezenas de família usam esse pretexto. Eu trabalho no sábado, eu vou a pé, eu não como casher... Nós achamos que deveria haver uma facilidade para que continuasse havendo atividade religiosa grupal. Eu na minha casa continuei fazendo o Shabat. Acho muito grande (a importância do Shabat para a identidade judaica). Acho que não conheço nenhum judeu, mesmo sem obedecer aos códigos do Shabat, que não ache dignificante o Shabat. Que não ache que o Shabat é uma grande invenção. Um grande pensador chegou a dizer que na verdade não foi o povo judeu que guardou o Shabat, foi o Shabat que conservou o povo judeu....Acho que apenas ele se adaptou às circunstâncias”. I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrante europeu do início do século XX).

“Meu pai foi um homem, em ídish “ a frimer id” que significa o judeu praticante... O shabat limitava-se às bênçãos das velas, aí cabia à mãe, minha mãe acendia as velas, e ela também era religiosa... O que mudou é que nas cidades maiores a primeira coisa que eles faziam era a escola, a sinagoga e o cemitério, porque todo o ritual é diferente. Com relação ao sábado, eles eram muito mais, porque a geração que chegou e até mesmo a segunda, eles tinham uma formação religiosa que a gente não tem. Por que é que existe até hoje o judaísmo, cinco mil e setecentos anos depois? Através da religião.” L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Meus pais seguiam as tradições faziam tudinho, mas a gente não ligava muito pra isso. Enquanto minha mãe era viva havia todas as festas. O Shabat minha mãe ainda acendia as velas e tudo. Eu mesma nunca acendi, não sinto necessidade de acender as velas. Já minha filha acende. Mas eu tenho muito sentimento em relação ao judaísmo, porque o que a gente sente tá dentro da gente”. E.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

Logo, no *Shabat*, o sentimento de santidade e a percepção do dia mais especial continuam fortalecendo a identidade judaica. A forma de sua expressão é que mudou.

“Porque o Shabat é um intervalo entre duas semanas, um intervalo onde não se trabalha, não se exerce nada que se modifique o status quo das coisas, e apenas se dedica às preocupações espirituais. E observe que ele é tão importante que de todos os dias ele é o único que tem nome. Primeiro dia, segundo dia, terceiro dia... não tem nome não, sexto dia e Shabat, esse tem nome. E é um dia no qual se comemora a criação do mundo, a criação do homem, e se comemora a libertação do Egito. Quer dizer, é o dia mais importante do ano é o Shabat”. I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

A disposição dos elétrons em sete camadas (órbitas) em torno do núcleo, nos possibilita compará-las com os sete dias da criação. E se quanto mais localizado próximo do núcleo, menos energia tem o elétron, então reforça a idéia de que esse

núcleo reflete a estabilidade energética do *Shabat*, onde suas forças estão em equilíbrio constante. O núcleo é o repouso, a pausa, a homeostase, santidade. Deste modo, o espaço ocupado nas camadas identificaria os campos do sagrado e do profano.

Segundo Van Gennep (1978), o *Shabat* é tido como um **rito de passagem**. Depois de identificar e categorizar de diferentes ritos, ele deixa claro que o papel de qualquer rito é de marcar aquele momento considerado como importante para um grupo. E o *Shabat* é um rito de passagem do momento profano para o momento sagrado. É a hora de parar e se elevar a uma dimensão de espiritualidade, além de estreitar os relacionamentos interpessoais.

A compreensão das noções de **sagrado** e **profano** se tornam mais acessíveis quando se tem clara a idéia de tempo e espaço. Entre os autores que estudaram o fenômeno religioso, destacamos a abordagem de Eliade (1957) e de Durkheim (1996), onde as relações entre os espaços do sagrado e do profano se dão em vias de mão dupla, pois um aspecto não pode ser entendido sem o outro.

Os quarks e os léptons são representados por seis pares de opostos, totalizando doze sub-partículas formadoras do universo. Como que formando o alicerce da terra, essas doze sub-partículas lembram as Doze Tribos de Israel, que, ao se espalharem pelos quatro cantos da terra, levaram consigo os fundamentos necessários para que, mesmo nos seus deslocamentos iônicos, a matéria fosse conservada em qualquer sistema, “guardando” e “recordando” em instantes sagrados uma estabilidade nuclear.

Se imaginássemos o desenho das duplas opostas dentro dos quarks e dos léptons ele nos faria lembrar a figura de Uroborus⁴⁵ - um ciclo contínuo representando o tempo mítico - onde nos quarks e léptons os pólos opostos se unem formando o elo que se retroalimenta, mantendo-se num movimento de retorno eterno - um retorno à origem mais elementar da estrutura do universo. Retorno à estabilidade do Éden, à estabilidade do ventre materno, à estabilidade do Shabat.

Porém este é um círculo em forma de espiral, remetendo à idéia de que sempre se volta ao mesmo ponto, só que em outra dimensão, de forma diferente. Essa dualidade é compreendida por Morin (1990), dentro da antropologia da complexidade, como sendo o princípio da Recursividade Hologramática, onde tudo se transforma, já que a realidade é dinâmica, subvertendo a linearidade do tempo. O retorno é certo, entretanto o modo é incerto.

A complexidade das sociedades trouxe ao universo as rupturas. Portanto, não se pode excluir as partes, pois elas se completam mutuamente para explicar os fenômenos, sejam eles macros ou micros. A visão de mundo anterior como sendo o universo composto por quatro (ou cinco) macro-elementos é adicionada à visão atual, onde cada elemento é fracionado em outro menor. E os quarks e os léptons são a menor fração deste universo.

Para Bornheim (1997), a noção de **tradição** está em interação à de ruptura, formando uma unidade. A historicidade tem um papel fundamental aqui, na qual existe uma tensão permanente da continuidade x mudança. Na tradição algo é

45 Símbolo Alquímico.

repassado ao longo do tempo com a preocupação de manutenção, e este algo é o conjunto dos valores estabelecidos. A ruptura fortalece a necessidade da tradição.

Mas ao mesmo tempo em que os quarks e léptons estão em plena harmonia, em estado de estabilidade, eles estão também em vibração de forças opostas dentro deles, e essas visões diferentes não são excludentes e sim complementares. É necessário que exista a dualidade dos opostos para se chegar à estabilidade do todo. Este é outro princípio da teoria da complexidade, chamado por Morin (1990) de princípio dialógico. Esses pares de opostos são tidos como sendo forças concorrentes, complementares e antagônicas. Segundo este autor todas as relações são construídas a partir deste modelo. Portanto, fica mais fácil entender as diferentes formas dos judeus se relacionarem com o *Shabat*, ao longo das gerações, causando uma tensão entre os judeus de uma geração para outra - que é a ampliação das tensões ocorridas dentro dos quarks e léptons - mas que no final geram equilíbrio.

Velho (1999), analisa até que ponto a participação em algum estilo de vida ou visão de mundo implica numa adesão significativa para demarcar as fronteiras da identidade social. Ele trabalha a idéia de dois modelos polares - o modelo da tradição e o da modernidade, e todas as instituições irão oscilar entre um pólo e outro. E essa oscilação entre diferentes valores é que marca a vida moderna.

A invenção da Tabela Periódica, embora seja anterior à descoberta dos quarks, reforça essa idéia de tempo cíclico e de tensões entre elementos químicos semelhantes. Segundo a **Lei do Retorno Cíclico**, as propriedades químicas de um elemento de uma família retornam em outro elemento da mesma família periodicamente demonstrando que: “*A Química nos revela que os átomos existentes*

*na natureza podem ser classificados em uma tabela periódica, partindo do elemento mais leve (Hidrogênio) até ao mais pesado (Urânio). Dentro desta tabela os elementos com propriedades químicas semelhantes são agrupados em famílias. As propriedades químicas de um elemento de uma família retornam em outro elemento da mesma família periodicamente demonstrando a **Lei do retorno cíclico**. Este retorno dá-se num ponto diferente da escala, mostrando que o ciclo não é fechado, o que torna o elemento seguinte da mesma família semelhante e não igual ao elemento anterior". Pedro Orlando Ribeiro - In: A Evolução da Matéria, na Revista Vanguarda. N° 47. PP. 02.*

Esta lei química do **Retorno Cíclico**, que tem fundamentos na idéia do tempo mítico do Eterno Retorno de Eliade (1978), serve de base para explicar, juntamente com as relações concorrentes de Morin (1990), como se dão os conflitos de gerações nas famílias judaicas. Isto é de uma importância fundamental de ser compreendida porque o *Shabat* é uma celebração familiar.

“O Shabat é uma cerimônia familiar, mas são poucas famílias no Recife que praticam. E muitas não praticam porque não sabem. Boa parte dessa corrente migratória que veio da Europa no século XX não eram pessoas religiosas. Então não passaram pros seus filhos, que não passaram pros seus netos”. R.T.(Judeu convertido).

Outras duas noções importantes para entender o *Shabat* é a de **relações necessárias e coesão social**, desenvolvidas por Durkheim (1970). As duas são complementares, pois a primeira dá ênfase ao que as pessoas podem fazer em grupo,

e, como para ele o que conta é o social, será o sentimento de ficar junto que criará a religião, já que ele concorda com o fato de que a religião facilita a coesão social. Coesão social será mencionada também em Evans-Pritchard (1978). Segundo ele, a religião é um meio de manter a coesão social e a continuidade das tradições religiosas.

Apesar da geração que formou esta segunda comunidade não se dizer religiosa, ela tem demonstrado uma grande preocupação em repassar a religião, as tradições e o *Shabat* às futuras gerações. Nota-se em algumas citações onde os pais e avós assumem não celebrarem o *Shabat*, que ficam felizes (ou aliviados) pelos filhos e netos o estarem fazendo, diminuindo uma possível culpa deles não terem repassado na prática os ensinamentos religiosos como os receberam. É como se sentissem mais protegidos em suas identidades sabendo que seus netos irão continuar realizando o *Shabat*.

Bonder & Sorj (2001), trabalham a idéia de que a **identidade** judaica viria pelo neto, num movimento cíclico do tempo, onde os netos são incumbidos da responsabilidade de garantir ao avô o sentimento e a legitimidade da identidade judaica, num movimento contrário, ao comum matrilinear. Segundo Sorj esse seria o modo mais garantido de dar continuidade à cultura judaica.

“Minhas netas (filhas de casamento misto) não praticam nem participam de absolutamente nada, o que me deixa um pouco entristecida, porque pra poderem optar era necessário que conhecessem dos dois lados. Não sabem de nada nem de um lado nem de outro.” D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

“Sabe por que que é minha culpa, e da minha geração? Porque a gente não tá transmitindo aos nossos filhos o pouco que recebemos... A criança tem uma influência enorme no exemplo, em tudo na vida, não só na religião. Mas eu tive uma formação religiosa, ela (a sua esposa) talvez menos, mas mesmo assim todas as festas religiosas e tradicionais os pais e os avós faziam. Mas a gente não transmitiu isso, achou que colocando num colégio judaico, todos eles estudaram num colégio judaico, já era o bastante. E talvez (o colégio) não tinha sozinho formação suficiente pra transmitir princípios básicos.” L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Minha filha estuda no Colégio Israelita. E ela chegou em casa um dia desses, me perguntando porque nunca celebrei o Shabat, nunca acendi as velas. E ela agora disse que queria fazer isso, e está me cobrando isso. E estou me sentindo muito leiga, sem conhecimento direito do que é o shabat”. C.M. (Casada com judeu).

“Através do colégio a gente conseguiu despertar, no Rio e em São Paulo, aqui também, a menina está pedindo pras mães que voltem no sábado a acender as velas. Os meninos cobrando aos pais. Eles querem. Aprenderam na escola e acharam bonito. Então esse retorno pode ser feito de forma invertida”. L.T. (Judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Existe essa preocupação em repassar o Shabat. O colégio Israelita, grupos diversos, e as famílias que é o principal, é a base do Shabat. Isso é incentivado, por exemplo, houve uma época em que se distribuía de graça o vinho do Shabat, distribuía de graça

candelabro em todo Brasil. A congregação e o colégio são os pontos maiores de motivação. O colégio ensina e todas as sextas feiras ao meio dia, quando termina a aula, o colégio faz um pequenino Cabalat Shabat, reúne todas as crianças no salão e faz, faz com tudo.” I.S. (Líder religioso judeu, filho de imigrantes europeus do início do século XX).

“Acho que a preservação dos costumes é uma coisa muito importante. Ontem eu ia conversando com Tânia, porque a mãe dela faleceu, então os sete primeiros dias é Shiva, que quer dizer sete em hebraico são dias considerados de luto fechado. E nesses sete dias é costume, é tradição se rezar pela manhã e à tardinha. Ou seja à tarde o dia judaico começa ao entardecer, porque diz que na Bíblia está escrito: ‘e fez-se a tarde e depois a manhã.’... E o filho de Tânia disse a mim que queria fazer... Você não sabe como eu fico feliz, por que aí já não é a nossa geração, é a outra, se mobilizando pra preservar. Eu acho que os hábitos e os costumes preservados asseguraram sim a continuidade do povo, com certeza.” B.S. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

“O Shabat, a minha mãe não costumava acender velas. A minha avó sim, eu não me lembro da minha família acendendo vela, a minha mãe não. Quando um dos meus filhos estava no colégio, me perguntou por que eu também não acendia as velas. Me perguntaram, porque como eles estudavam no colégio israelita e o professor mostrava todo o ritual judaico, aí eu respondi: olha eu não acendo porque a minha mãe não acendia. Agora por que minha mãe não acendia, não sei se pra ela fosse tão importante, mas sempre no Shabat era o dia que a mesa ficava mais bonita, havia um clima

assim.” D.M. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

“Eu não celebro o Shabat, mas minha netinha já sabe fazer as bênçãos das velas, já coloca as mãozinhas nos olhos, e acende as velas do Shabat.” T.K. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Nota-se que houve uma mudança no espaço que o *Shabat* ocupa, onde antes era de caráter mais privado, na família, agora se estende para o espaço mais público, as instituições como o Colégio Israelita e a própria Congregação Israelita.

É por isso que a molécula assume uma dualidade na sua forma, onde ora se apresenta como sendo a Família Judaica, e ora são as Instituições Judaicas, num movimento de expansão e contração desta molécula. Partindo da premissa de que “a matéria é energia condensada e a energia é matéria difusa”⁴⁶, há uma possível explicação para esse deslocamento entre o público e o privado a partir da fala de um dos interlocutores, quando disse que:

“Eu acho assim, que havia, (isso é opinião pessoal, gerada pela minha observação dos fatos), enquanto o Estado de Israel não existiu, não se tornou verdade, havia uma responsabilidade enorme

46Albert Einstein.

nos ombros de cada judeu no mundo inteiro. Como se auto preservar? A auto preservação está intimamente ligada à fidelidade aos costumes, às tradições, às práticas judaicas, porque aquilo era uma forma de manter o povo judeu vivo. Dar uma continuidade à existência do povo. Depois que surgiu o Estado de Israel, com um governo centralizado, houve uma responsabilidade montada lá, oficial, acho que houve um destensionamento, um relaxamento das responsabilidades dos judeus da diáspora. Então eles se consideram judeus, mas eles não se sentem mais tão obrigados a se manter tal qual, rigorosamente. Eles são fiéis, mas do jeito de cada um.” B.S. (Judia, filha de imigrantes europeus do início do século XX).

Isto parece indicar que houve um estado de relaxamento ou distensão da matéria (do povo judeu) diante da responsabilidade da manutenção das substâncias puras (expressões das tradições judaicas). Lembrando da Lei da Conservação da Matéria, diante de uma reação química (mudança sócio-cultural que foi a fundação do Estado de Israel), as substâncias (práticas judaicas) se modificaram através do intercâmbio dos elétrons (mudança do espaço e do tempo) entre os átomos (judeus), então a molécula (família e instituições judaicas) irá alterar sua forma, mas a massa da matéria (valores do povo judaico) se conservou.

Entende-se melhor agora a noção da **metamorfose**, trabalhada por Velho (1999), como sendo a mudança individual dentro e a partir de um quadro sócio-cultural. Muda, mas continua com o registro do estado anterior. Não muda totalmente, fica o registro da vontade e iniciativa dos seres. E nesta direção serão construídas as análises dialéticas das contradições das mudanças versus as

continuidades individuais/sociais. Pois, em meio a uma identidade metamorfoseada, ficam ainda as experiências anteriores, re-significadas. É nesse jogo entre permanência e mudança, memória e projeto, que se torna possível um entendimento da identidade de um grupo.

O movimento de auto-preservação da matéria ocorre sempre que a percepção de continuidade de suas moléculas estejam ameaçadas em suas partículas mais fundamentais. Desta feita, fica em evidência uma de suas propriedades que é a plasticidade dessa matéria de acordo com a necessidade do sistema, onde num movimento dialético e contínuo, o povo judeu se “expandiu” pelo mundo para sobreviver e se “condensou” para se fortalecer.

“Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente agregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para começar em seguida a agir, porém de modo diferente”. Van Gennep (1978:157).

Barth (1965) trabalhou com as idéias físico-químicas para explicar a unidade e criação de Deus e a permanência dos valores judaicos. A sua noção acerca da ciência e da natureza está de acordo com o princípio da Recursividade de Morin (1990), onde cita que as divisões da natureza são necessárias para que possam unir-se novamente, só que em outra dimensão. E, acerca das responsabilidades ele diz: *“O judeu individual deve prezar o fato de não agir a sós, mas no seio do seu povo, dentro da comunidade que lhe é chegada pelo caráter e pela tarefa. As memórias nacionais comuns; elas também asseguram a continuação dos esforços, que serão renovados, de geração em geração... Ele e seus contemporâneos formam o presente, que é de grande valor apenas quando une o passado com o futuro”*. PP 108-109.

Hobsbawn (1997) diz que a **tradição** é inventada, construída e formalmente institucionalizada. Esta invenção se dá por um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras, de natureza ritual ou simbólica que visam disseminar valores e normas de comportamentos através da repetição, implicando na continuidade do passado. E ela é fruto da tradição genuína. Logo, a tradição é dinâmica e está sendo ritualizada o tempo todo. Esta invenção serve para garantir a estabilidade em meio às mudanças.

Assim, trabalhando a noção da tabela periódica no judaísmo, vê-se que cada elemento ou substância está disposto de acordo com a similaridade entre as suas moléculas, e mesmo que mude o período das famílias, cada uma ainda conservará resquícios do elemento anterior, formando uma continuidade na forma de um retorno cíclico. E a descoberta da menor partícula do universo judaico - quarks e léptons - está implícita na importância do *Shabat* para a conservação da matéria designada como povo judaico.

É através das suas propriedades fundamentais - a harmonia, o repouso, a estabilidade - que quarks e léptons refletem a imagem da criação do macrocosmo. A quebra de sua harmonia, com a destruição do seu núcleo estável equivale a uma bomba atômica (fissão nuclear), destruindo os referenciais de identidade formadores da matéria.

As discussões da memória sociais e da identidade estão presentes nas autoras Ferreira, & Orrico (2002), as quais defendem que são necessárias novas ancoragens que permitam a reavaliação da relação entre passado, presente e futuro. A necessidade de memória é algo universal, as suas práticas é que são determinadas

culturalmente, através de redes discursivas que envolvem fatores diversos como: míticos, históricos, políticos.

Discutindo os discursos fundadores das noções de cada grupo descobriram-se novas ancoragens que darão um redimensionamento na constituição de cada referência grupal. Ancorar de modo novo é vislumbrar como a identidade de um grupo é constituída a partir das noções predispostas no imaginário da sociedade.

Seja como a Quintessência ou como a partícula fundamental do universo, o repouso harmônico do *Shabat* garantiu a continuação de uma cultura porque foi construído em torno da figura mais elementar do cosmos. Sua simplicidade e plasticidade funcionam como conservantes de uma matéria. E, apesar das circunstâncias, ele muda de forma mas continua presente, pois, como disse Morin (1990): “o todo está na parte e a parte está no todo”. O que dá um sentido ainda maior à famosa frase de Ahad Ha’am⁴⁷, que diz: “*mais do que os judeus têm preservado o Shabat, o Shabat tem preservado os judeus*”.

E nesse jogo de reflexos entre ruptura e continuidade, o tempo cíclico pede um retorno dos cientistas químicos à alquimia. As sub-partículas fundamentais trabalham em nosso imaginário de modo a nos fazer sentir permanentes no universo, pois elas refletem na harmonia do *Shabat* a criação divina, unindo o Criador à sua imagem e semelhança pela Lei das Correspondências, citada na famosa **Tábua de Esmeralda de Hermes Trimegisto**⁴⁸.

⁴⁷ Citado em MALOGOLOWKIN, Michel (org.) – 1998.

⁴⁸ Nome do sábio e alquimista que deu origem à palavra “hermético” - termo usado até hoje no sentido de guardar fechado para conservar e fazer perdurar.

“O que está embaixo é como o que está acima, e o que está em cima é como o que está embaixo, para cumprir o milagre de algo Uno. E assim como todas as coisas saíram de uma coisa única, pela Vontade do Uno, assim todas as coisas nasceram desta única coisa por adaptação”.

SÉTIMA PARTE: REPOUSANDO EM NOSSAS
IMPRESSÕES FINAIS

CAPÍTULO DEZESSETE:

(CON)TEMPLANDO A CRIAÇÃO

O percorrer desta pesquisa nos fez retornar a tempos já quase esquecidos; tempos desconhecidos e também a tempos (re)conhecidos. Inicialmente motivados pelo desejo de explanar a respeito de um tempo vivido num templo - ambos sagrados - da infância e juventude, se transformou numa fantástica viagem que nos colocou de frente com um tempo que não precisa de templo para ser sagrado. Em meio a personagens lendários da nossa história sócio-cultural percebemos o quanto do potencial criador é refletido na criatura.

O *Shabat* ultrapassa as barreiras do tempo/espaço e nos faz repousar no imaginário mítico e místico do universo. E, num jogo de luz e sombras, desvendamos códigos de um contrato milenar, para depois compartilhá-los através desta pesquisa. Ao pesquisar e escrever, sentimo-nos também um pouco alquimistas - na busca da perfeição, da eternidade, do Criador. E, se o todo está nas partes, todos são um pouco (re)criadores, na medida em que fazem a aliança se conservar perpétua. Reinventando a tradição do *Shabat* foi possível torná-la parte integrante do cosmos.

A memória social de um povo está a salvo quando nos deparamos com as luzes das velas que dizem continuamente que é preciso “recordar” e “guardar”. Essa continuidade - reflexo da Lei de Deus - é estampada nas leis da natureza: onde a matéria é conservada apesar das substâncias transformadas.

Enxergar nas sub-partículas do universo a estabilidade do *Shabat* é antes de tudo um exercício antropológico do imaginário humano. Com isso podemos crer novamente na existência do retorno (eterno) da Pedra Filosofal. Retornando a cada sete dias em órbitas flutuantes, o espaço/tempo sagrado nos faz sentir no centro do cosmos, mesmo em meio ao caos. E essa passagem faz instaurar a própria cultura, a partir da criação e regularidade das leis. Regularidade essa fruto da repetição, da ritualização, da comemoração.

Comemora-se o velho com uma roupagem nova, pois se trata de uma majestade. Assim, a Rainha *Shabat* pede passagem, escoltada pela tradição ela atravessa a modernidade, para que pelas próximas gerações possa continuar com o que chamamos de (re)criação.

Mas ainda existem muitos diálogos escondidos dessa realeza que também se faz popular. E, em meio às prósperas interculturalidades desse cosmos de interdisciplinaridades, haverá novos códigos para decifrar. Pois o *Shabat* é uma voz em forma de onda e partícula que declara a existência da necessidade de um “*re-ligare*”.

“Em tempos de milênio temos que resgatar coisas que são milenares. A pausa é que traz a surpresa e não o que vem depois. A pausa é que dá sentido à caminhada. A prática espiritual desse milênio será viver as pausas. Não haverá maior sábio do que aquele que souber quando algo terminou e quando algo vai começar. Afinal, porque mesmo o criador descansou? Talvez porque mais difícil do que iniciar um processo do nada, seja dá-lo como concluído.” Bonder (2001:91).

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA SAGRADA. 1993. Almeida, João Ferreira de (Tradutor) - São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- ALVES, Rubens. 1998. O Enigma da Religião. 4ª Ed. Campinas: Papirus.
- ALFONSO-GOLDFARB. 2001. Da Alquimia à Química. São Paulo: Landy Editora.
- AMÂNCIO, Moacir. 1992. O Talmud. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda.
- AQUINO, Tomás. 1984. A arte da Alquimia e a Pedra Filosofal. São Paulo: Global Editora.
- ARENDT, H. 1992. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- ARROYO, Márcio Martínez (Org.). 1980. Textos Básicos de Alquimia. Buenos Aires: Dedalo Editora.
- AZRIA, Régine 2000. O Judaísmo. Bauru - SP.: Ed. EDUSC.
- _____. 2000. L'identité Juive au Miror de L'histoire. Revista Sciences Humaines. Nº 110, Novembro.
- BACCHICCHI, Samuel. 1999. Do Sábado para o Domingo. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- BACHELARD, Gaston. 2000 a. O Ar e os Sonhos. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- _____. 2000 b. A Poética do Espaço. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- _____. 1990. A Terra e os Devaneios do Repouso. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

- _____. 1989 a. *A Chama de uma Vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. 1989 b. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- _____. 1989 c. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- _____. 1988 a. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- _____. 1988 b. *Fragments d'une Poétique du Feu*. Paris: PUF.
- BALANDIER, G. 1982. *Antropológicas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- BARTH, Aron. 1965. *Valores Permanentes do Judaísmo*. Rio de Janeiro: Editora B'nai B'rith.
- BEZERRA, Felte. 1983. *Aspectos Antropológicos do Simbolismo*. Rio de Janeiro: GM Gráfica Medeiros Editora.
- BERNARDO-BERNARDI. 1974. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. São Paulo: Editora Edições 70.
- BONDER, Nilton & SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o Século XXI: o rabino e o sociólogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BORNHEIN, G. A. (1997). *In Tradição Contradição*. "O Conceito da Tradição". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte.
- CAHILL, Thomas. 1999. *A Dádiva dos Judeus*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda.

- CARVALHO, José Jorge (Org.). 1995. Mutus Liber: o livro mudo da alquimia. São Paulo: Atar Editora.
- CASCUDO, Luis da Câmara - 1978. Mouros e Judeus na Tradição Popular do Brasil. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura. Recife.
- CLARK, Grahamme - 1985. A Identidade do Homem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- DE MASI, Domenico. 2000. O Ócio Criativo. Rio de Janeiro: Ed. Sextante.
- DIAS, E. Mayone - 1999. Os Criptojudes da Faixa Fronteiriça Portuguesa. University of California, Los Angeles. (site: www.lusaweb.com/comunidades/faixa22.htm)
- DOUGLAS, M. 1976. Pureza e Perigo. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- DURAND, Gilbert. 1998. O Imaginário : Ensaio acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem. Rio de Janeiro : DIFEL Editora.
- _____. 1997. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes.
- DURKHEIM, Émile. 1996. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- _____. 1970. Sociologia e Filosofia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- ELIADE, Mircea - 1993. Tratado de História das Religiões. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

- _____. 1982. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- _____. 1978. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70.
- _____. 1957. Mitos, sonhos e Mistérios. Lisboa - Portugal: Edições 70 Editora.
- ELIADE, M. & COULIANO, I. P. 1995. Dicionário das Religiões. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- EVANS-PRITCHARD - 1978. Antropologia Social da Religião. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.). 2002. Linguagem, Identidade e Memória Social: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A.
- FILHO, Guilherme Stein. 1919. São Paulo: Sociedade internacional de Tratados no Brasil.
- GLASMAN, J. Bichmacher de - 1999. À Luz da Menorá - Introdução à Cultura Judaica. Rio de Janeiro, Ed. Zêfer.
- GEERTZ, Clifford - 1989. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S/A.
- GOLDBERG, David J. e RAYNER, Jonh D. - 1989. Os Judeus e o Judaísmo. Rio de Janeiro: Xenon Editora.
- HOBSBAWM, Eric. 1997. Introdução: A Invenção das Tradições. *In*: HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (Orgs.). A Invenção das Tradições. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- KAUFMAN, Tânia Neumann 2000. A Presença Judaica em Pernambuco. Recife: Ed.

- do Autor. Editora Bagaço.
- _____. (Org.) 1999. Série: Etnicidade. Cultura Judaica no Tempo e no Espaço. Revistas Antropológicas. PPGA-UFPE. Vol. 10, ano IV.
- LABURTHE-TOLRA, Philippe & WARNIER, Jean-Pierre - 1997. Etnologia - Antropologia. Petrópolis: Ed. Vozes.
- LAPLANTINE, François - 1996. Aprender Antropologia - São Paulo: Ed. Brasiliense.
- LEVI-STRAUS, Claude. 1993. Antropologia Estrutural II. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LIPINER, Elias. 1969. Os Judaizantes da Capitania de Cima. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- MAR, Juergen Heinrich. 1999. Pequena História da Química: dos primórdios a Lavoisier. Florianópolis: Ed. Papa-Livro.
- MAIR, Lucy - 1972. Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MALOGOLOWKIN, Michel (org.) - 1998. Shabát: a consagração do repouso. Rio de Janeiro: Ed. Exodus.
- MELLO, José Antônio Gonsalves - 1990. Gente da Nação: Cristão Novos e Judeus em Pernambuco, 1544-1654. Recife: Fundaj. Ed. Massangana.
- _____. 1987. Tempo dos Flamengos. Recife: Ed. Massagana.
- MORIN, Edgar. 1990. Introdução ao Pensamento Complexo. 2ª Ed. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. O Método IV - As Idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Lisboa: Europa-América, s./d.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org.). 1979. Mauss. São Paulo: Ed. Ática.

- _____. 1976. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Editora Livraria Pioneira.
- OUAKIN, Marc-Alain. 1995. Symboles du Judaïsme. Paris: Editicion Assouline.
- PETRINUS, Rubellus. 1997. A Grande Obra Alquímica. Lisboa: Hugin Editores.
- Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil; Denúncias e Confissões de Pernambuco. 1593-1595. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDARPE. Coleção Pernambucana. 2ª fase, Vol. XIV.
- RATTNER, Henrique. 1977. Tradição e Mudança - A comunidade judaica em São Paulo. São Paulo: Ed. Ática S.A.
- RIBEMBOIM, José Alexandre. 2000. Senhores de Engenhos: judeus em Pernambuco colonial, 1542-1654. - 5ª Ed. - Recife: Ed. do Autor. Produção Editorial: 20-20 Comunicação e Editora.
- ROBERTS, J. M. 2000. O Livro de Ouro da História do Mundo. Rio de Janeiro: Ediouro.
- SAHLINS, Marshall. 1990. Ilhas de História. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora.
- SCHLESINGER, Hugo. 1982. Meus Irmãos Famosos: judeus de ontem e hoje a serviço da humanidade. São Paulo: Ed. B'nai B'rith.
- SHELDRAKE, R. 1995. A Presença do Passado. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. 1991. O Reencantamento da Natureza. São Paulo: Cultrix.
- THIOLLENT, Michel. 1982. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo: Ed. Polis.
- TRIMEGISTO, Hermes. 1973. A Tábua de Esmeralda. São Paulo: Ed. Hemus.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes & PUGLIESE, Márcio. 1995. Química Básica Teórica. 3. ed. São Paulo: Ed. Ícone.

- TRIVIÑOS, A, M. - 1987. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas.
- UNTERMAN, Alan. 1992. Dicionário Judaico de Lendas e Tradições. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- VAN GENNEP. 1978. Ritos de Passagem. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.
- VELHO, Gilberto. 1999. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades modernas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VIEIRA, Nelson H. 1994. Construindo a Imagem do Judeu: algumas abordagens teóricas. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- WALDSTEIN, Arnold. 1973. Os Segredos da Alquimia. Lisboa: Ed. Europa-América.
- WIZNITZER, Arnold - 1996. Os Judeus no Brasil Colonial. São Paulo: Livraria Pioneira Editora da Universidade de São Paulo.

SITES PESQUISADOS:

<http://www.ceveh.com.br/ahjb>.

<http://www.csasp.g12.br/stoameonline/quimica/alquimistas.htm>.

<http://www.astrologia.sapo.pt/X8FB/260652.html>.

http://www.moderna.com.br/quimica/quimica_am/qantiga/0004

<http://www.lusaweb.com/comunidades/faixa22.htm>

<http://astrologia.sapo.pt/X8FB/260652.html>

<http://www.morasha.com.br>

<http://www.triplov.com/alquimias/rgoncalves1.htm>

ANEXOS



ANEXO 1

Jantar de celebração do *Cabalat Shabat* na residência de um dos interlocutores.



ANEXO 2:
Local de reunião da Congregação Israelita de Pernambuco (CIPE/Grupo Renascer).



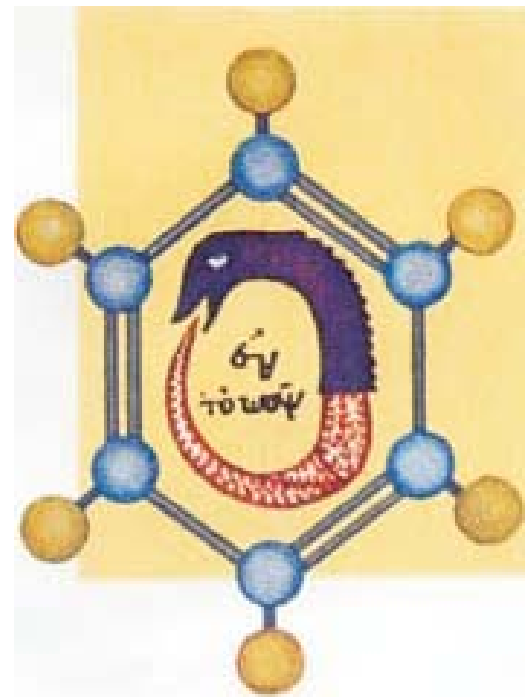
ANEXO 3:
Momento de servir a *chalá* para os participantes do *Cabalat Shabat*.



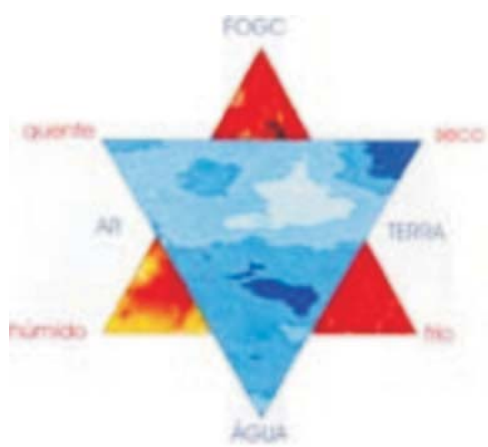
ANEXO 4:
Momento do lanche após a cerimônia do *Cabalat Shabat*.



ANEXO 5:
Cerimônia do *Chanuká* que aconteceu num *Shabat*.

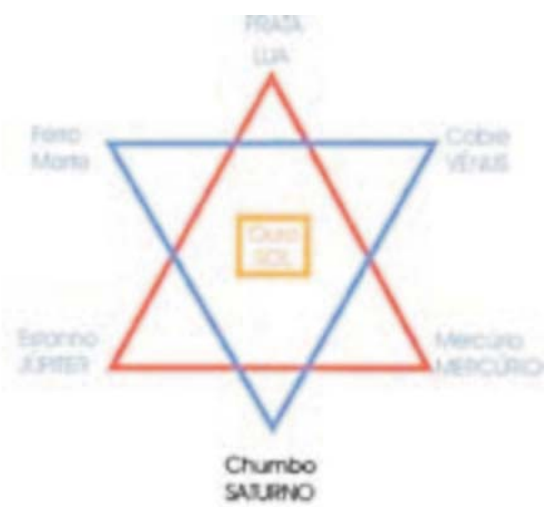


ANEXO 6:
Símbolos alquímicos da Serpente Uroborus.



(a)

Figura 1



(b)

**ANEXO 7:
Selo de Salomão (símbolo alquímico).**



Fonte: VASCONIA, Giovanni di. *Maria a Judia*. Gravura constante manuscrito Fiore de' Fiori (Flor das Flores), depositado na Biblioteca Nazionale Victor Emanuele em Nápoles, e que representa uma das sete visões de Maria, a Profetisa à procura da Pedra Filosofal.

ANEXO 8:
Uma das sete visões de Maria A Judia.



ANEXO 9:
Tradição “de geração a geração” (netas com sua avó).
Acendimento das velas do *Shabat* na comemoração do *Bat Mitzvá*.